

Estudos Japoneses

nº37 – 2017

ISSN 2447-7125

ESTUDOS JAPONESES

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: Prof. Dr. Marco Antonio Zago

Vice-Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Diretora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Vice-Diretor: Prof. Dr. Paulo Martins

DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS

Chefe: Profa. Dra. Safa Alferd Abou Chahla Jubran

Vice-chefe: Profa. Dra. Shirlei Lica Ichisato Hashimoto

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES

Diretor: Prof. Dr. Wataru Kikuchi

Vice-Diretora: Profa. Dra. Junko Ota

Comissão Editorial:

Eliza Atsuko Tashiro Perez (FFLCH-DLO-USP)

Geny Wakisaka (FFLCH-DLO-USP)

Junko Ota (FFLCH-DLO-USP)

Koichi Mori (FFLCH-DLO-USP)

Leiko Matsubara Morales (FFLCH-DLO-USP)

Luiza Nana Yoshida (FFLCH-DLO-USP)

Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro (FFLCH-DLO-USP)

Neide Hissae Nagae (FFLCH-DLO-USP)

Shirlei Lica Ichisato Hashimoto (FFLCH-DLO-USP)

Wataru Kikuchi (FFLCH-DLO-USP)

Conselho Editorial Científico:

Alexandre Ratsuo Uehara (Faculdades Integradas Rio Branco)

Cecilia Onaha (Universidad Nacional de La Plata, Argentina)

Eli Aisaka Yamada (UFRJ)

Eliza Atsuko Tashiro Perez (FFLCH-DLO-USP)

Elza Taeko Doi (Unicamp)

Hiroyuki Honda (Japan Advanced Institute of Science and Technology, Japão)

Laura Tey Iwakami (UECE)

Makiko Matsuda (Kanazawa University, Japão)

Masato Ninomiya (FD-USP)

Pedro Alberto Ganaja Kamisato (Escuela de Posgrado de la Universidad San Ignacio de Loyola, Peru)

Rafael Shoji (PUC, São Paulo)

Sakae Murakami Giroux (Université de Strasbourg, França)

Seiichi Nakai (Toyama University, Japão)

Shinji Sato (Princeton University, EUA)

Shozo Motoyama (FFLCH-DH-USP)

Tae Suzuki (UnB)

Yoshio Watanabe (Kokugakuin University, Japão)

Yumi Garcia dos Santos (FAFICH-UFMG)

Yuki Mukai (UnB)

Yuriko Sunakawa (University of Tsukuba, Japão)

Editora Responsável:

Leiko Matsubara Morales

Editores:

Eliza Atsuko Tashiro Perez

Leiko Matsubara Morales

Assistente de Publicação:

Rafael Sposito

Capa:

Larissa Casteliani Marinho Falcão

Seleção e tradução do poema:

Luiza Nana Yoshida

Organização:

Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo - CEJAP-USP

Curso de Língua e Literatura Japonesa – DLO-FFLCH-USP

Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa – DLO-FFLCH-USP

Toda correspondência deverá ser enviada ao

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Av. Prof. Lineu Prestes, 159

Cidade Universitária

05508-900 – São Paulo – Brasil

Fone: (0XX11) 3091-2426/2423

e-mail: estudosjaponeses@usp.br

ISSN 1413-8298

e-ISSN 2447-7125

ESTUDOS JAPONESES

FFLCH / USP

Estudos Japoneses, São Paulo, n. 37, 2017

Copyright © 2017 autores

Catálogo da Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Estudos Japoneses / Centro de Estudos Japoneses. Departamento de Letras Orientais.
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo.
- n. 1 (1979) - . - São Paulo: Oficina Editorial, 1979 -

Semestral.

Artigos publicados em Português, Inglês, Francês, Espanhol e Japonês

Descrição baseada em: n. 25 (2005).

ISSN 1413-8298

1. Literatura Japonesa. 2. Língua Japonesa. 3. Estudos Japoneses. 4. Cultura Japonesa.
I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
Departamento de Letras Orientais. Centro de Estudos Japoneses.

CDD 895.63
495.65
306.952

Coordenação Editorial
Leiko Matsubara Morales

Diagramação
Simonia Fukue Nakagawa MTb 0010837/PR

Revisão
Autores

SUMÁRIO

EDITORIAL	7
A GEOMETRIA DO UNIVERSO: TEMPO E ESPAÇO EM <i>AVALOVARA</i> E EM <i>1Q84</i>	9
<i>Cacio José Ferreira</i>	
ESTUDOS DE JAPONOLOGIA NO PERÍODO MEIJI	19
<i>Elisa Massae Sasaki</i>	
O ENIGMA DA MARQUESA DE SADE: REALIDADE E IDEAL NO TEATRO DE MISHIMA	33
<i>Karen Kazue Kawana</i>	
AÇÕES INFLUENTES NA AQUISIÇÃO DA ORALIDADE EM LÍNGUA JAPONESA COMO LE	43
<i>Lincoln Ferreira de Araújo</i> <i>Kyoko Sekino</i>	
SOBRE O MODELO FAMILIAR DE <i>IE</i> E SEU DEVIR NA CONTEMPORANEIDADE: DESLOCAMENTOS E RESILIÊNCIA.....	69
<i>Martín Fabreau Martinez</i>	
A CHEGADA DOS FRANCISCANOS AO JAPÃO E O INÍCIO DA QUERELA MISSIONAL	83
<i>Renata Cabral Bernabé</i> <i>Giuseppe Marino</i>	
A INSERÇÃO DO JAPÃO NO TRATADO DE PARCERIA DO PACÍFICO (TPP).....	105
<i>Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazki</i>	
NARRATIVAS DE <i>GENJI</i> NO PERÍODO MEIJI (1868 - 1912): DO PONTO DE VISTA DA RELAÇÃO LITERATURA E ESTADO	119
<i>Rei Kufukihara</i>	

EDITORIAL

A temática sobre Estudos Japoneses vem ampliando seu alcance e as pesquisas estão ganhando olhares cada vez mais plurais e interdisciplinares, graças à inserção de outras áreas de conhecimento, tais como Economia, Direito, Sociologia e Linguística Aplicada, como pode ser conferido pelos artigos aqui publicados.

O fazer a pesquisa sobre Estudos Japoneses estando fora do Japão, mesmo nos dias de hoje, requer obstinação e dedicação dos pesquisadores, inclusive para superar um certo isolamento. Diante de tal situação, temos cada vez mais de intensificar diálogos com colegas não somente do Japão, como de países mais próximos como os da América Latina, ou com a Europa e os Estados Unidos – indiscutivelmente os maiores centros de pesquisa e fazer parcerias. O diálogo não é apenas para trazer palestrantes daqueles países e sim fortalecer pesquisas interinstitucionais conjuntamente. O diálogo não deve se encerrar numa visita unilateral dos brasileiros à Terra dos Monges e Samurais. É necessário um intercâmbio intelectual de mão dupla permanente. Um dos caminhos estratégicos seria a Dupla Titulação, principalmente no nível da Pós-Graduação, pois além de intensificar esse intercâmbio, incluiria no seu processo os discentes – os novos pesquisadores – juntamente com os docentes.

A língua e cultura japonesa já foram consideradas exóticas e, por isso, o seu estudo permeável somente aos descendentes. No entanto, hoje não se encontra resistência temática quando se trata de pesquisas em nível de Pós-Graduação. Muitos discentes são não-descendentes e estudam com afinco a língua e cultura japonesa. Além disso, temos tido o privilégio de receber alunos de várias instituições públicas de ensino superior com Japonês na graduação, bem como de universidades particulares, revelando o crescente interesse dos bacharéis e licenciados em prosseguir seus estudos a nível de Pós-Graduação *stricto sensu*, com o consequente aumento do número de pesquisas que tomam formas de artigos em periódicos especializados como acontece com a revista *Estudos Japoneses*.

Com a democratização das informações propiciada pela revolução digital, tornamos a revista Estudos Japoneses *on line* de acesso livre, estando todos os números anteriores também disponíveis no Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo (SIBi). Dessa forma, como um reflexo desse novos tempos, apresentaremos o presente volume sobre uma plataforma digital, mantendo um conteúdo bastante heterogêneo quanto à área de conhecimento pela qual se analisam o Japão, sua cultura e sociedade etc.

Neste número, temos em “A Geometria do Universo: Tempo e Espaço em *Avalovara em 1Q84*”, uma pesquisa realizada por Cacio José Ferreira, docente da Universidade Federal do Amazonas, sobre as obras *Avalovara*, de Osman Lins, e *1Q84*, de Haruki Murakami, sob a perspectiva comparada. O pesquisador busca encontrar traços de tempo e espaço comuns, no terreno da criação e intertextualidade.

Elisa Massae Sasaki, docente da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, faz uma incursão no período Meiji (1868-1912), investigando o contexto sociocultural e intelectual da época, em contraste aos Estudos Holandeses e de Confucionismo. Aborda também o incentivo da ida de estrangeiros ao Japão no artigo “Estudos de Japonologia no Período Meiji”.

No trabalho “O Enigma da Marquesa de Sade”, Karen Kazue Kawana, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, explora um aspecto pouco divulgado do escritor Yukio Mishima como autor de peças de teatro, focando no drama Marquesa de Sade de 1965.

Recebemos nesse número ainda uma contribuição da área de Linguística Aplicada. Em “Ações Influentes na Aquisição da Oralidade em Língua Japonesa como LE”, estudada por Lincoln Ferreira de Araújo e Kyoko Sekino, respectivamente licenciado e docente da Universidade de Brasília, observa-se a influência da metodologia de ensino adotada pelo professor na aprendizagem da língua japonesa como LE, salientando a importância de se adequar a metodologia de ensino de acordo com o *feedback* dos alunos e também da percepção do professor em relação ao aproveitamento do tópico introduzido em aula.

Martín Fabreau Martínez, docente da Universidad de la República, Uruguai, participa neste volume com o trabalho “Sobre o Modelo Familiar de Iê e suas Articulações na Contemporaneidade: Mudanças, Permanências e Deslocamentos”. Aborda cronológica e dinamicamente o conceito de Iê, no contexto de migrações transnacionais, ressignificando-o em casos concretos a partir da correlação estabelecida entre nikkeis de Pernambuco e Bahia.

Em “A Chegada dos Franciscanos ao Japão e o Início da Querela Missiológica”, Renata Cabral Bernabé, doutoranda do Programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, e Giuseppe Marino, professor da Universidade Fudan, China, realizam um estudo de um manuscrito inédito, de autoria desconhecida, procedente do arquivo da Real Academia de História de Madri, tratando da disputa que houve no Japão, entre final do século XVI e início do século XVII, entre missionários de diferentes ordens religiosas.

Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki, docente da Universidade de São Paulo, analisa “A Inserção do Japão no Tratado de Parceria do Pacífico (TPP)”, a partir de dados socioeconômicos e comerciais das doze nações que assinaram esse acordo internacional.

Finalizamos este volume com a tradução de um artigo intitulado “Narrativas de Genji no Período Meiji (1868-1912) – do ponto de vista da relação Literatura e Estado” de Rei Kufukihara, professora e atual reitora da Aichi Prefectural University, em que o tema é versado a partir da visão de três literatos no período Meiji. O artigo busca referência na obra *Genji Monogatari* através do intertexto, travando diversos questionamentos sobre valores político e socioculturais da época. A autora, através desses três literatos destaca a emergência do Japão perante a sociedade londrina por meio de tradução; a influência impiedosa do Estado sobre a vida individual do povo, como, por exemplo, contesta a Guerra Russo-Japonesa na época em que o Estado tomava a vida das pessoas; visão feminina da situação em que estavam submetidas sem, no entanto, poder superar sua condição perante a situação vigente.

Leiko Matsubara Morales
Editora responsável

A GEOMETRIA DO UNIVERSO: TEMPO E ESPAÇO EM *AVALOVARA* E EM *IQ84*

*Cacio José Ferreira*¹

Resumo: O presente artigo investiga comparativamente as obras *Avalovara*, de Osman Lins, e *IQ84*, de Haruki Murakami, sob a perspectiva de especificidades dos discursos nos dois romances em contraste, buscando identificar traços de tempo e espaço comuns, significativos e relevantes que se estabelecem no terreno da criação e intertextualidade, a fim de, por meio do estudo aprofundado e do desvendamento das questões temporais e espaciais, perceber as diferenças, assim reconhecendo elementos fundantes do território literário dos autores, em suas searas criativas e ideológicas, que obviamente se conectam com todo o entorno – os seus tempos e os seus espaços. Dessa forma, compreendendo as relações quanto à questão temporal, espacial, à geometria, à duplicidade e aos textos, cada qual à sua maneira, localizando traços de similaridade na arquitetura das obras.

Palavras-chave: Osman Lins; *Avalovara*; Haruki Murakami; *IQ84*; Espaço e tempo.

Abstract: This paper investigates comparatively the literary works *Avalovara*, by Osman Lins and *IQ84*, by Haruki Murakami, from the perspective of specific speeches in the two novels in contrast, seeking to identify meaningful and relevant common perspectives on space and time, established in the field of creation and intertextuality in order to, understand the differences, by means of in-depth study and revealing the temporal and spatial issues, thereby recognizing the founding elements of the literary realm of the authors in their creative and ideological grain-fields, which obviously connect with all the surroundings - their times and their spaces. Thus, understanding the relationships on the temporal matter, space, geometry, duplicity and texts, each in their own way, finding traces of similarity in the construction of the literary works.

Keywords: Osman Lins; *Avalovara*; Haruki Murakami; *IQ84*; Space and time.

1. Introdução

Do escritor pernambucano Osman Lins (1924-1978), *Avalovara* (1973) é considerado um dos mais engenhosos romances da literatura brasileira. Nele,

¹ Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e professor de Letras – Língua e Literatura Japonesa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) – Manaus-AM – Brasil; caciosan@hotmail.com.

o foco narrativo oferece muitos caminhos de acesso e não fixa a contemplação dos acontecimentos em um determinado ponto do tempo e do espaço “permitindo ao leitor adentrá-lo de diversas maneiras, mas que, no fundo, é rigorosamente arquitetada por um construtor onipresente, em perfeita consonância com a concepção de que a narrativa é uma cosmogonia” (NITRINI, 2010, p. 153).

A construção do texto de Osman Lins extrapola as possibilidades da arte ao suscitar uma torrente de imagens onde o leitor “é um indivíduo que trabalha com riscos” (LINS, 1979, p.216). Nesse sentido, os riscos aparecem e desaparecem na medida em que a geometria produz os contornos da tessitura do texto. A desatenção do leitor, mesma que por uma fração de segundos, deixa escapar traços importantes para o entendimento do romance. E apesar de ser incontestavelmente uma obra densa, parece ainda ser transparente devido às sensações transmitidas pelos personagens, conforme indica o escritor em uma entrevista à Revista Escrita: “parecem o chumbo e o vidro do romance” (LINS, 1979, p. 217). Dessa forma, as teias da narrativa de *Avalovara* constroem uma rede de conexões por meio de uma visão aperspectivista com o mundo que o circunda.

Tal emaranhado de fios que tecem a escritura e a ordem do mundo impele o leitor de *Avalovara*, a outra obra, a outro romance contemporâneo, igualmente envolto pelo tear das palavras: *IQ84* (2009), de Haruki Murakami. Desse modo, a confluência da arquitetura de mundos e espaços bem arquitetados, o estudo comparativo do tempo e do espaço em *Avalovara* face ao novo trabalho do japonês Haruki Murakami, *IQ84* – textos que, por sua vez, também oferecem reflexos de tempos e espaços formando, dessa forma, a autoconsciência do indivíduo em si, no paralelismo de mundos, de contruções humanas que se embriagam de elementos maravilhosos, de fragmentos resgatados do inconsciente, elaborando a geometria de espaços e de tempos, assemelhando-se, assim, ao brilho do sol nos vitrais, presente na narrativa de Osman Lins – criando uma anáclase. Em *IQ84*, a realidade paralela também é uma refração, principalmente por meio do uso da imagem da lua. Uma lua que emite luz, mas diverge na cor ou se duplica, assemelhando-se a um cristal.

Em relação ao texto de Haruki Murakami, o teórico Fuminobu Murakami postula que ele representa “uma visão pós-moderna, e os seus personagens sentem-se confortáveis ao se distanciarem da racionalização extrema, das emoções que circundam a vida diária, favorecendo, assim, o desapego e a indiferença” (MURAKAMI, 2005, p. 22). Tal afirmação confirma que o distanciamento da realidade é realizado pela dupla engrenagem que brota do inconsciente dos personagens. Ainda não há uma nitidez na cor que chega aos olhos. A consciência do real só será notada após percorrer os caminhos geométricos tecidos nos textos de Murakami, sob a claridade das duas luas. Dessa forma, ao compararmos a arquitetura das luas de Haruki Murakami com os contornos geométricos de Osman Lins, abre-se mais uma possibilidade de entreteçamento do tempo e do espaço, de ambas as obras. Em torno dessa ideia, em *Lima Barreto e o Espaço Romanesco*, Osman Lins afirma:

Move-se o homem e recorda o passado. Nada disto o pacifica ante o espaço e o tempo, entidades unas e misteriosas, desafios constantes à sua faculdade de pensar. Acessíveis à experiência imediata e esquivos às interrogações do espírito, sugerem - espaço e tempo – múltiplas versões, como se monstros fabulosos (...). A narrativa é um objeto compacto e inextrincável, todos os seus fios se enlaçam entre si e cada um reflete inúmeros outros (LINS, 1976, p. 63).

Portanto, é coerente o entrelamento dos romances na proposta do espaço e do tempo, conjugando-se as duas obras por meio do plano simbólico, entre o rigor de uma lógica política unilinear e irreversível da matemática e o campo da linguagem. A cosmogonia de *Avalovara* também figura na quadratura do mundo duplo de *IQ84*. Tal ideia pode ser fundamentada na afirmação de Brunel, na obra *Que é Literatura Comparada?*: “notam-se em literaturas diferentes florescimentos análogos que não se explicam inteiramente pelo jogo das influências” (BRUNEL, 1997, p. 57). A correlação em ambas a obras existe por meio da escritura que se destaca pela geometria do universo presente no texto e pela anáclase que eclode de vitrais e luas.

Na obra de Haruki Murakami, assim como no romance de Osman Lins, a escrita configura-se como mediadora e criadora da força que move o universo da escritura – é a palavra e o seu tempo – a voz que esclarece, humaniza o inconsciente e conecta espaços e períodos, não simplesmente pela temática que se apresenta ou resguarda, mas principalmente pela linguagem que range pela força deslocada para corda que contorna o espaço geométrico das narrativas e se firma enquanto discurso literário, conforme esclarece Bakhtin:

Para o gênero romanesco, não é a imagem do homem em si que é característica, mas justamente a *imagem de sua linguagem*. Mas para que esta linguagem se torne precisamente uma imagem de arte literária, deve se tornar discurso das bocas que falam, unir-se à imagem do sujeito que fala (BAKHTIN, 2002, p. 138).

Portanto, espaço e tempo contornam e ligam-se à imagem dos personagens de *IQ84* e *Avalovara*. A escada que Aomame desce, após deixar o táxi, leva à refração do mundo e o tapete, que é cenário da transfiguração da vida de Abel e a personagem sem nome, configura-se no paraíso.

2. A geometria do tempo e do espaço

Osman Lins e Haruki Murakami utilizam com precisão a linguagem simbólica traçando perfis nas narrativas e elaborando um universo observável, ou seja, tudo é pensado geometricamente. Nada foge ao espaço delineado. No entanto, a visão aperspectivista permite vários acessos ao mesmo ponto e, a partir do ponto central,

várias possibilidades de percurso. A organização do cenário se expande e contorna a fala dos personagens, gerando assim, novas quadraturas. Nesse sentido, versando sobre o “nome do autor”, sua qualidade referencial, que lhe concede identidade na linguagem e no estilo mesmo de seus traços, temos a partir de Foucault a seguinte formulação:

(...) um nome de autor não é simplesmente um elemento em um discurso (...) assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros. (...) o nome do autor funciona para caracterizar um certo modo de ele ser do discurso: para um discurso, o fato de haver um nome de autor, o fato de que se possa dizer “isso foi escrito por tal pessoa”, ou “tal pessoa é o autor disso”, indica que esse discurso não é uma palavra cotidiana, indiferente, uma palavra que se afasta, que flutua e passa, uma palavra imediatamente consumível, mas que se trata de uma palavra que deve ser recebida de uma certa maneira e que deve, em uma dada cultura, receber um certo status.

Chegar-se-ia finalmente a ideia de que o nome do autor não passa, como o nome próprio, do interior de um discurso ao indivíduo real e exterior que o produziu, mas que ele corre, de qualquer maneira, aos limites dos textos, que ele os recorta, segue suas arestas, manifesta o modo de ser ou, pelo menos, que ele o caracteriza (FOUCAULT, 2001, p. 271).

A ruptura a que se refere pode ser a pista de reconhecimento das vozes nos textos e assim nestes se autoriza a contraposição e, partindo dela, a mediação. E, ainda, segundo a afirmação de Homi Bhabha, “as diferenças não podem ser negadas ou totalizadas porque ocupam de algum modo o mesmo espaço” (BHABHA, 2005, p. 247).

O escritor preocupado com a mediação e a escrita contesta e rompe normas, por seu turno, o tempo e o espaço, elemento de peculiar importância no solo literário que converge, harmonicamente, ação, personagens, o ir e vir, criando, desse modo, o caráter de um determinado setor da sociedade. Para Osman Lins,

(...) o espaço move constantemente o escritor a necessidade de romper normas, de constatar o que aparece assentado. Não seria, por exemplo, destituída de interesse uma narrativa na qual o espaço se construísse a partir da personagem. Tal narrativa, aliás, já tem o seu modelo no *Gênesis* e em outros mitos cosmogônicos (LINS, 1976, p. 72).

A partir desse raciocínio, a escada de uma rodovia, o voo iluminado do pássaro transparente que aparece próximo aos vitrais ou a lua dupla que Tengo observa no parque, enquanto faz perscrutação na memória, revelam pedaços de tempos e espaços, mas é exigida do leitor uma percepção aguçada e ele deve dispor da capacidade de

decifrar, entender que o tempo e o espaço podem revelar até mesmo dos gestos, ainda que refratários, de um personagem. Assim como a memória, composta de fragmentos de tempos e instantes, os instantes de tempos são captados e oferecidos aos personagens para a concretização de sua interação social. Tudo se assemelha a uma fresta que rompe a realidade completa e interna do personagem e dá a ele a capacidade de se interagir com tempos e espaços concretos, mas que só é possível naquele momento e naquela fresta rompida. Nesse viés, Bergson enfatiza que

não bastam a si mesmos, uma vez que o escoamento não implica uma coisa que se escoar e a passagem não pressupõe estados pela qual se passa: a coisa e o estado não são mais que instantâneos da transição artificialmente captados; e essa transição, a única que é naturalmente experimentada é a própria duração (BERGSON, 2006, p. 50).

Pensando na ideia acima, o inconsciente se rompe, captando os contornos dos objetos externos, a vida e os diversos caminhos que existem na palavra. Nesse sentido, o ato da escrita supõe escolhas, fissura da totalidade interna e a apreensão do tempo e do espaço externos – das mínimas às de grande porte – e, por cada uma delas, os relâmpagos imaginativos e criativos que compõem e delineiam os caminhos a ser vencidos pelos personagens, engendram a invenção e possibilitam a armação de um mundo que ainda assim não está pronto.

Porquanto, diante da página em branco, todas as possibilidades de construção da geometria da escrita; diante da consolidação do texto, a cosmogonia já traçada, a necessária inquietação de concluir em escalas imaginativas o mundo que se desvela e ordena a obra recém-criada. O universo ali ordenado condensa uma espécie de completude, permeado os textos de *IQ84* e de *Avalovara*.

Nesse viés, Osman Lins afirma: “O homem diante de uma página em branco é o homem mais livre do mundo” (LINS, 1979, p. 203). A palavra desenhada na página transforma-se em literária, converge-se em tempo e espaço e não aceita a imposição de uma única verdade, mas conduz o escritor ao enquadramento do mundo sob múltiplas performances. Tal afirmação também condiz com o trabalho de Haruki Murakami. Blanchot amplia essas possibilidades ao afirmar que aquele que escreve

parece senhor de sua caneta, pode tornar-se capaz de um grande domínio sobre as palavras, sobre o que deseja fazê-las exprimir. Mas esse domínio consegue apenas colocá-lo e mantê-lo em contato com a profunda passividade em que a palavra, não sendo mais do que sua aparência e a sombra de uma palavra, nunca pode ser dominada nem mesmo apreendida, mantém-se inapreensível, o momento indeciso da fascinação (BLANCHOT, 1987, p. 15).

De uma forma peculiar, *Avalovara* e *IQ84* fragmentam a leitura pela refração. Levam o leitor a ter vislumbres extraordinários e que podem causar a estranha sensação de que já é conhecido, embora seja absolutamente novo – e inovador. Talvez a convivência com um mundo literário caótico e ao mesmo tempo rigorosamente estruturado com a trama e com os elementos criados por Osman Lins e Haruki Murakami sejam, em parte, a causa disso. A linha S6, em *Avalovara – A espiral e o quadrado* – exterioriza essa realidade.

Chega assim, de experimento em experimento, à sua frase em ângulo, vista entre espelhos invisíveis que ao mesmo tempo a cortam e a completam — e que, gravada em pedra, reproduzida em pergaminhos, se difundirá pelo mundo, intrigando os que com ela se defrontam e que inutilmente pensam em desmontá-la, alterá-la, subtrair-lhe uma só letra, pois a frase nos fita como um olho, inviolável, circular na sua quadradura, tão perfeita que tocá-la é ferir uma pupila a golpes de estilete (LINS, 1973, p.32).

Por conseguinte, a construção do tempo e do espaço, em *Avalovara* e em *IQ84*, em meio à quadradura da composição acontece pela via do preenchimento das páginas em branco e por meio da palavra criadora, revelando uma possibilidade de reflexão, assim como Blanchot põe sobre a indeterminação do *ele*.

«Eles» é a maneira na qual (ele) se liberta do neutro tomando emprestado à pluralidade uma possibilidade de se determinar, por ali voltando comodamente à indeterminação, como se (ele) pudesse encontrar ali o índice suficiente que lhe fixaria um lugar, aquele, muito determinado, onde se inscreve todo indeterminado. (BLANCHOT, 1973, p. 10).

Em *IQ84*, por exemplo, Haruki Murakami sobrepõe duas histórias. Dois mundos coexistem e invadem a mente de Aomame abrindo uma fenda na jovem comum, aparentemente, que vive no Japão cumprindo a simultaneidade de trabalhos: preparadora física e assassina. No entanto, a determinação dupla de Aomame a torna quase indecifrável. A refração da consciência em fazer ou não o trabalho de privar da vida um indivíduo escreve nos contornos descritivos uma espécie de invólucro de segredos. Junto com a construção do cenário que faz debuxar o perfil dela, a *Sinfonietta*, de Janáček produz ondas que distorce o tempo e o espaço, tornando-os, aparentemente, disformes, porém muito bem organizados. Ainda em *IQ84*, o mundo dos homens pequeninos se une ao mundo burocrático (política e economia) por meio de corpos humanos e da reescrita de um romance denominado *A crisálida de ar*. Novamente, o mundo maravilhoso se expande, rompe o envoltório, unindo-se ao cenário externo.

Ora, apesar de persarmos que *IQ84*, um livro devotado por uma leitura aparentemente menos densa, ao inverso de *Avalovara*, o leitor menos atento pode perder-se nos relampejos

que iluminam os sulcos e apresentam os dois mundos fragmentados e unidos pelo romance construído dentro da narrativa. Assim, as rachaduras permitem sondar o tempo e o espaço dos romances brasileiro e japonês nas histórias pelo universo das palavras. Nos romances, um dos encontros que assume vulto acontece na linha A 19 – Roos e as cidades, de *Avalovara*, e na afirmação do personagem Tamaru, em *IQ84*. Assim dizem:

Estudo a tal ponto o mapa de Londres, que já não vejo apenas seu traçado e nomes — Kingsway, Oxford St., Green Park, river Thames —, irias a própria cidade, real e imaginária, construída no quarto, ao longo da tarde, com pedras, fotografias, gravuras antigas, páginas de romances, clichês, telegramas de jornais. A vã caçada na Itália e coisas subsequentes fazem-me crer que não mais existe no mundo, com as suas três muralhas, incólume, a Cidade vista um dia (perto de mim e como situada à distância, pois não é muito maior que um vestido, e, tal um vestido bordado a ouro e pedras, mergulha na água calma e some) e que, portanto, acabaram as minhas buscas (LINS, 1973, p. 217).

Estamos a chegar ao fim do século XX, as coisas são muito diferentes do que eram no tempo de Tchekhov. Já não há carruagens puxadas a cavalo nem as mulheres usam espartilho. Não sei bem como, o mundo sobreviveu aos nazis, a bomba atômica, à música moderna. Até mesmo a forma dos romances alterou drasticamente. Não tens de te preocupar (MURAKAMI, 2012, p. 462 – Tomo III).

A lógica da criação osmaniana mantém-se coerente com o plano do autor, o que também ocorre com Haruki Murakami, apesar de países diferentes. Segundo afirmações de ambos, e os textos autorais assim confirmam, o relâmpagos abrem as fissuras e anunciam que o tempo e o espaço no romance direcionam para outro caminho. Ou simplesmente iluminam o cenário que circunda o personagem. A ele cabe escolher aquele que o olhar atento, rápido e geométrico captou no abrir da fissura e da refração das imagens. Por conseguinte, a matemática, a lógica e a geometria, bem como as dobras do degrau da escada, constituem-se em bases para as tramas. Assim, cabe ao indivíduo “manter-se informado sobre filosofia, belas-artes, história e política; e dotar-se de mobilidade no tempo e no espaço” (BRUNEL, 1995, p. 144).

3. Conclusão

Portanto, no rastro dos indicativos de duplicidade, visão mutiplicada, transformação e muito peculiarmente a entrada em um mundo dentro de outro mundo, os dois autores tomam, por exemplo, a realidade aparente como meio de passagem para outro lugar. O duplo é criado a partir da refração, um palíndromo da realidade. Na linha R 21, de *Avalovara*, por exemplo, a duplicidade aparece na construção do viaduto Santa Efigênia, simbolizando o verter da ideia em criação do texto por meio da palavra forjada.

Eis um W, vegetal e zoológico (gaviões nas escamas das serpentes, bodes nas penas dos gaviões e girassóis nos chifres dos bodes), um W oscilante, os duplos vértices da base emaranhados entre os ferros do viaduto Santa Efigênia. Os dois arcos sobre os quais se apóia o viaduto parecem abrir-se com o peso do arcabouço e dos ônibus lotados. Rasgando-se nos rebites que estouram como botões numa túnica estreita, ergue-se o W, desprende-se e tomba, estandarte sem mastro, sobre as fuliginosas árvores da praça e nas copas sem viço floresce uma primavera breve e inesperada (LINS, 1973, p.368).

Em *IQ84*, a duplicidade também é reflexo do real, de um tempo e de um espaço conhecidos. No romance, as luas apresentam parselhas do mundo disforme. Não obstante, é geometricamente coerente e perceptível aos olhos dos personagens. Eclode, a partir do inconsciente, a consciência interior, aproveitando novamente a fala de Bergson. A luz se apresenta, ainda que no instante de um relampaguear, uma nova maneira de enxergar o derredor.

No céu havia duas luas: uma pequena e outra grande. As duas estavam emparelhadas. A lua grande era a mesma que ela (Aomame) estava acostumada a ver. Era quase uma lua cheia e de cor amarelada. Mas, ao lado dessa, havia uma outra, bem diferente. Uma lua que ela nunca tinha visto antes. Tinha o formato irregular e sua cor era levemente esverdeada, como se tivesse a superfície coberta por musgos. Era o que a sua vista captava (MURAKAMI, 2012, p. 276 – tomo I).

Nota-se, porquanto, que a ramificação da abordagem do tempo e do espaço pode ser bem mais construída do que se supõe em ambos os romances. Há um caminho, e em seus meandros estão as possíveis manifestações, as revelações da palavra de cada um dos personagens, bem como suas invenções. Nesse sentido, na revelação surge um novo mundo, corroborando com a afirmação de Mircea Eliade:

o mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos (...) em última análise, o Mundo se revela enquanto linguagem. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos (ELIADE, 2007, p. 125) .

O tempo e o espaço em *Avalovara* e em *IQ84* fazem menção a essa busca, a qual, na literatura, não se resguarda do espanto diante do maravilhoso mundo da palavra “transgredindo um espaço selado, abarco e aceito, à reveladora claridade desse relâmpago regirante que rompe — unindo-o em seguida — o véu das coisas” (LINS, 1973, p. 381). Corroborando, ainda, nesse viés de pensamento, Tengo, em *IQ84*, afirma que “ao alterar a

ordem das palavras, as imagens tornavam-se mais nítidas. E o ritmo também se tornou mais preciso” (MURAKAMI, 2013, p. 74). Ou seja, o universo antes fragmentado, é revelado. A desestabilização e simulacros dos espaços instituídos nos romances se convergem na concretude das ações, na clareza dos cenários e percursos.

A partir dessas reflexões, o estudo do romance de Osman Lins em contraposição à de Haruki Murakami, considerando, em um primeiro momento, o paradigma indiciário, como mediador, comporta-se uma sequência valiosa de estudos literário explorando com tenacidade o tempo e o espaço. A divergência de sentidos dos personagens é rompida pela tessitura do texto que elimina o risco de dispersar. No entanto, a geometria, a rigidez do tecer, em meio a uma autonomia espacial da linguagem, elabora um cenário semelhante ao “campo da matemática, o que não se pode provar não possui sentido, mas, uma vez que se prove esse algo, os mistérios do mundo passam a caber na palma da mão, como uma ostra” (MURAKAMI, 2012, p.389).

Tal processo, no entanto, não é uma definição final. O ir e vir nos “discursos-mundos”, peculiar aos estudos literários, pode legar às investigações críticas maior autonomia, pois segue conhecendo e reconhecendo novos territórios – inventados na escrita, representados pela palavra. Dessa forma, os argumentos aqui apresentados atingem uma camada, ainda iniciática, da sedimentação intercambiária de espaço e tempo em *Avalovara* e em *IQ84*. Portanto, “o quadro ainda não está completo. (...) O quadro está longe de estar completo” (MURAKAMI, 2012, p. 415 – tomo III).

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- _____. **Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas vol. III. 3ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: a teoria do romance**. 5ª. ed. São Paulo: Annablume, 2002.
- BARTHES, Roland. **Crítica e Verdade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**. 2ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BERGSON, Henri. **Duração e simultaneidade**. Trad. Bento Prado de Almeida Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BRUNEL, Pierre. (org.). **Dicionário de mitos literários**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: Editora UnB, 1998.

- BRUNEL, Pierre. PICHOS, CL. ROSSEAU, A.M. **Que é Literatura Comparada?** 1ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura Comparada e literaturas estrangeiras no Brasil.** In Revista Brasileira de Literatura Comparada Vol. 3, São Paulo: abralic, 1996.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 6ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- _____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões.** 3ª. ed. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2010.
- FERNANDES, Ronaldo C. **O narrador do romance: e outras considerações sobre o romance.** Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** In Ditos e escritos: estética – literatura, música e cinema (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GHYKA, Matila. **The Geometry of Art and Life.** New York: Dover Publications, 1977.
- HAMBURGER, Käte. **A lógica da criação literária.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LINS, Osman. **Avalovara.** São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- _____. **O Desafio de Osman Lins.** In.: LINS, Osman. Evangelho na taba: novos problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1979. p. 211-235.
- _____. **Lima Barreto e o espaço romanesco.** São Paulo: Ática, 1976 (Ensaio, 20).
- MURAKAMI, Fuminibu. **Postmodern, feminist and postcolonial currents in contemporary Japanese culture.** London: Routledge, 2005.
- MURAKAMI, Haruki. **1Q84.** São Paulo: Alfaguara, 2012 – tomo I.
- _____. **1Q84.** São Paulo: Alfaguara, 2013 – tomo II.
- _____. **1Q84.** Portugal: Casas das Letras, 2012 – tomo III.
- NITRINI, Sandra. **Poéticas em confronto: Nove, novena e o novo romance.** São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1987.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa II.** Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- _____. **Tempo e narrativa III.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- SEATS, Michael. **Murakami Haruki: the simulacrum in contemporary Japanese culture.** USA, Lexington Books, 2009.

ESTUDOS DE JAPONOLOGIA NO PERÍODO MEIJI ¹

Elisa Massae Sasaki ²

Resumo: Com o fim do período Tokugawa (1603-1868) inaugurou-se o período Meiji (1868-1912), o que implicou em uma transformação sem precedentes do Japão, quando passou a ter um contato intenso com os países ocidentais, seja enviando missões diplomáticas, como a missão Iwakura, seja recebendo estrangeiros contratados (*Oyatoi gaikokujin*) para adquirir conhecimento e tecnologia e assim se lhes equiparar e até mesmo superar-los na virada do século XIX para XX. Nesse contexto, a Japonologia, isto é, a forma de pensar e imaginar o Japão também ganhou outros contornos.

Palavras-chave: Período Meiji; modernização do Japão; Japonologia, missão Iwakura; *Oyatoi gaikokujin*.

Abstract: In the end of the Tokugawa period (1603-1868), inaugurated the Meiji period (1868-1912), which implies a transformation without precedent in Japan, when it began to have an intense contact with Western countries, sending diplomatic missions, as the Iwakura Mission, as well as getting hired foreigners (*Oyatoi gaikokujin*), to acquire knowledge and technology and thus they match and even surpass them in the late 19th century to the 20th. In this context, Japanology, that is, how to think and imagine Japan also won other contours.

Keywords: Meiji period; modernization of Japan; Japanology; Iwakura mission; *Oyatoi gaikokujin*.

1. Introdução

Ao fim do período Tokugawa ou Edo (1603-1868), o Japão saiu de um isolamento nacional (鎖国 *sakoku*) de mais de dois séculos e a partir da segunda metade do século XIX direcionou toda a sua energia para a realização de um objetivo: estabelecer um estado-nação moderno, voltando-se ao Ocidente. Em termos econômicos, um estado-nação moderno é um estado que tenha experimentado uma revolução industrial; em termos sociais, é um estado com

1 Este trabalho foi apresentado no Simpósio “Natsume Sôseki: época, sociedade, obra”, realizado no Centro de Estudos Japoneses, da Universidade de São Paulo, 18 a 20 de outubro de 2016. Texto baseado em HIRAKAWA (2008).

2 Professora Adjunta do Setor de Japonês, do Departamento de Letras Clássicas e Orientais (LECO), do Instituto de Letras (ILE), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); elisamassae@gmail.com.

um sistema político centralizado com a participação popular, estruturado sobre as instituições parlamentares de uma ordem constitucional. Além do mais, a natureza e a origem dessas características de um estado são ocidentais, portanto, ainda não haviam se manifestado em nenhuma nação não-ocidental, como no Japão, onde não encontramos nenhuma dessas características no estado *bakuhān*³ 幕藩 de Tokugawa. A sociedade japonesa do século XIX era pré-industrial e a sua economia se baseava nas formas de produção que dependiam muito mais da força de tração animal do que mecânica. Não havia uma grande burguesia que empreendesse financeira e comercialmente, além de ser excluída da participação nas decisões políticas. A estrutura política de Tokugawa era composta por uma burocracia, representada por classes feudais privilegiadas que operavam dentro de um sistema xogunal absoluto (HALL, 1991; HANE, 1992). Apesar do alto nível de homogeneidade cultural do Japão – ou exatamente por causa disso – não havia a concepção de um povo enquanto uma nação que participasse ativamente das questões de um estado.

Dentro deste contexto do período Tokugawa, a atividade intelectual pode ser classificada, de um modo geral, em três categorias: (1) Confucionismo (儒教 *jūkyō*), um pensamento filosófico chinês que possuía um grande prestígio; (2) Estudos Japoneses ou Japonologia (国学 *kokugaku*) que surgiu nos meados do período Tokugawa como uma reação ao sinocentrismo que prevalecia nos círculos acadêmicos; e (3) Estudos Holandeses (蘭学 *rangaku*). Dois desses três campos principais de estudos de Tokugawa derivam da China e Ocidente, portanto são de origem estrangeira. O Japão permaneceu em contato com a China e a Holanda ao longo do período Edo, embora em graus de contatos diferentes.⁴

Os intelectuais da era Tokugawa começaram a observar a habilidade de seus ancestrais de adotar e adaptar a civilização chinesa. Mil anos atrás, os japoneses também pensavam que suas terras existiam fora da esfera cultural mundial. Diferente de outros povos asiáticos que estavam à margem da esfera cultural chinesa, os japoneses desenvolveram logo um método de adaptar textos em chinês clássico para as regras sintáticas de sua própria língua, em vez de ler os clássicos chineses como uma língua estrangeira. O resultado foi o que ficou conhecido como leitura *kanbun* 漢文 que era um procedimento trabalhoso e complexo que acabou envolvendo um treinamento intelectual rigoroso na tradução que, por sua vez, teve

3 *Bakuhān taisei* 幕藩体制 é o sistema governamental implementado pelo shogunato de Tokugawa (1603-1868). *Bakuhān* 幕藩 é a combinação do termo *bakufu* 幕府 que significa o governo militar ou shogunato, e *han* 藩, que é o domínio de um *daimyō* 大名 (um poderoso senhor de terras no Japão pré-moderno).

4 Os portugueses foram os primeiros europeus a se estabelecerem no Japão nos meados do século XVI. Nos anos 1570, Nagasaki 長崎 (ao sul do país) abriu-se como o principal porto para o comércio exterior e se tornou o centro para o jesuíta Francisco Xavier converter o Japão ao Cristianismo. Os portugueses também trouxeram armas de fogo nesse período de guerras internas entre os *daimyō* 大名 (COSTA, 1995). Mas foi através dos holandeses que o Japão tomou conhecimento da Ciência Ocidental.

como consequência a nacionalização de uma língua estrangeira (HIRAKAWA, 2008, p.443).

No final do século XVII, Itô Jinsai 伊藤 仁斎 (1627-1705) de Kyôto propôs os Estudos Antigos (古学 *kogaku*), buscando o caminho dos sábios indo diretamente aos Analetos, Mêncio e outros clássicos confucionistas. Assim, a escola de Jinsai pode ser considerada uma forma de revivalismo da antiguidade. Pouco depois, Ogyû Sorai 荻生 徂徠 (1666-1728), também defendeu os estudos antigos e teve um impacto ainda maior no cenário intelectual da época. A influência desses ensinamentos foi sentida além do campo de estudo confucionista. Por exemplo, os estudos japoneses ou então estudos vernaculares (国学 *kokugaku*) defendia que o primitivo e “verdadeiro coração japonês” seria descoberto apenas se rejeitasse o “espírito da China” e que isso seria feito da melhor maneira estudando o *Kojiki* 古事記⁵, o *Man'yôshû* 万葉集⁶ e outros antigos clássicos japoneses (Ibid, p.444).

Em 1815, aos 82 anos, Sugita Genpaku 杉田 玄白 (1733-1817) publicou “*Rangaku kotohajime*” 蘭学事始 (“O início dos estudos holandeses”)⁷, em que lembra as circunstâncias em que ele, junto com Maeno Ryôtaku 前野 良沢 (1723-1803) e seus associados começaram a formidável tarefa de traduzir um volume das tabelas anatômicas, “*Taefel Anatomia*” (*Ontleedkundige Tafelen*) que era uma tradução holandesa de uma obra de anatomia do médico alemão Kulmus. Sem nem mesmo o treinamento linguístico mais elementar, Sugita e seus associados começaram a traduzir essa obra do holandês substituindo para o japonês os nomes estrangeiros das partes do corpo que apareciam nos diagramas anatômicos. Essa tradução foi concluída em 1774 e ficou conhecida como “*Kaitai shinsho*” 解体新書 (“*Novo Texto da Anatomia*”). Pode-se considerar que foi a partir disso que os estudos holandeses surgiram na área de Medicina e logo passaram para outros campos, como estudos linguísticos, astronomia, geografia, física, química e ciências militares. Embora tenham surgido no cenário acadêmico relativamente tarde, os estudos holandeses eram bastante presentes no final do período Tokugawa e alguns especialistas dessa área viam a necessidade de reconsiderar o sistema de reclusão nacional que impedia a troca intelectual entre o Japão e o Ocidente nos meados do século XIX.

Muitos séculos antes, entre 607 e 894 d.C, a corte japonesa patrocinou mais de uma dúzia de missões de estudos à China para observação e instrução direta na cultura das Dinastias de Sui e de T'ang. São enormes os contrastes entre esses empreendimentos

5 *Kojiki* 古事記 (*Relatos de Fatos do Passado*) é considerada a obra histórica mais antiga do Japão, publicada em 712. É composta de três volumes: no primeiro conta-se o mito de origem e nos demais descreve os reinados e a genealogia dos primeiros imperadores japoneses.

6 *Man'yôshû* 万葉集 (*Antologia das Dez Mil Folhas*) é uma antologia poética de 20 volumes, com cerca de 4.500 poemas de autorias variadas, desde o imperador até os camponeses anônimos, publicada mais ou menos em 760.

7 Tradução livre para o português dos títulos das obras japonesas mencionadas, apenas para fins de esclarecimento ao leitor, que será adotada ao longo deste texto.

e os humildes esforços de Sugita e seus colegas que tiveram os livros escritos em uma língua que eles não sabiam ler para acessar a cultura ocidental. Mesmo assim, os estudos holandeses se difundiram. Diferente dos tempos em que o Japão importou a civilização chinesa, estudar no Ocidente durante o período Tokugawa estava fora de cogitação – aqueles que se dedicavam aos estudos holandeses nunca poderiam receber instruções de seus colegas japoneses, muito menos de professores estrangeiros, exceto por meio de algumas informações esparsas que poderiam conseguir com os intérpretes japoneses que acompanhavam os representantes da Companhia Holandesa das Índias Orientais durante suas estadas no Japão.

Apesar de tudo, a tradução de “*Tafel Anatomia*” por Sugita e seus associados indicava a resposta positiva do Japão em relação à civilização ocidental à medida que havia uma motivação pessoal somada à imensa curiosidade intelectual e pragmatismo dos estudiosos japoneses em relação ao mundo exterior. Talvez em parte por causa de seu relativo isolamento, o Japão manteve uma autonomia cultural substancial a partir do que era possível manejar na assimilação. Essa limitação geográfica insular contribuiu para enfatizar a manutenção e a força do “espírito japonês” enquanto buscava “técnica ocidental”.

2. Navegar em busca de conhecimento na virada do século XIX ao XX

Um dos grandes fenômenos no Japão dos meados do século XIX foi o grande desejo de os japoneses educados conhecerem o mundo afora. Depois de oitenta anos de estudos holandeses, muitos japoneses estavam insatisfeitos em aprender sobre o Ocidente somente pelos livros. Depois de dois séculos de política isolacionista que marcou o período Tokugawa, o americano Comodoro Perry e sua Esquadra Negra chegaram ao Japão em 1853. Os navios a vapor de Perry, considerados um símbolo de superioridade tecnológica do Ocidente, convenceram os japoneses da sua inferioridade (REISCHAUER, 1989). Essa consciência de crise fez com que percebessem que para se defender contra os bárbaros (como se referiam aos estrangeiros ocidentais), era necessário conhecê-los.

Ao se depararem com uma aparente civilização superior representada pelos países europeus, os japoneses se confrontavam com as tarefas de atingir a modernidade, tornarem-se um estado-nação, seguindo a abertura de seu país (開国 *kaikoku*). Para tal, tinham que criar um governo central, treinar os burocratas para administrar o estado, instituir um exército e uma marinha baseados no recrutamento universal, organizar um sistema legal, adotar o capitalismo, abolir os privilégios feudais, implementar a igualdade das classes sociais, consolidar um sistema de educação e reformar seus costumes (PYLE, 1996).

O responsável pela formulação desses objetivos e que foi central na sua execução nos primeiros anos da era Meiji foi Ôkubo Toshimichi 大久保 利通 (1830-1878), um

líder do domínio de Satsuma⁸ 薩摩 que tinha o poder político real durante a primeira década do governo Meiji. Comparado com o seu colega de Chôshû⁹ 長州, Kido Takayoshi 木戸 孝允 (também chamado de Kido Kôin¹⁰, 1833-1877), Ôkubo foi mais conservador e não queria sacrificar a tradição japonesa em nome da modernização. Mas mesmo para Ôkubo, a política de *Bunmei kaika* 文明開化 ou “Civilização e Iluminação” que o Japão adotou, permaneceu como sinônimo de ocidentalização.

Essa determinação foi compartilhada por diferentes tipos de homens que pode ser exemplificada comparando os casos de Yoshida Shôin 吉田 松陰 (1830-1859) e Niiijima Jô¹¹ 新島 襄 (1843-1890) que, num primeiro momento, não se pareciam em nada. Yoshida ficou conhecido na história como um nacionalista fervoroso, com lealdade total e inquestionável ao imperador. Saber que o *bakufu*¹² 幕府 concordara em assinar os humilhantes tratados desiguais, levou-o a ensinar e a conspirar de forma extremada a tal ponto de ser morto durante a execução em massa de Ansei (安政の大獄 *Ansei no taigoku*, entre 1858-1860). Por outro lado, Niiijima era um ardoroso cristão que saiu da sua jurisdição feudal e encontrou proteção, gentileza e Cristianismo nos Estados Unidos. Foi educado em Amherst College e em Andover Seminary, retornou ao Japão e fundou a primeira universidade cristã chamada Universidade Dôshisha, 同志社大学 (*Dôshisha daigaku*)¹³, em Kyôto, na antiga capital e o centro do Budismo japonês. Apesar das diferentes trajetórias, Yoshida e Niiijima¹⁴ compartilhavam uma receptividade e curiosidade em relação ao Ocidente e um grande desejo de aprender sobre o mundo ocidental, aceitando o desafio colocado pelo Ocidente.

Mas Yoshida Shôin e Niiijima Jô não eram os únicos japoneses que queriam conhecer o mundo ocidental diretamente. Altos oficiais do xogunato que proibiram viajar para terras estrangeiras também desejavam fortemente ver o Ocidente com os seus próprios olhos e, nessa época, criaram uma marinha como as nações ocidentais. Em fevereiro de 1858, os representantes japoneses negociaram o Tratado de Amizade e Comércio entre os Estados Unidos e o Japão e nos anos seguintes, várias missões diplomáticas japonesas (使節団

8 O domínio de Satsuma 薩摩 se localizava ao sul do Japão e atualmente corresponde à província de Kagoshima.

9 O domínio de Chôshû 長州 também se localizava ao sul do Japão durante o período Edo ou Tokugawa (1603-1868) e atualmente corresponde à província de Yamaguchi.

10 É possível haver leituras diferentes para os mesmos nomes ou prenomes como neste caso: 孝允 Takayoshi e Kôin.

11 Também conhecido como Joseph Hardy Neesima.

12 *Bakufu* 幕府 é o termo japonês para se referir ao shogunato, isto é, governo comandado por militares ou xoguns.

13 Também referida de forma abreviada como 同大 *Dôdai*.

14 Sobre personalidades que desempenharam papéis importantes no processo de modernização do Japão, veja MIURA, ITO WATT (2001).

shisetsudan) foram enviadas aos Estados Unidos e Europa, no final do período Tokugawa, antes mesmo da era Meiji (1868-1912).

Em 1860, o xogunato de Tokugawa (幕府 *bakufu*) enviou a primeira embaixada japonesa aos Estados Unidos, que ficou conhecida como “*Man'en gannen kenbei shisetsu*”¹⁵ 万延元年遣米使節. O objetivo era ratificar o novo Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre os Estados Unidos e o Japão. Um fato importante dessa missão foi o enviado navio de guerra japonês, o *Kanrin Maru* 咸臨丸, para acompanhar a delegação pelo Pacífico, demonstrando que o Japão havia aprendido técnicas de navegação e tecnologias navais ocidentais em poucos anos, depois de dois séculos e meio de política isolacionista.

Depois dessa primeira missão ao exterior, o *bakufu* enviou missões maiores e menores todos os anos até ser derrubado em 1868. Em 1862, a segunda missão diplomática viajou pelos estados da Europa em busca de aprovação para postergar a abertura de mais quatro portos de tratados. A terceira missão foi para França, que se esforçou inutilmente para assegurar o fechamento de Yokohama enquanto porto. A quarta missão foi à França e à Inglaterra em 1865 para negociar as condições para a construção da fundição e estaleiro de Yokosuka 横須賀. A quinta missão foi à Europa e se dirigiu para Rússia em 1866 para estabelecer a fronteira entre o Japão e a Rússia em torno das ilhas Sacalinas (樺太 *Karafuto*). A sexta missão participou da Feira Mundial de Paris em 1867. Essa última embaixada tinha a missão de persuadir a França em aumentar a sua ajuda ao xogunato de Tokugawa, mas ela ainda estava na Europa quando o *bakufu* foi derrubado em 1868 (ISHII, 1966).

Embora essas missões tivessem atribuições diplomáticas específicas para lidar com a situação doméstica ou relações exteriores à época de suas indicações, intencionalmente ou não, elas também fizeram contribuições importantes ao estudo do Japão e da assimilação da civilização ocidental. Além disso, quando consideramos os estudantes enviados à Europa pelo *bakufu* e ilegalmente pelos domínios de Chôshû 長州 e Satsuma 薩摩 ou Hizen 肥前¹⁶, vemos que o movimento para estudar nas “terras bárbaras” expandiu-se e se desenvolveu em todo o Japão. Se incluirmos toda a tripulação de *Kanrin Maru* 咸臨丸 na primeira missão do xogunato de Tokugawa para o exterior, mais de trezentos japoneses viajaram para o estrangeiro antes do período Meiji.

Cada uma dessas missões investigaram as instituições e civilização das nações para as quais foram enviadas, mas a segunda foi a mais sistemática e minuciosa, sendo instruída para prestar atenção particularmente à política, administração escolar e sistemas militares. As atividades de Fukuzawa Yukichi 福澤諭吉 (1843-1901),

15 “*Man'en gannen kenbei shisetsu*” 万延元年遣米使節 significa literalmente “missão enviada aos Estados Unidos no primeiro ano da era Man'en” (1860).

16 O domínio de Hizen 肥前 se localizava ao sul do Japão, entre as atuais províncias de Saga e de Nagasaki.

Terashima Munenori¹⁷ 寺島 宗則 (1832-1893), Mitsukuri Shûhei 箕作 秋坪 (1826-1886) e outros aprendizes de estudos ocidentais consistiam em investigar os diversos aspectos dos países visitados, tais como a Inglaterra, França e Rússia. Fukuzawa que já tinha ido aos Estados Unidos dois anos antes, fez muito mais do que simplesmente contemplar esses países com olhar vislumbrado de um turista – muito além disso, ele discerniu a inevitabilidade de uma transformação sociopolítica que logo iria acontecer no Japão. Assim, o início das atividades iluministas de Fukuzawa na era Meiji pode ser remetido a essa viagem a serviço do xogunato Tokugawa.

3. Fukuzawa Yukichi 福澤 諭吉 (1843-1901)

Nos anos 1860, os estudos e a língua holandesa foram substituídos pelo inglês que logo se tornou a primeira língua ocidental para os intelectuais japoneses. Essa transição de estudos holandeses para o aprendizado ocidental foi descrita por Fukuzawa Yukichi 福澤 諭吉 (1843-1901) na sua obra “*Fukuô jiden*” 福翁自伝 (*Autobiografia*), publicada em 1899, na qual discorre sobre suas experiências no setor de estrangeiros de Yokohama em 1859, depois que os portos haviam sido abertos. Quando ele foi visitar essa cidade, tentou falar holandês com os estrangeiros, mas descobriu que a comunicação era impossível. Chocado, porém destemido, ele se dedicou ao inglês. Fukuzawa foi o pioneiro em estudar inglês e se tornou um pensador iluminista que explicou o desenvolvimento da história japonesa em termos ocidentais. Enfatizou a importância da necessária mudança fundamental do Japão da era Meiji.

Fukuzawa Yukichi, então um jovem estudante de holandês, viajou para São Francisco (Estados Unidos), a bordo do *Kanrin Maru* 咸臨丸, o primeiro navio japonês a atravessar o Pacífico. Tendo iniciado nos estudos holandeses, Fukuzawa já tinha uma boa noção sobre ciência natural, o que facilitou a sua compreensão das explicações sobre as invenções mais recentes feitas nos Estados Unidos. Mas, em contrapartida, os aspectos sociais, políticos e econômicos continuavam incompreensíveis. Ele procurou integrar esses elementos e observar toda a organização que havia feito aquela civilização ocidental funcionar. Por exemplo, os seus colegas podiam admirar o tamanho da locomotiva, observar a velocidade do trem ou medir o tamanho e o peso dos trilhos. Mas Fukuzawa foi muito mais além – o seu interesse o levou a investigar a composição das companhias ferroviárias, as atividades bancárias, ou o controle conjunto da Inglaterra e França sobre as ferrovias do Egito. Em suma, ele tentou observar não apenas a tecnologia, mas também os aspectos sociais da civilização ocidental. Para ele, o importante era apreender o que não estava escrito nos livros, como os assuntos técnicos ou científicos. Ele compreendia que era necessário aprender muito mais sobre os assuntos da vida diária diretamente das pessoas, pois os europeus não os descreviam em livros por serem muito óbvios. E para os japoneses, essas questões comuns eram, portanto, as mais difíceis de

17 Nome original é Matsuki Kôan 松木弘安 (o prenome Kôan também pode ser escrito como 弘菴).

se compreender. Depois que Fukuzawa retornou ao seu país, com uma visão empírica e realista, ele organizou suas anotações, checou as informações encontradas nos livros que ele havia comprado no exterior e publicou “*Seiyō jijō*” 西洋事情 (“*As Condições do Ocidente*”) entre 1866 e 1869.

“*Seiyō jijō*” foi a primeira obra mais sistemática da estrutura da civilização ocidental escrita por um japonês, numa linguagem que pudesse ser compreendida por qualquer pessoa. Em certa medida, isso foi feito para aumentar a apreciação do Japão ao Ocidente, mas ao mesmo tempo, contribuiu à visão do futuro estado Meiji por meio da sua visão reformista.

A Restauração Meiji alterou totalmente a liderança política do Japão e fortaleceu a vontade de aprender sobre o Ocidente, levando à sua instauração em 1868. Uma das maiores missões oficiais enviada logo após a Restauração Meiji ficou conhecida como “Missão Iwakura” (岩倉使節団 *Iwakura shisetsudan*).

4. Missão Iwakura (岩倉使節団 *Iwakura shisetsudan*)

No dia 23 de dezembro de 1871, o governo Meiji despachou o Embaixador Plenipotenciário Iwakura Tomomi 岩倉具視 (1825-1883) para os Estados Unidos e Europa. Ele chefiou uma delegação de 48 membros, junto com 59 estudantes da classe samurai, sendo que 5 eram mulheres.¹⁸ Foi nos tempos mais estáveis do governo Meiji que se permitiu enviar a Missão Iwakura 岩倉使節団 (*Iwakura shisetsu dan*) para os Estados Unidos e Europa por um período tão longo.

Depois que se iniciou a era Meiji, o novo governo aboliu os velhos domínios do Japão de Tokugawa e forçou o estabelecimento de um sistema moderno de prefeituras ou províncias 廃藩置県 (*Haihanchiken*), em 1871. Somente depois de quatro meses que líderes como Iwakura Tomomi 岩倉具視 (1825-1883), Kido Takayoshi 木戸孝允 (1833-1877), Ôkubo Toshimichi 大久保利通 (1830-1878) e Itô Hirobumi 伊藤博文 (1841-1909) foram para o exterior, estendendo a sua estada por um ano a mais do que havia sido planejado inicialmente e retornaram ao Japão no dia 13 de setembro de 1873, depois de uma viagem de 631 dias.

O objetivo da missão Iwakura era rever os tratados desiguais ratificados e firmados em Washington pela primeira missão de Tokugawa aos Estados Unidos em 1860, mas as intenções reais de seus membros eram descobrir as condições no Ocidente e adaptá-las ao Japão para criar um novo estado Meiji. Os líderes de então achavam que ao

18 Entre os membros da Missão Iwakura, estava uma menina de sete anos chamada Tsuda Umeko 津田梅子 (1864-1929), carregando uma boneca que simbolizou o retorno à paz. A ideia de uma garota estudando no exterior seria inimaginável antes da Restauração, mas depois de sua longa estada na América, Tsuda voltou ao Japão e fundou o que mais tarde veio a se chamar Universidade Tsudajuku 津田塾大学 (*Tsudajuku daigaku*) para Mulheres, uma instituição, que junto com a Universidade de Keiō (慶應義塾大学 *Keiō Gijuku Daigaku*, que pode ser abreviado como 慶應 *Keiō* ou então 慶大 *Keidai*) de Fukuzawa e 同志社大学 *Dōshisha daigaku* (também referida como *Dōdai* 同大) de Nijjima, contribuíram muito para elevar a educação privada no Japão moderno.

revisar os tratados desiguais eles teriam que reestruturar o Japão para emparelhar com os estados ocidentais e reformar as leis e instituições domésticas para se alinharem às potências ocidentais. Embora a missão Iwakura fosse muito maior do que as que foram enviadas por Tokugawa, a proposta e a tarefa eram essencialmente as mesmas: estudar e aprender sobre o Ocidente. Eles visitaram câmaras de comércio, escolas para surdos e mudos, museus, estaleiros, fábricas de biscoito, escolas femininas, prisões, escritórios de telégrafos, estratégia militar – tudo isso num ritmo frenético. Kume Kunitake 久米 邦武 (1839-1931), em 1878 publicou uma série de relatórios chamada “*Tokumei zenken taishi bei-ô kairan jikki*” 特命全權大使米欧回覽実記 (“O verdadeiro registro de observações da missão diplomática para América e Europa”) nos quais descreveu a rotina corrida da delegação.

Assim como “*Seiyô jijô*” 西洋事情 (“*As Condições do Ocidente*”) de Fukuzawa, o “*Jikki*” 実記 (“*Relatos Verdadeiros*”) de Kume foi organizado por cada país. Os pensadores japoneses classificaram as nações ocidentais de acordo com a sua “superioridade” e “inferioridade”. Os investigadores de estudos holandeses já haviam descoberto que os textos médicos holandeses eram em sua maioria traduções do alemão e assim aprenderam sobre a superioridade alemã nesse campo. Do mesmo modo, estudando por meio de livros, viajando ao exterior e recebendo conselhos de professores estrangeiros, escolheram o melhor que cada nação podia oferecer para assimilarem.

Os japoneses aprenderam sobre o desenvolvimento naval e industrial britânico; a Prússia, que derrotou a França em 1871, foi um modelo de organização militar; a França ofereceu um modelo de sistema político centralizado e padrões legais e educacionais; os Estados Unidos estimularam o desenvolvimento agrícola em Hokkaidô, ilha mais ao norte do Japão. A missão Iwakura encontrou na Prússia um modelo de modernização mais desenvolvido que pareceu apropriado para emular. Os japoneses da era Meiji voltaram-se muito mais aos Estados Unidos e Europa do que aos países asiáticos para planejar sua nação mais rapidamente e selecionaram os pontos fortes de cada nação ocidental nesse processo.

O Japão foi acumulando muito mais conhecimento e experiência com o Ocidente ao longo do século XX, nos períodos posteriores à era Meiji. Mas pelo menos em relação aos líderes japoneses, o conhecimento deles em relação aos países estrangeiros não foi maior qualitativa e quantitativamente. Os estadistas mais antigos da Restauração, por um lado, cresceram de acordo com os valores tradicionais de Tokugawa, mas ao mesmo tempo, eles sabiam lidar com o Ocidente. Os ativistas da Restauração tiveram uma sensibilidade perspicaz nos seus contatos com os estrangeiros. Para os líderes do governo Meiji, a missão Iwakura proporcionou um contato de primeira mão com o mundo ocidental. Para a maioria deles, essa foi a primeira viagem, embora Itô já tivesse ido à Inglaterra quando era um jovem estudante de Chôshû. Por fim, foi a experiência compartilhada por Iwakura 岩倉, Ôkubo 大久保, Kido 木戸 e Itô 伊藤 que produziu um consenso sobre o futuro caminho do Japão.

5. Os estrangeiros contratados お雇い外国人 *Oyatoi gaikokujin*

A assiduidade do Japão em adotar os costumes e as instituições estrangeiras que se seguiu durante a Restauração Meiji, algumas vezes dá a impressão aos ocidentais, assim como para muitos conservadores japoneses, de que o Japão estava deixando de lado toda a sua civilização tradicional para se apropriar dos atributos materiais e espirituais dos estados modernos ocidentais. Claro que boa parte desse programa era uma questão de estratégia. A China derrotada pelos britânicos nas Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), seguida pela extensão dos tratados desiguais do Japão firmados pelos americanos Comodoro Matthew Perry e Townsend Harris deixaram os líderes japoneses apreensivos. Eles se sentiram expostos à ameaça militar e concluíram que se eles entrassem na arena conhecida pelas nações ocidentais, eles também deveriam se equiparar com as armas que as potências possuíam. Mas perceberam também que a base do poder ocidental não se limitava ao armamento – em certa medida, esse poder se baseava na sociedade civil que estava sujeita às transformações sociais e econômicas da Revolução Industrial e, desse modo, a busca do Japão pelo poder também implicou na construção de instituições sociais e políticas baseadas no modelo ocidental.

Ao perseguir esses objetivos de buscar, equiparar-se e mesmo superar o Ocidente, o governo Meiji criou *slogans* para todos os aspectos de seu esforço – “Enriquecer o país, fortalecer o exército” (*Fukoku kyôhei* 富国強兵), “Civilização e Iluminação” (*Bunmei kaika* 文明開化) e “Revisar os tratados (desiguais)” (*Jôyaku kaisei* 条約改正). O governo japonês contou com professores e técnicos estrangeiros para alcançar esses objetivos. Para assimilar a cultura ocidental, os japoneses que aprenderam lendo livros e com a experiência direta no Ocidente, agora adotaram uma política estatal de convidar um grande número de professores estrangeiros, que ficou conhecida como “*Oyatoi gaikokujin*” お雇い外国人, isto é, “os estrangeiros contratados”.

Imediatamente após a abertura do país, os estrangeiros com quem os japoneses estudaram foram principalmente holandeses, embora o primeiro instrutor sistemático sobre artes e ciências ocidentais tenha sido um alemão, Philipp Franz von Siebold (1796-1866) que chegou a Nagasaki como médico junto com o posto comercial holandês em 1823. Enquanto estudava a língua, história, geografia, animais e plantas do Japão, ele praticava e ensinava medicina aos estudantes japoneses numa escola privada chamada *Narutakijuku* 鳴滝塾, fundada em 1824. Durante a era Tokugawa, a curiosidade japonesa inicialmente era voltada para a medicina e astronomia ocidental, mas no final dessa mesma era, os japoneses começaram a se interessar mais pelos armamentos e métodos militares ocidentais, refletindo a gravidade da situação internacional. Em 1855, o governo de Tokugawa montou um instituto de treinamento naval em Nagasaki para o qual convidou uma equipe de instrutores holandeses para dar treinamento sobre navegação. Assim, os

primeiros “estrangeiros contratados” foram Pels Rijcken (1810-1889) junto com 22 instrutores que chegaram ao Japão em 1855, e Huyssen van Kattendycke (1816-1866) e um grupo de 37 pessoas que vieram pouco mais tarde (UMETANI, 1965).

Inicialmente, poucos estrangeiros foram contratados e a maioria deles eram franceses e ingleses. Nos conflitos finais contra os domínios de Satsuma e Chôshû, Tokugawa procurou estreitar o relacionamento com a França, enquanto esses dois domínios ao sul do Japão se aproximaram da Inglaterra. Em 1862, o *bakufu*, com a ajuda da França, construiu um estaleiro em Yokosuka 横須賀 e começou uma fundição em Yokohama 横浜, assim como inaugurou uma escola de língua francesa aí. O governo Meiji pegou a velha estrutura do *bakufu* das mãos de Tokugawa e recebeu o novo “armazém” de Yokosuka. Importante notar que não apenas o local em si, mas os estrangeiros que aí estavam trabalhando também foram apropriados pelo novo regime. Isto é, o governo Meiji adquiriu novas instalações assim como os preciosos recursos humanos, seja de japoneses que haviam sido enviados ao exterior no final do período Tokugawa, seja de estrangeiros contratados.

Durante o período Meiji, um crescente número de estrangeiros serviu ao governo e empreendimentos privados. O número de estrangeiros contratados pelo governo atingiu cerca de 520 pessoas em 1875, mas depois de 1894, o total anual era menos que 100 pessoas. Em contraste, inicialmente o número de estrangeiros em empresas privadas era menor, mas chegou a alcançar cerca de 760 contratados em 1897. Em termos de ocupação no governo, a maioria deles eram engenheiros e educadores alocados nos ministérios da Indústria e da Educação e no setor privado, o número de educadores foi aumentando ao longo do tempo. Ao verificarmos em termos de nacionalidade, entre os contratados pelo governo, os britânicos eram mais numerosos como educadores e engenheiros, seguidos de alemães. No setor privado, a maior parte se compunha de educadores americanos.

Se considerarmos a relativa influência de diferentes nacionalidades, é interessante notar as mudanças nos números de estrangeiros contratados em vários segmentos do governo. Em 1872, dentre os estrangeiros empregados pelo governo, 199 eram do Reino Unido, dos quais 104 eram engenheiros do Ministério da Indústria e 49 eram franceses, dos quais 24 eram técnicos de construção naval. Entretanto, em 1881, as estatísticas mostram que havia 96 ingleses, 32 alemães, 12 americanos e 10 franceses. As áreas em que determinadas nacionalidades predominavam os Ministérios da Indústria, Naval e de Comunicações, pelos ingleses, sendo que os americanos no desenvolvimento de Hokkaidô (UMETANI, 1965).

Os orçamentos do governo Meiji revelam que, por exemplo, um terço do montante do Ministério da Indústria era destinado para o pagamento de salários desses estrangeiros contratados, assim como um terço do orçamento da Universidade Imperial de Tóquio, a primeira universidade moderna a ser estabelecida no Japão, também era alocado para eles. Em outras palavras, em todos os setores do governo, os altos salários desses estrangeiros contratados, assim como o envio dos japoneses

para estudar no exterior, implicavam um enorme investimento (UEMURA, 2008). Talvez exatamente por causa desses altos custos os japoneses estudaram tão assiduamente com os dispendiosos professores estrangeiros, sendo notável a diligência com que os japoneses se dirigiam aos seus mestres para obter novos ensinamentos.

Criar uma “grande civilização” significava educar todos os seus compatriotas e isso teria que ser feito rapidamente para que o Japão pudesse ter um lugar adequado entre as nações do mundo em termos de riqueza e poder. Como poucos japoneses haviam aprendido as habilidades requeridas até então, o país não tinha outra escolha senão empregar muitos estrangeiros inicialmente. Mas não era bom depender das técnicas alheias – ao fazer isso, trariam ganhos temporários, mas não a riqueza e a força que seriam adquiridas ao longo de várias gerações. Nesse sentido, os líderes do governo Meiji pretendiam que os estrangeiros contratados tivessem um papel temporário e subsidiário no desenvolvimento do Japão e queriam que os japoneses fossem treinados para substituírem os estrangeiros o mais rápido possível. Embora no começo o Japão fosse totalmente dependente dos professores e técnicos estrangeiros, os japoneses conseguiram transplantar as técnicas industriais ocidentais e produzir pessoas capacitadas que se tornaram surpreendentemente autossuficientes em um curto espaço de tempo, de quinze a vinte anos.

Os numerosos estrangeiros contratados pelo governo Meiji não apenas serviram como professores, mas também introduziram novos estilos de vida, no sentido mais amplo. Os professores estrangeiros sempre se impressionavam com a influência e a força que seus exemplos pessoais assumiam, com uma importância quase oracular aos jovens estudantes que estavam em parte enraizados nos valores tradicionais e ao mesmo tempo ávidos em aprender a força intrínseca da “civilização”. O Capitão Leroy Lansing Janes (1838-1909) em Kumamoto (ao sul do Japão) e o agrônomo William Smith Clark (1826-1886) em Hokkaidô (ao norte do país) atuaram muito mais como professores religiosos do que muitos missionários que foram enviados ao Japão depois que o governo japonês rescindiu as proibições contra o Cristianismo em 1873 e os maiores grupos da pequena, mas influente igreja protestante em Kumamoto e em Hokkaidô (HOWES, 1965).

Além disso, muitos costumes da civilização ocidental ou empresas capitalistas foram introduzidos pelos estrangeiros contratados pelo governo Meiji. Por exemplo, o dia de Natal, que se tornou feriado numa terra não-cristã, veio com os residentes estrangeiros, como muitos outros aspectos do cotidiano. Muitos aspectos da vida ocidental foram ensinados pelos estrangeiros mais no seu dia a dia do que por meio de instruções formais. Além dos ensinamentos formais, esses estrangeiros deram aos japoneses a oportunidade de adquirir os modos ocidentais observando os estilos de vida e atividades cotidianas estrangeiras.

6. Considerações finais

A passagem do período Tokugawa para a era Meiji na virada do século XIX para o XX foi marcada por profundas mudanças em vários aspectos no Japão. Diante do inevitável contato com o mundo ocidental, os líderes japoneses dessa época foram sagazes e ávidos em apreender o que fosse possível, não só em termos de ciência e tecnologia, mas o *modus vivendi*, como se quisessem aprender os passos para dançar conforme a música tocada no ambiente internacional. Vários observadores e de diferentes áreas notaram o empenho dos japoneses em adquirir o conhecimento de tudo o que fosse possível, como foi o caso de Fukuzawa Yukichi. Mas ao mesmo tempo, ainda que o processo de modernização e de ocidentalização tivesse sido muito intenso, ainda assim, os japoneses mantiveram e/ou continuam mantendo a sua cultura e valores nipônicos, selecionando o que fosse melhor dentro da sua compreensão e conjugando ao seu modo, elementos aparentemente tão díspares.

É neste contexto que, em 1900, Natsume Sôseki 夏目漱石 (1867-1916) não à toa viaja à Inglaterra como bolsista do Ministério da Educação do Japão para estudar literatura e ensino da língua inglesa. Sendo a Inglaterra um dos países que o Japão tomava como referência da civilização ocidental, ele também, assim como muitos japoneses educados da sua época, entra no fluxo de consciência histórica da virada do século XIX para o XX, concordando ou questionando os rumos que o Japão vai tomando. Em 1903 regressou ao Japão, lecionou na Universidade Imperial de Tóquio, mas abandonou o ensino dois anos depois e passou a se dedicar à literatura, tornando-se um dos maiores romancistas do Japão moderno.

Referências Bibliográficas

- COSTA, João Paulo Oliveira e. 1995. **A Descoberta da Civilização Japonesa pelos Portugueses**. Lisboa: Instituto de História Além Mar, Universidade Nova de Lisboa, 1995.
- HALL, John Whitney. The Gathering Foreign Crisis (cap.11). In: **Japan, from Prehistory to Modern Times**. Michigan classics in Japanese studies, n.7. Center for Japanese Studies. Michigan (US): The University of Michigan, 1991, p.243-252.
- HANE, Mikiso. **Modern Japan – A Historical Survey**. Colorado (US): Westview Press, 1992, 2nd edition. (1st edition: 1972)
- HIRAKAWA, Sukehiro. Japan's Turn to the West (cap.7). In: JANSEN, Marius (editor). **The Cambridge History of Japan, vol.5, The Nineteenth Century**. UK: Cambridge University Press, 2008, p.432-498.
- HOWES, John F. "Japanese Christians and Americans Missionaries". In: JANSEN, Marius, B. (ed.), **Changing Japanese Attitudes towards Modernization**. Princeton: New Jersey: Princeton University Press, 1965, p.337-68. *Apud* HIRAKAWA, *Op. cit.*, 2008, p.472.
- ISHII, Takashi. 石井 孝「明治維新の国際的環境」吉川弘文館 (Meiji Ishin no Kokusai Kankyô) / [O ambiente internacional da Restauração Meiji], revised Edition. Tokyo:

Yoshikawa kôbunkan, 1966. *Apud* HIRAKAWA, *Op. Cit.*, 2008, p.460

MIURA, Akira; ITO WATT, Yasuko. 三浦昭, ワット伊東泰子「日本を知ろう—日本の近代化に関わった人々」(Nihon wo Shirô – Nihon no kindai ni kakawatta hitobito) / [Conheça o Japão: Pessoas envolvidas na modernização do Japão]. Tokyo: Aruku, 2001.

PYLE, Kenneth B. **The Making of Modern Japan**. Second Edition. Lexington, Massachusetts, Toronto: D.C. Heath and Company, 1996.

REISCHAUER, Edwin O. **Japan – The Story of a Nation**. Tokyo: Charles E. Tuttle Co. Publishers, 1989, 3rd edition.

UEMURA, Shoji. 植村正治「明治前期お雇い外国人の給与」流通科学大学論集—流通・経営編—第21巻第1号 (Meiji Zenki Oyatoi Gaikokujin no Kyûyo. Ryûtsu kagaku daigaku ronshû, Ryûtsû keiei hen) / [Salários dos estrangeiros contratados no início da era Meiji. Boletim da University of Marketing and Distribution Sciences (UDMS), Japão, volume sobre Distribuição e Administração], vol.21, n.1, p.1-24, 2008. Disponível *online*: <<http://www.umds.ac.jp/kiyou/r/21-1/r21-1uemura.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2016.

UMETANI, Noboru. 梅溪昇「お雇い外国人：明治日本の脇役たち」日本経済新聞社 (Oyatoi gaikokujin: Meiji Nihon no wakiyakutachi) / [Estrangeiros contratados: Os apoiadores do Japão da era Meiji]. Tokyo: Nihon keizai shinbun sha, 1965, pp.209-23. *Apud* HIRAKAWA, *Op. Cit.*, 2008, p.468

O ENIGMA DA MARQUESA DE SADE: REALIDADE E IDEAL NO TEATRO DE MISHIMA

Karen Kazue Kawana¹

Resumo: No Ocidente, o escritor Yukio Mishima é conhecido principalmente por seus romances, mas ele também escreveu várias peças teatrais inspiradas em temas orientais e ocidentais. No drama *Marquesa de Sade*, de 1965, o autor transforma a esposa de Donatien Alphonse François de Sade, libertino e escritor do século XVIII, em protagonista. Neste artigo, examinamos os motivos que o teriam levado a fazer essa escolha e também mostramos como assuntos abordados nesse drama refletem algumas ideias caras a Mishima.

Palavras-chave: Teatro; Mishima; Sade; Literatura; Revolução Francesa.

Abstract: The writer Yukio Mishima is known in the Occident mostly for his novels, but he also wrote many plays for the theatre inspired in oriental and western themes. In *Madame de Sade*, from 1965, the main role is given to the wife of Donatien Alphonse François de Sade, the 18th century libertine and writer. In this paper, we examine Mishima's reasons for his choice of protagonist. We also try to show how some of the subjects raised in the play reflect ideas that are dear to the author.

Keywords: Theatre; Mishima; Sade; Literature; French Revolution.

Yukio Mishima (1925-70), escritor japonês conhecido no Ocidente por obras como *Confissões de uma Máscara* (1949), *O Templo do Pavilhão Dourado* (1956) e a tetralogia *Mar da Fertilidade* (1965-70) – para citar apenas alguns exemplos – também se dedicou à dramaturgia, escrevendo dezenas de peças teatrais. Seu interesse pelo teatro foi despertado no início da adolescência, quando assistiu a peças de teatro kabuki na companhia de sua avó paterna, Natsuko, com quem passou a infância, e a peças de nô na companhia de sua avó materna.

Suas peças são inspiradas nos mais variados temas: em peças de kabuki e nô, episódios bíblicos, mitologia e tragédia gregas, em suas viagens pelo Ocidente ou em figuras polêmicas como Sade e Hitler. Elas conjugam seu interesse pelas obras clássicas do teatro tradicional japonês, que adapta com toques modernos, como no

1 Mestre do programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. kawanakk@uol.com.br.

caso do nô, e também pelas obras e ideias de escritores e dramaturgos ocidentais, que assimila a seu modo. Seus trabalhos aliam o clássico e o moderno, bem como elementos ocidentais e orientais.

Marquesa de Sade, drama em três atos escrito em 1965, é um exemplo de seu flerte com as ideias ocidentais e revela seu apreço pela simplicidade e cenas estáticas, inspiradas no teatro clássico francês de Jean de Racine (1639-1699). Há reviravoltas e revelações chocantes de conteúdo erótico; no entanto, nada disso é representado na peça, apenas descrito e deixado para a imaginação do público. Nessa peça, Mishima dispensa efeitos de cena, o drama se desdobra nos diálogos e o único apelo visual é proporcionado pelas roupas de estilo rococó.

Donatien Alphonse François de Sade (1740-1814), o marquês de Sade – autor de romances libertinos como *Justine, ou as Desventuras da Virtude* (1791) e *A Filosofia na Alcova* (1795) – deu nome ao termo sadismo, que denota a excitação e o prazer proporcionados pelo sofrimento alheio. Polêmico e provocador, ele não poderia deixar de despertar o interesse de Mishima que se sente atraído por figuras complexas, que desafiam as convenções.

A natureza presente nas obras de Sade não é aquela idealizada pelos moralistas ou estetas de sua época. É uma natureza que não deixa de fora os instintos mais básicos dos seres humanos, suas fantasias e perversões, aquilo que geralmente é reprimido ou condenado em nome de uma visão de ser humano naturalmente bom, como prega Rousseau, e cuja corrupção recairia sobre a sociedade. Como Rousseau, Sade também acredita que a natureza do ser humano foi corrompida, no entanto, é exatamente essa natureza mais primitiva que ele procura recuperar em suas obras. Uma primeira leitura de seus textos, com suas orgias e cenas cuidadosamente montadas, pode dar a impressão de que não há nada de espontâneo em sua ideia de natureza. Mas é necessário lembrar que o ser humano já foi corrompido e vive em um mundo de aparências e artifício. Talvez por isso mesmo, suas emoções e gestos mais primitivos só possam ser resgatados por meio de rituais. Os meios devem se adequar à realidade, afinal ninguém mais vive nu, no meio da floresta, entregue aos seus instintos mais básicos. Em um século que valoriza a razão, não é de espantar que seja fazendo uso dela que o ser humano deva resgatar sua natureza original.

A biografia de Sade inclui episódios que foram considerados escandalosos, envolvendo prostitutas, sodomia e profanação de crenças e objetos religiosos em suas orgias. Quando eles vinham a público, o marquês era condenado a estadias na prisão. No total, ele passou onze anos encarcerado nas prisões de Vincennes, na Bastilha e no hospício de Charenton.

Renée-Pélagie Cordier de Launay de Montreuil (1741-1810) tinha 22 anos quando se casou com Donatien Alphonse em 1763. Tratava-se de um casamento que beneficiava o pai do noivo, oriundo de uma nobreza empobrecida devido à vida de dissipação, bem como à família Montreuil que, apesar de abastada, ganharia prestígio ao se aliar a uma família de sangue nobre como os Sade. Ao contrário do que se poderia

esperar de alguém com o currículo de amantes e comportamento escandaloso como o do jovem marquês, a união se provou estável e até mesmo harmoniosa. Renée era uma esposa devotada e se sacrificou pelo marido em diversas ocasiões.

Alguns meses após o casamento, o marquês foi preso em Vincennes por uma ordem real, devido a atos blasfemos praticados durante um encontro íntimo com uma artesã de leques, chamada Jeanne Testard. Ele foi liberado mediante a intervenção de seu pai e dos Montreuil.

No entanto, o marquês é incorrigível e as amantes se sucedem. Sua vida de dissipação continua, até que um novo escândalo vem à tona. Em 1768, uma viúva de 36 anos, chamada Rose Keller, pedia esmolas em uma praça na frente da igreja de Petis-Pères em Arcueil quando um homem se aproxima, oferece-lhe dinheiro e pede que o acompanhe até sua casa. O homem era Sade e ela o seguiu porque ele lhe teria prometido um emprego como governanta. Segundo Rose Keller, ele a trancou em um quarto e, sob ameaças, chicoteou-a, fez incisões em sua pele com a ponta de uma faca e derramou cera quente sobre as suas feridas. Quando foi deixada sozinha, ela fugiu por uma janela. O relato de seus tormentos foi feito à polícia, que ordenou a prisão de Sade. O fato de esse episódio ter se passado em um domingo de Páscoa agravou as acusações. Mais uma vez, as famílias Sade e Montreuil se mobilizaram, conseguiram atenuar a pena e calar Rose Keller, oferecendo-lhe uma grande soma de dinheiro.

Em junho de 1772, novo escândalo envolvendo Sade. O episódio de Marselha é descrito fielmente pela condessa de Saint-Fond, na peça de Mishima. O marquês recrutou quatro prostitutas para uma orgia e lhes ofereceu pastilhas afrodisíacas que continham insetos, conhecidos como cantáridas, triturados em sua composição. Tudo teria permanecido entre quatro paredes, se duas das garotas não tivessem passado muito mal devido ao consumo das pastilhas e revelassem o que ocorrera. O rumor que se espalha é o de que o marquês as envenenara. Os detalhes das relações sexuais e a participação do pajem do marquês tornam o episódio ainda mais escandaloso. Ambos são acusados de envenenamento e sodomia e condenados à morte pela corte de Aix. Na ausência dos acusados, suas efigies são queimadas em praça pública. Contudo, enquanto é executado simbolicamente em Aix, Sade viaja com sua cunhada, Anne de Launay, irmã mais nova de sua esposa Renée, e os dois passam uma breve lua-de-mel em Veneza.

Segundo Maurice Lever (1993), a condenação à morte por envenenamento foi exagerada, uma vez que as duas mulheres que sofreram os efeitos das pastilhas retiraram suas acusações. Os homossexuais eram condenados por sodomia então, mas raramente a pena de morte era levada a efeito. Portanto, a gravidade da pena se deveria, em parte, às circunstâncias políticas da época. É preciso lembrar que Jean-Jacques Rousseau ganhou um prêmio da Academia de Dijon com um discurso no qual criticava a sociedade e a ostentação. Já o discurso que escreveu logo em seguida, dizia que os homens nasceram todos iguais, ideias mais tarde adotadas pelos insurgentes da Revolução Francesa, que estava prestes a eclodir. (Além disso, um dos chanceleres da corte tinha desavenças pessoais com Sade e a família Montreuil).

Madame de Montreuil, mãe de Renée-Pélagie, envolveu-se ativamente na defesa do genro nos casos Testard e Keller, recorrendo a todos os meios de que dispunha para que ele não fosse condenado à prisão, entretanto, após descobrir que ele seduzira sua filha mais jovem, Anne-Pròspere, ela se transforma em sua algoz e, a partir do episódio de Marselha, dedica-se a persegui-lo com fúria e não descansa até que ele seja preso em 1778. Renée se vê sozinha e dispende todas as suas energias tentando salvar o marido, o que gera conflitos com sua mãe. Sade permanece detido até que as ordens reais de prisão sejam anuladas pela Revolução Francesa em 1790. É durante seu período de encarceramento que o marquês começa a compor as obras que o tornaram famoso.

Após ler uma tradução da biografia de Sade, *A Vida do Marquês de Sade* de Tatsuhiko Shibusawa, publicada em setembro de 1964, Mishima sente-se instigado a criar uma peça baseada na figura da marquesa de Sade. Para ele, a marquesa representa um enigma, pois apesar de ter sido uma esposa devotada, defendido o marido, suportado suas injúrias e o visitado regularmente enquanto ele esteve preso, no final, quando Sade finalmente é libertado, ela expressa seu desejo de nunca mais vê-lo e torna-se religiosa.

No posfácio da peça, Mishima escreve:

Este enigma serviu de ponto de partida para a minha peça, que é uma tentativa de fornecer uma solução lógica. Eu estava seguro de que algo altamente incompreensível, mas altamente verdadeiro sobre a natureza humana, jazia detrás deste enigma e quis examinar Sade, mantendo tudo dentro desse sistema de referência. (MISHIMA, 1965, f. 186)²

Marquesa de Sade é um drama *Shingeki*, teatro moderno japonês, que se desenvolveu no Japão influenciado pelas representações de peças ocidentais de autores como Ibsen, Chekhov e Gorky. Segundo Darci Kusano (2006), a obra imita a estrutura do teatro clássico francês com seu enredo claro e cujo drama se desenrola no jogo de emoções dos personagens. O que condiz com o próprio ideal estético de Mishima, que prefere enredos simples e de fácil compreensão pelo público: “O ideal estético de Mishima era a simplicidade, essência do ser humano. Na sua concepção, a arte deveria ser fundamentalmente fácil de ser entendida, compreensível em si mesma.” (KUSANO, 2006, p. 517)

O primeiro ato da peça se inicia em 1772, após o episódio de Marselha; o segundo, em 1778, quando o marquês é finalmente preso e; o terceiro se passa em 1790, após a eclosão da Revolução Francesa, quando Sade deixa a prisão.

2 MISHIMA, Y. **Marquesa de Sade**. 1965. A peça, dirigida por Roberto Lage e protagonizada por Bárbara Paz, esteve em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo entre outubro/2005 e fevereiro/2006. Todas as citações da peça em questão remetem às folhas da tradução não publicada de Darci Kusano.

No primeiro ato, a baronesa de Simiane, mulher devota, ouve escandalizada a condessa de Saint-Fond, conhecida por seu comportamento imoral, descrever os detalhes da orgia promovida pelo marquês em um quarto de Marselha. Ambas esperam por Madame de Montreuil que as convocara para lhes pedir que intercedessem em favor do genro condenado pelo tribunal de Aix. A baronesa pedirá que um cardeal a ajude nessa tarefa, a condessa, por sua vez, usará suas artes de cortesã para seduzir um chanceler e pedir que ele revogue a decisão da corte. Depois que as duas saem de cena, Renée e Anne entram. Madame de Montreuil toma conhecimento de que Sade seduzira sua caçula e imediatamente escreve três cartas, respectivamente para a baronesa de Simiane e para a condessa de Saint-Fond, informando-lhes que sua ajuda não é mais necessária, e a outra provavelmente dirigida ao rei, solicitando-lhe uma ordem de prisão para o genro.

No segundo ato, que se passa seis anos depois do primeiro, Renée descobre a participação de sua mãe na prisão do marido e as duas discutem. Madame de Montreuil condena o comportamento imoral do genro e não compreende por que Renée não o deixa. Em um momento de exaltação, ela revela saber que Renée também participa das orgias promovidas pelo marido. Renée o defende e critica a hipocrisia de sua mãe, pois, em sua opinião, ao menos Alphonse é autêntico, ele não vive de aparências ou adere a uma falsa moralidade como o resto da sociedade.

No terceiro e último ato, Renée recebe a baronesa de Simiane, agora uma freira, e revela o desejo de entrar para o claustro à sua mãe. Esta fica estupefata, pois com a Revolução e a revogação das ordens reais, o marquês está prestes a ser libertado e seria mais vantajoso que Renée permanecesse casada nesse período turbulento. Anne, então casada com um nobre, está a caminho da Itália, a aristocracia corre risco e seu marido prefere deixar a França. Ela pede que sua mãe a acompanhe, mas esta recusa. Também ficamos sabendo que a condessa de Saint-Fond morreu como uma mártir do povo em Marselha. No momento final, clímax da peça, Charlotte, empregada de Madame de Montreuil, anuncia a chegada do marquês. Ele encontra-se à porta e pede para ser recebido pela esposa. A resposta de Renée provoca perplexidade. Ela se dirige a Charlotte e diz: “Por favor, peça-lhe para se ir. E diga-lhe: ‘A marquesa nunca mais o reverá’.” (MISHIMA, 1965, p. 185)

A peça de Mishima é bem fiel aos acontecimentos e às datas da biografia de Sade. A condessa de Saint-Fond e a baronesa de Simiane são personagens fictícios, mas Madame de Montreuil e suas filhas são reais; mesmo o envolvimento de Sade com Anne e a viagem empreendida pelos dois a Veneza é mencionada nas biografias do marquês. Este nunca aparece em cena, mas é uma presença constante nos diálogos das mulheres. Para a baronesa de Simiane, que o conhece desde a infância, ele é o menino doce de cabelos dourados e olhos azuis. Para a condessa de Saint-Fond, ele é um irmão, um duplo. Ambos compartilham o sentimento de niilismo e cansaço em relação ao mundo. As orgias e seus comportamentos profanos apenas revelam suas angústias, eles são crianças que esperam chamar a

atenção de um pai, mesmo que seja para serem repreendidos. Mas o pai, Deus, ou “o cão preguiçoso” ao qual é comparado pela condessa, não se manifesta e resta apenas o desapontamento:

Provavelmente, eu interpretei mal o marquês de Sade. Pensava que aquele carrasco loiro, de mãos alvas, o fustigador de chicote, o executor, fosse um agente de Deus. Agora, percebo o quanto estava enganada. O marquês é apenas um companheiro meu, ele pertence ao meu partido. Ao redor do cão preguiçoso que está a cochilar, os açoitadores e açoitados, os punidores e os punidos não são senão patéticos provocadores, exatamente do mesmo nível. Um procura provocar o cão, chicoteando alguém; outro, em se deixando fustigar, um derramando sangue; e outro, deixando o seu próprio sangue escorrer... Ainda assim, o cão não se digna a despertar. O marquês e eu somos cúmplices da mesma facção. (MISHIMA, 1965, f. 158)

Para Anne, a irmã seduzida, Sade é o amante que evoca lembranças de noites ao luar em Veneza. Madame de Montreuil, por sua vez, considera-o um monstro despidorado. Renée parece ser a única a compreender sua complexidade e a força que o aproxima da própria divindade.

Ela explica que decidiu ir para o convento depois de ler o livro que o marido escrevera na prisão. A história de duas irmãs que seguem caminhos totalmente diferentes: enquanto uma procura preservar a virtude e encontra apenas infortúnios, aquela que se entrega aos vícios é recompensada. Renée acaba por se identificar com Justine, a irmã virtuosa e infeliz, e compreende que, apesar de anteriormente ter afirmado que ela era Sade, o mais correto seria dizer que ela era Justine. Havia um hiato entre os dois, ela não era sua cúmplice, sua igual. Após a leitura desse livro, ela compreende que Sade não precisa dela ou de qualquer outra pessoa para realizar suas fantasias. Ao colocá-las no papel, sua liberdade tornava-se infinita e todos não passavam de meros personagens de suas obras. Ele era o criador de um mundo onde todos eram suas marionetes, equiparando-se à divindade. À marquesa, restava entrar para o convento e meditar sobre a questão do bem e mal, essa distinção que lhe parecia tão tênue:

Ele é o homem mais livre deste mundo. Suas mãos se estendem até os confins do tempo, até os confins do mundo. Ele reuniu todas as espécies de mal, escalou no seu topo e, como um pouco mais de esforço, os seus dedos poderão tocar a eternidade. Alphonse colocou uma escadaria de fundo que dá aos céus. (MISHIMA, 1965, f. 183)

E ainda: “Ele extraiu uma luz do interior do mal e criou o sagrado com a imundície que havia coletado.” (f. 184)

Mas se essas afirmações da marquesa justificam sua decisão de ir para o convento, elas ainda não explicam seu desejo de nunca mais ver o marido e o final da peça de Mishima dá margem a várias interpretações. A primeira seria consequência da constatação de que o marido não a considerava sua cúmplice, mas realmente a via como Justine, uma mulher que, apesar de virtuosa, ou talvez exatamente por isso, sempre se deparava com infortúnios. Na visão de Sade, rejeitar os impulsos do corpo, os instintos mais primitivos do ser humano, seria algo contrário à natureza. O comportamento de Justine, portanto, seria uma aberração, daí derivaria todo o seu sofrimento e sua punição final, quando é morta por um raio. Ao compreender que ela nunca faria parte do mundo de Sade, pois se identificava com Justine, Renée decide entrar para o convento e não vê razão para rever o marido. Ou ainda, ela teria tomado essa decisão porque já não faria mais parte da realidade, mas estaria presa na obra do marquês, para sempre uma personagem e, como tal, preferia permanecer, sem romper as fronteiras entre a realidade e a ficção.

Segundo Roy Starrs (1994), a vida e obra de Mishima sofreram uma grande influência do pensamento de Nietzsche. Tanto uma quanto a outra revelam uma espécie de dialética entre um niilismo passivo e um niilismo ativo, o primeiro associado à contemplação e, o segundo, à ação. Em sua vida, Mishima tentaria sempre passar do polo negativo para o positivo, ou seja, deixar a atitude passiva – a escrita e as fantasias – e passar para ação, o que faz quando começa a moldar o seu corpo para que este se aproxime do seu ideal de beleza. Depois que atinge seu objetivo e se reveste de músculos, ele atua em filmes, cria sua milícia e, finalmente, torna-se o herói do “script” que imaginou para si mesmo ao cometer *seppuku* em 1970.

Para Roy Starrs, Renée teria se recusado a receber o marquês porque ele teria passado de um niilismo ativo para um niilismo passivo, ou seja, deixado de ser o homem que executava suas fantasias e se tornado alguém que as transferia para o papel, sem lhes dar vazão na realidade.

Em outra interpretação, provavelmente a mais simples e que encontra eco no pensamento de Mishima, Renée não deseja ver o marido porque prefere preservar a imagem de Sade tal qual ela se apresenta fresca em sua imaginação, a de um cavaleiro loiro de armadura prateada, um guerreiro piedoso com uma missão divina:

A sua armadura brilha tenuamente com a luz violeta que ele irradia ao mundo. Os motivos em relevo da sua armadura, feitos de ferro enferrujado de sangue, são rosas e não arabescos, cordas e não guirlandas. E como escudo, carrega um ferro de solda que reflete o vermelho da pele das mulheres que ele marcou com o ferrete. As angústias, os sofrimentos e os gritos humanos se elevam, como os altivos cornos do seu elmo de prata. Ele pressiona contra seus lábios uma espada farta de sangue e entoa heroicamente as palavras do juramento. Os seus cabelos loiros, que transbordam do elmo, envolvem a sua face pálida, como uma auréola e a sua inexpugnável armadura é como um espelho de prata, embaçado

pela respiração das pessoas. As suas mãos, alvas e belas como as de uma mulher, reveladas ao remover as manoplas, tocam nas cabeças das pessoas e mesmo os mais desprezados, os mais desertados dos homens, retomam coragem para seguir com brio aos campos de batalha, onde a aurora bruxuleia. Ele voa. Ele se eleva aos céus. (MISHIMA, 1965, f. 184)

Pouco depois desse discurso exaltado, a realidade se apresenta na descrição do marquês feita por Charlotte:

Ele mudou tanto, que quase não o reconheci. Veste um casaco de lã preta, remendado nos cotovelos e uma camisa com o colarinho tão sujo que, desculpem-me por dizê-lo, a princípio, o tomei por um velho mendigo. E como ele engordou! O seu rosto está pálido e inchado e o tamanho das suas roupas é inadequado, pois ele acabou engordando tão grotescamente que temi que não conseguiria passar pela porta. Os seus olhos estão nervosos, o seu queixo treme levemente e, quando ele murmura obscuramente algo, pode-se notar que lhe restam alguns dentes amarelados na boca. (f. 184)

Essa imagem é bem distinta da anterior e, após ouvi-la, Renée diz que não verá mais o marido.

Depois de sua viagem à Grécia em 1952 e influenciado pelas ideias de Nietzsche, Mishima repensa a relação entre corpo e espírito. Antes, o intelecto era o aspecto a que dava maior peso, mas, a partir de então ele passa a considerar ideal que haja uma harmonia entre os dois. O aspecto estético não deve se limitar à arte, o corpo e a própria existência são materiais a serem trabalhados e transformados em obras de apreciação estética:

Ao contrário da maioria dos escritores e intelectuais em geral, que dá grande importância à sua obra e negligencia ou mesmo omite o seu corpo, Mishima se declara francamente dualista, atribuindo igual importância tanto ao corpo e à ação quanto à criação artística. (KUSANO, 2006, p. 415)

Aos trinta anos, Mishima passa a se exercitar e a moldar seu corpo. Se, até então, ele não passara de um voyeur dos corpos jovens e bem torneados, depois disso, ele se aproxima fisicamente do seu ideal de beleza e de um grupo do qual se sentia excluído. Talvez a única coisa que lamente seja ter se aproximado do seu ideal quando já não era mais jovem, como o São Sebastião na pintura de Guido Reni (1575-1642) ou os heróis das tragédias gregas que morrem na flor da idade. Para alguém que exalta a beleza, a decadência física, a velhice, não pode deixar de ser associada à decadência moral.

Assim sendo, como Renée poderia receber o marquês após ouvir a descrição nada lisonjeira em relação ao marido feita por Charlotte? Imagem que destruiu totalmente a visão que acabara de pintar em palavras, aquela do marquês como um cavaleiro de armadura. Que restaria desse herói invencível se ela o visse à sua frente? Ela preferiu entrar para o convento preservando seu ideal, ao invés de confrontá-lo com a realidade.

Darci Kusano (2006, p. 290-291) lembra que o final da peça é semelhante àqueles de *Azaleia Matutina* (*Asa no Tsutsuji*, 1957) e *Os Leques Trocados* (*Hanjo*, 1955). Em ambas as peças, as protagonistas repetem a frase: “Eu nunca mais o reverei” para seus amantes. Em *Azaleias Matutinas*, peça *shimpa*, que mistura kabuki e drama moderno, Mishima descreve a decadência de uma família nobre, tudo ocorre em uma noite, durante um baile na mansão do visconde Kusakado. A família recebe a notícia de que o banco onde depositava seu dinheiro faliu. Onodera, filho do porteiro da família, que se tornara um empresário bem-sucedido, oferece dinheiro à viscondessa, por quem é apaixonado, desde que ela se entregue a ele de imediato. Ela consente, mas a noite termina com tons funestos, o visconde se suicida revelando que tinha uma amante que o arruinara. Onodera propõe casamento à viscondessa, mas ela recusa e lhe devolve o cheque, dizendo-lhe que se entregara por amor, mas que nunca mais o reverá. Tudo o que ela deseja preservar é a memória daquela noite cheia de revelações.

Os Leques Trocados é inspirada na peça de nô *Hanjo*, escrita por Zeami (1363?-1443?) A obra original narra a história de amor de Hanako, uma prostituta que se apaixona pelo capitão Yoshida. Os dois passam uma noite juntos e, antes de se despedirem, trocam leques prometendo que se reencontrariam. Ela deixa de atender outros clientes, é expulsa da hospedaria onde vivia e parte em busca do amado. Durante sua busca, ela acaba enlouquecendo, mas o reencontro ocorre e há um final feliz. Já no drama de Mishima, Hanako é uma gueixa que se apaixona por Yoshio, um de seus clientes. Eles trocam leques, mas Yoshio tarda a retornar, Hanako enlouquece e é acolhida por Jitsuko, uma pintora lésbica. Hanako vai todos os dias à estação e espera Yoshio com o leque nas mãos. Porém, quando ele finalmente aparece após ler uma notícia no jornal, ela não o reconhece. Segundo Darci Kusano (2006, p. 214): “A originalidade do dramaturgo está exatamente na oposição ficção e realidade, com a embriaguez da fantasia sobrepujando o real.”

Renée, a viscondessa Kusakado e Hanako preferem preservar a imagem idealizada a perdê-la irremediavelmente em um confronto com a realidade. Essas personagens expressam a visão de arte e vida, ideal e realidade, do próprio Mishima, para ele, esses pares não deveriam representar opostos, mas unidades. O elemento dramático das peças encontra seu clímax quando as personagens escolhem a arte, a ficção, em suma, o ideal, na impossibilidade de conciliá-lo com a realidade. O último ato do próprio Mishima, seu suicídio ritualizado que, em sua imaginação, deveria ter um significado grandioso, poderia ser considerado uma tentativa de criar uma ponte entre o real e o ideal.

Referências Bibliográficas

- BOISSIEU, M. de. Madame de Sade : Mandiargues traduit Mishima. In: **Journal of Humanities and Social Sciences**. Graduate School of Humanities and Social Sciences Okayama University. Vol. 35, pp. 13-22, 2013. Disponível em <<http://ousar.lib.okayama-u.ac.jp/metadata/49525>>. Acesso em: out. 2014.
- KUSANO, D. **Yukio Mishima**: O Homem de Teatro e de Cinema. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- LEVER, M. **Sade: A Biography**. Translated by Arthur Goldhammer. New York: Farrar, Staus and Giroux, 1993.
- MELANOWICZ, M. The Power of Ilusion: Yukio Mishima and *Madame de Sade*. In: **Japan Review**, vol. 3, pp. 1-13, 1992.
- MISHIMA, Y. Sado Koshaku Fujin (Madame de Sade). **Bungei**, nov. 1965.
- SAGAR, K. **Madame de Sade**. 2009. Disponível em <<http://www.keithsagar.co.uk/moderndrama/index.html>>. Acesso em: out. 2014.
- STARRS, R. **Deadly Dialectics: Sex, Violence and Nihilism in the World of Yukio Mishima**. Folkstone: Japan Library, 1994.

AÇÕES INFLUENTES NA AQUISIÇÃO DA ORALIDADE EM LÍNGUA JAPONESA COMO LE

Lincoln Ferreira de Araújo¹
Kyoko Sekino²

Resumo: Este trabalho propõe-se a investigar ações de aprendizagem de uma sala de aula de um curso de língua japonesa, a qual possui como foco a aquisição da oralidade. Baseado em Brown (2000; 2007) e Benson (2001) dentre outros, nossa pesquisa objetiva observar a relação entre os métodos utilizados pelo professor e o desenvolvimento oral de alunos iniciantes. Por meio do método de observação direta, de questionários e de aplicação de testes orais, identificou-se que os métodos utilizados pelo professor geram efeitos tanto positivos quanto negativos. Notou-se que, ao se identificar uma dificuldade dos alunos, o professor imediatamente ajustou os seus métodos; como resultado, conduziu os alunos a aprenderem a língua alvo. Assim, verificou-se, no professor, uma variação de métodos e de técnicas em sala de aula. Ademais, notou-se que um dos fatores interessantes assistido foi a colaboração dos alunos em sala de aula, em que um ajudou o outro, auxiliando a turma adquirir a língua alvo.

Palavras-chave: Aquisição da LE; Oralidade; Métodos; Estratégias; Autonomia.

Abstract: This work proposes to investigate actions that happen in a Japanese language classroom to observe acquisition of oral skill as focus point. Based on Brown (2000; 2007), Benson (2001) and among others, our research aims to see the relationship between methods used by the teacher and beginners students' oral skill development. With such methods as direct observation, questionnaires and the application of two oral testes, we identify that the methods used by the teacher made both positive as well as negative effects. We perceived that the teacher immediately adjusted his methods, as he noticed the students' difficulty; as a result, he made them learn the target language. As it was evident, the teacher varies his methods and techniques in the classroom. Besides, one of the interesting factors is the students' collaboration in the classroom, in which one helps the other so that it made the class acquire the target language.

Keywords: Foreign language acquisition; Oral skill; Methods; Strategies; Autonomy.

1 Graduado pela Universidade de Brasília (UnB), na Licenciatura em Japonês (LET), em 2015; lincoln.fa@hotmail.com.

2 Professora Doutora na Licenciatura em Japonês (LET) na Universidade de Brasília (UnB); kyokosekino@gmail.com.

1. Introdução

O presente trabalho trata-se de um estudo exploratório, apresentado no trabalho final de curso (TCC), sobre a relação entre os métodos de aprendizagem utilizados pelo professor e o desenvolvimento da oralidade dos alunos de um curso básico de Língua Japonesa. O pressuposto da investigação é que os professores de língua estrangeira (LE) dispõem de vários métodos e técnicas para lecionarem. Porém, nem sempre, elas podem funcionar de forma a auxiliar os alunos. Antes de apresentar os resultados dos estudos, é importante comentar que neste artigo, tratamos a LE e a segunda língua (L2) sem distinção. Isso porque a língua japonesa é uma língua estrangeira a qual a maioria dos alunos falantes nativos de Português-Brasileiro aprende em instituições escolares. Segundo Ellis (1994), o termo L2 é geralmente usado para se referir a qualquer língua que não seja a primeira. Diante disso, na pesquisa utilizará ambos os termos.

A aquisição (ou não aquisição) de LE é uma discussão duradoura, devido a diferentes formas de aprendizado da língua materna (LM) (KRASHEN, 1987). Krashen (1981) distingue “Aquisição” de “Aprendizagem”. Aquela é o processo subconsciente, intuitivo e natural de aprender uma língua através da interação/comunicação e exposição a ela, socialmente, através de situações reais de convívio. Aprendizagem, por sua vez, é o processo consciente (e não espontâneo) de aprender uma língua (e sua gramática) pelo seu estudo.

Verifica-se, nas literaturas, que já foram introduzidas várias hipóteses e teorias sobre o processo de aprendizagem, tais como: hipóteses behavioristas (SKINNER, 1957); hipótese de monitor e de input (KRASHEN, 1987); abordagem cognitiva (AUSUBEL, 1963; BIALYSTOK, 1978; MCLAUGHIN, 1978; ANDERSON, 1983; ELLIS, 1985); teorias de conversação (GRICE, 1975; PASK, 1975); teorias de aculturação (SCHUMANN, 1978) dentre outros. Baseado nessas hipóteses, criaram-se uma variedade de métodos e técnicas para facilitar a aprendizagem da LE. Essa proliferação de métodos e técnicas reflete a complexidade da aprendizagem de LE. Ademais, há evidências que o êxito da aquisição da L2 difere para cada indivíduo, o que permitiu novos ramos de estudos, como: psicológicos, cognitivos, antropológicos e sociais. Por exemplo, quando se há a necessidade de investigar a questão de autonomia, atitudes, crenças e identidade, com ênfase na diferença individual. Esse exemplo nos remete a tendência de, no Brasil, as pesquisas relacionadas com crenças e com autonomias serem, na maioria, relatadas, em estudos de caso.

Neste estudo, nosso objetivo é observar a influência do(s) método(s) usado(s) pelo professor no ensino da oralidade dos alunos no âmbito de aquisição e aprendizagem de uma língua distinta (SHIBATANI, 2006) da LM dos alunos. Delimitou-se a um pequeno grupo de adultos iniciantes, falantes nativos de língua portuguesa brasileira, com foco na oralidade. A pesquisa partiu das seguintes perguntas: (1) Todos os métodos e técnicas utilizados, na sala de aula, geram o efeito esperado?; (2) O professor varia os métodos e técnicas em sala de aula?; (3) Quais métodos e técnicas fazem os alunos falarem a

língua alvo?; enfim, (4) As ações conjuntas na sala de aula geram algum efeito positivo, mesmo havendo a diferença individual entre alunos?

Assim, analisaram-se as ações de aprendizagem que ocorrem em sala de aula no que diz respeito a abordagens, aos métodos e às técnicas utilizadas pelo professor. Além disso, o impacto delas sobre os alunos na aquisição da oralidade em língua japonesa. Para isso, identificaram-se os métodos e as técnicas que geraram efeitos positivos. Averiguou-se, ademais, a relação da aprendizagem da língua-alvo dos alunos iniciantes com os métodos utilizados; se houve aquisição da oralidade; qual a influência do professor sobre os alunos; e se houveram outras ações que resultaram, positivamente, na aquisição da oralidade.

2. Revisão da literatura

2.1 Abordagens, métodos e técnicas do ensino de LE

Primeiramente, esclarecer-se-á a distinção entre abordagem, método e técnica que vêm sendo difundida por algum tempo segundo os conceitos de Anthony (1963, *apud* BROWN, 2007, p. 14). Para o autor, abordagem, no ensino de LE, diz respeito a uma direção tomada pelo professor sobre a aplicação de uma forma de ensino. Vilaça (2008) a interpreta como uma “visão geral sobre o que seja uma língua e sobre o que seja ensinar e aprender uma língua” (p. 76). Métodos se referem a formas variadas e concretas de se aplicar a abordagem. Técnicas, por sua vez, relacionam-se a atividades realizadas pelo professor durante a aula, em que se vale de métodos a fim de propulsionar o aprendizado de seus alunos. A seguir, tratar-se-á uma síntese de cada abordagem e de cada método relevante a nossa pesquisa.

Introduzem-se duas abordagens frequentemente utilizadas no ensino de LE, são: a natural e a comunicativa. Brown (2007, p. 31) discorre que o foco da Abordagem Natural é o significado e não a forma. A oralidade é um dos pontos que pode ser mais trabalhado com essa abordagem. O professor se utilizará de expressões de fácil compreensão; de um ritmo adequado em suas enunciações. Ademais, estará sempre atento à compreensão dos alunos com intuito de que o *output* possa ocorrer. Percebe-se, nessa abordagem, uma liberdade de os alunos falarem da forma como se sentem à vontade, contanto que seja na língua alvo. Eles não têm seus erros corrigidos a todo instante – a não ser que sejam erros muito grosseiros, ou caso o aluno não consiga desenvolver a fala. O foco, principal, é ensinar a se expressar oralmente. A abordagem natural leva ao desenvolvimento das habilidades de fala e de compreensão, haja vista que ela ajuda para que a aquisição da língua surja da forma mais natural possível.

A Abordagem Comunicativa, por sua vez, aponta para uma visão na qual o aprendizado do aluno seja mais próximo e consistente do cotidiano. Para esse fim, o professor traz contextos reais para a sala de aula com o intuito de incentivar uma ativa participação do aluno, sem se preocupar, em demasia, com critérios gramaticais.

Segundo Brown (2007, p. 49), a finalidade da abordagem comunicativa é a comunicação. Nela, o professor não é o detentor do conhecimento, mas sim o facilitador. Por causa disso, o professor pode dispor de quaisquer meios necessários para o desenvolvimento do aluno. Inclusive, não evita o uso da língua materna dos alunos, se for preciso. É uma abordagem que se preocupa mais com o significado do que com o sistema linguístico.

No que diz respeito aos métodos de ensino de LE, o Método Tradicional, ou seja, Método Tradução-gramática é um dos métodos fortemente usado em muitas instituições de ensino de LE. Nele, atém-se a um aprendizado inclinado a regras gramaticais e ao uso de dicionário, indispensável para entender textos em LE por meio de tradução. Constata-se que as aulas são ministradas na LM dos alunos com o eixo em vocabulários, em regras, principalmente, as gramaticais e as estruturais da língua, em vez da comunicação. O professor é detentor do conhecimento (BROWN, 2007, p. 19), diferente de seu papel na abordagem comunicativa.

O Método Audiolingual é, por sua vez, voltado à memorização de estruturas gramaticais. Esse método tem por regra não permitir erros, os quais tendem a ser extinguidos. O professor é quem detém o saber e, também, utiliza pouco da língua materna dos estudantes. Geralmente, o material didático possui predominantemente formas de diálogos, os quais alunos repetem até memorizarem. As estruturas são apresentadas enquanto se leem as frases. Quanto à gramática, ela é muito pouca explicada; em consequência, geralmente, aprendida por indução e por explicações dedutivas em aula. A pronúncia é essencial. Por isso, os erros são completamente expurgados e os acertos, geralmente, reforçados imediatamente (Brown, 2007, p. 23).

Um dos métodos opostos ao Gramática-Tradução e ao Audiolingual é o Método Direto. Nele, o professor assume o papel de detentor do saber, o qual conduz a turma para as atividades, na maioria das vezes, iniciadas por ele. Richards e Rodgers (2001, *apud* BROWN, 2007, p. 21) pontuaram as características desse método: as aulas são realizadas, exclusivamente, na língua-alvo, com vocabulário restrito e com caráter cotidiano, em que o professor constrói, cuidadosamente, um jogo de perguntas e respostas, visando a progressão das habilidades de comunicação do aluno. Assim, as regras e estrutura da língua acabam sendo induzidas ao aluno.

O método que conduz uma colaboração dos alunos na turma é conhecido como *Community Language Learning* (CLL). Nesse método, há um distanciamento da imagem de uma turma tradicional: os indivíduos, incluindo o professor, agem como um grupo, objetivando-se uma colaboração mútua. Logo, o professor conduz os alunos a atividades que deseja aplicar, ou seja, o professor assume o papel de aconselhar e de auxiliar os alunos. Os alunos, por sua vez, são os protagonistas: participam, ativamente, dos diálogos na LE e pedem ajuda dos colegas quando não sabem falar o que pretende dizer. O professor, caso nenhum colega saiba ajudar, age com intervenções (BROWN, 2007, p. 25).

Há métodos excepcionais pela natureza como *Suggestopedia* (Método Sugestivo) que objetiva buscar um ambiente propício para os alunos aprenderem uma LE, reduzindo seus bloqueios (LOZANOV, 1979). Através de técnicas apropriadas, como o uso de música, atividades lúdicas e relaxamento, o filtro afetivo³ do aluno tende a baixar; consequentemente, deixá-lo menos armado para o aprendizado.

Existe, também, o Método Silencioso que busca apenas a fala dos alunos, sem nenhuma instrução verbal por parte do professor. Nele, o objetivo é promover a percepção dos alunos para que eles possam conduzir o próprio aprendizado. (CATTEGNO, 1972; BROWN, 2007, p. 29).

As abordagens, os métodos apresentados aqui, com exceção do método tradicional, têm um ponto em comum: o foco na oralidade. Para desenvolver melhor essa habilidade, os alunos e os professores dispõem de estratégias em LE a fim de potencializar sua aquisição. No tópico seguinte, trazemos uma sucinta definição do que são estratégias em LE.

2.2 Estratégias em LE

Brown (2000, p. 122) distingue a estratégia em três vieses no ensino/aprendizagem de LE, são: estratégias de aprendizagem, estratégias de comunicação e estratégia baseada na instrução.

Nas estratégias de aprendizado, os alunos possuem um conjunto de estratégias que são diferentes das aplicadas pelo professor. Nelas, os alunos desenvolvem habilidades metacognitivas e cognitivas que orientam seus estudos em um âmbito de autoavaliação constante e do uso dos materiais a sua disposição, como: imagens, apostilas, música etc. Não obstante, eles usam, também, de estratégias socioafetivas as quais podem resolver problemas relativos à aprendizagem, em que recorrem aos colegas, buscando uma interação social e trabalho com o intuito de auxiliar seu aprendizado.

Além disso, há situações de estratégias que os alunos utilizam durante sua fala. Observa-se uma dessas estratégias quando os alunos encerram um diálogo; então, por não conseguir desenvolvê-lo mais, recorrem a frases pré-preparadas as quais podem ser utilizadas em vários contextos. Estes tipos de estratégias são conhecidas como estratégias de comunicação (BROWN, 2000, p. 129 – 130).

O uso concomitante de várias estratégias de aprendizado e de comunicação é conhecido como estratégias baseadas em instrução. Nelas, o aluno usa tanto ações que auxiliam seu aprendizado quanto as que auxiliam sua comunicação com outros. Ações, essas, que são classificadas em dois tipos: diretas e indiretas. Nas estratégias diretas, os alunos desenvolvem ações que auxiliam a memorização, como: o uso de imagens e

3 Krashen (1987) define o filtro afetivo como parte do processo interno no qual configuram os estados emocionais, as atitudes, as necessidades, a motivação do aprendiz ao aprender uma língua, e que regula e seleciona modelos de língua a serem aprendidos, a ordem de prioridade na aquisição e a velocidade nesta aquisição.

sons, associando-os com palavras; revisão repetida do conteúdo, em que se utilizam de gestos e de ações correlatas com o conteúdo aprendido anteriormente para que crie uma espécie de memória episódica.

No que diz respeito às estratégias indiretas, os alunos se baseiam em três tipos: Estratégias Metacognitivas, em que eles podem averiguar o seu próprio desenvolvimento, por buscar informações já conhecidas e descobrir novas informações, constantemente, as organizando em sua fala para se comunicarem. Verifica-se que mesmo que isso deixe a sua comunicação mais lenta, pode se tornar mais preciso. Estratégias de Afinidade, usam-se delas para envolver todas as ações com o intuito de minimizar sua ansiedade, melhorar seu ego. Isso com auxílio de músicas, de atividades relaxantes, de expressões faciais com sorriso, considerando seus limites físicos e mentais. Por último, Estratégias Sociais com as quais o aluno busca esclarecer suas dúvidas com a ajuda de seus colegas. A cooperação mútua permite aos alunos uma consciência não só de suas limitações, mas também das dos outros (BROWN, 2000, p. 133).

Brown (2000) acredita que tais estratégias podem estimular a autonomia do aluno em seu próprio aprendizado. Nessa perspectiva, com o intuito de esclarecer a autonomia, reservou-se um último tópico para discorrer sobre isso.

2.3 Autonomia do aluno

Benson (2001, p. 47) define a autonomia como “a capacidade de assumir o controle de sua própria aprendizagem”, ou seja, o aluno é capaz de encontrar a melhor forma de adquirir o conhecimento, quando gerencia suas próprias ações. Benson afirma ainda que a autonomia é uma capacidade multidimensional, a qual irá assumir formas distintas dependendo de pessoas diferentes, e, até mesmo, para a mesma pessoa em diferentes contextos ou em momentos diferentes.

Para Holec (1981, *apud* BENSON, 2001, p. 48) autonomia é uma capacidade de desenvolver sua própria aprendizagem; assumir a responsabilidade por todas as decisões relativas a todos os aspectos dessa aprendizagem como objetivos, conteúdos, progressões, seleção de métodos, acompanhamento consciente da aprendizagem e avaliação. O aprendiz autônomo é “capaz de tomar todas essas decisões relativas à aprendizagem com a qual ele ou ela deseja se envolver”.

Com isso, podemos definir a autonomia, para os fins desta pesquisa, como a administração das capacidades de aprendizagem em prol da aquisição do conhecimento pelo próprio aluno. É importante lembrar de que a autonomia está relacionada à motivação. O professor é um sujeito que pode agir como motivador dos seus alunos, tendo como meta a busca pela autonomia destes em seus estudos.

3. Métodos de coleta de dados

Observou-se uma turma de nível iniciante, “Básico 1”, de um curso de língua japonesa aberto para o público realizado no segundo semestre de 2015. Nela, foram observadas cinco aulas, um total de 20 horas, entre os meses de setembro e outubro. A composição da turma era de cinco alunos na faixa etária de 20 anos e um professor recém-licenciado por uma universidade federal. Todos participaram da pesquisa. Os respectivos participantes possuem a mesma LM, português-brasileiro. Os alunos responderam a questionários semiestruturados. Também, foram submetidos a dois testes orais com o objetivo de averiguar a aquisição da oralidade em japonês, aplicados um no início e outro ao final da nossa observação, o que coincidiu com o início e meio do curso. Aplicou-se, ademais, uma entrevista ao professor responsável, feita uma no primeiro dia de observação e outra no último, com o fito de arrecadarmos dados mais precisos em relação aos métodos e técnicas utilizados. Obteve-se o perfil do professor por meio de um questionário.

Os testes orais focaram-se na comunicação. Consistia de expressões e de léxicos que os participantes já tinham aprendidos. No primeiro teste, aplicou-se 15 perguntas, e no segundo, 25 perguntas, incluindo as que foram aplicadas no primeiro teste com o intuito de observar a fixação ou melhoria da habilidade oral (Vide Apêndice).

4. Análise dos dados

A análise de dados consistiu da triangulação dos dados recolhidos através dos questionários, das entrevistas, dos testes orais e das anotações de campo juntamente com o respaldo teórico, apresentado na seção de revisão da literatura.

As aulas da turma observada tinham como enfoque maior a oralidade dentre as demais habilidades (ler, escrever e ouvir). Assim, as atividades, comportamentos e efeitos observados foram abordados, nesta pesquisa, relacionados à habilidade oral.

Apresentar-se-á este tópico em quatro seções que tratam: 4.1. Padrão de comportamento do professor; 4.2. Ações dos alunos e do professor; 4.3. Efeitos das técnicas utilizadas pelo professor e 4.4. Desempenho dos alunos no teste oral.

4.1 Padrão de comportamento do professor

Durante as observações de aula, verificou-se uma série de comportamentos por parte do professor, os quais serviam como técnicas para instigar o aprendizado dos alunos. Citam-se alguns, tais como:

A – Iniciar as aulas perguntando sobre como os alunos estavam (tanto na língua alvo como na LM)

B – Estar sorrindo durante as aulas

C – Fazer brincadeiras com os alunos, utilizando-se do conteúdo estudado

D – Instigar os alunos a pensarem

E – Parabenizar os alunos por seu progresso

O comportamento ‘A’ constata-se, nas observações, quando o professor, em sala de aula, sempre procurava iniciar as aulas fazendo perguntas informais a respeito da semana dos alunos e sobre seus estudos semanais de japonês. Os alunos respondiam-lhe prontamente, de forma sutil e informal. Isso serviu como uma indução a revisão da aula anterior. Os alunos traziam suas dúvidas de forma oral, habilidade, essa, que já estava presente, na sala de aula, antes mesmo de se introduzir as atividades do dia. Observa-se que o professor, ao receber seus alunos com uma conversa informal, já trabalhava com os alunos a oralidade para que se diminuísse o filtro afetivo de aprendizagem (KRASHEN; TERRELL, 1983), buscando um ambiente propício para a prática da oralidade.

Os comportamentos ‘B’ e ‘C’ aconteciam, na maioria das vezes, em concomitância. Esses dois comportamentos demonstram não apenas traços do perfil do professor, mas também traços do método Sugestivo de Lozanov (1979). O professor utilizou-se de atividades (técnicas) lúdicas e de relaxamento para diminuir o filtro afetivo dos alunos, induzindo-os a um estado de melhor absorção do conteúdo; logo, melhorando seu aprendizado.

O comportamento ‘D’ pauta-se no fato de que o professor tentava estimular os alunos a pensarem sobre as suas próprias dúvidas. Por causa disso, nota-se que o professor é bastante consciente do seu comportamento relacionado aos métodos e às técnicas utilizadas em aula. Ele respondeu na entrevista que:

...eu gosto de fazer os alunos pensarem, raciocinarem, pois, quanto mais eles fazem isso, mais eles vão conseguir desenvolver essa habilidade de raciocinar e associar o que é aquilo (conteúdo) e usá-lo em determinada situação.

Sendo assim, o comportamento ‘D’ tem respaldo, também, em traços do método silencioso, porque o professor se abstém de falar; conseqüentemente, esse silêncio propicia o raciocínio do aluno a fim de ele próprio ache a resposta (RICHARDS; RODGERS, 2001).

Outro comportamento que notamos com certa ênfase é o ‘E’ – parabenizar os alunos por qualquer progresso. Durante a entrevista, o professor nos revelou:

...é importante elogiar. Isso faz muita diferença. Um professor não pode ficar colocando o aluno para baixo sabe, dizendo que não sabe, ou que deve estudar mais, ele precisa ajudar e elogiar quando o aluno consegue algo. Isso cria um (bom) filtro afetivo com a língua japonesa.

Tal comportamento, juntamente com o ‘B’ – sorrir, é tratado por Brown (2000, p. 133) como parte da estratégia baseada em instrução, o qual, ambos, o aprendiz e/ou professor, usam-nos com o intuito de reduzir a ansiedade. Brown afirma que o uso do riso é eficaz quando o aluno progride no aprendizado.

4.2 Ações dos alunos e professor

Neste tópico, relata-se, como pode ser visto nas tabelas, uma lista de ações observadas durante as aulas. Algumas delas foram instigadas ou iniciadas pelo professor e outras pelos próprios alunos.

TABELA 1 – Ações realizadas em sala de aula

Ações em sala de aula (Número total de aulas:20 horas)	
Realizadas pelo PROFESSOR	Realizadas pelos ALUNOS
Revisão do <i>hiragana</i> com cartões	Leitura individual do vocabulário e de textos da apostila
Utilizar gestos ou imagens para explicar algo na língua alvo	Copiar conteúdo extra ou explicações no caderno
Aplicar exercícios com áudios	Ajudar os colegas
Aplicar atividades em duplas	Fazer perguntas na língua alvo
Comandos na língua japonesa	Ler e não ler uma anotação para responder a questões orais
Revisão oral do conteúdo	Leitura lenta, Oralidade rápida
Realizar atividade de leitura de textos	Responder juntos a uma questão
Realizar ditados	
Apresentar novas expressões em japonês e explicar em português	
Aplicar atividades audiolinguais	
Aplicar atividade com imagens para formulação de frases	
Aplicar atividade oral sem auxílio escrito	
Aplicar atividade de leitura de frases, mudando-as para formas negativa e afirmativa	

4.2.1 Ações do professor

É interessante perceber que cada ação praticada pelo professor pertence a algum método ou a alguma abordagem de ensino de LE. Por exemplo, quando o professor utiliza-se do livro didático do curso para realizar exercícios junto com os alunos, os quais, de fato, são baseados em repetição de estruturas gramaticais; logo, conduz a memorização. Isso nos remete ao traço do método audiolingual.

Já, na atividade de exercícios em grupo ou em duplas, pode-se notar que o professor promoveu uma cooperação mútua ao utilizar de técnicas do método CLL. Essa atividade em grupo, também, pode ser entendida como estratégias socioafetivas (BROWN, 2000, p. 126).

Todas as outras ações utilizadas são congruentes ao método direto, que busca focar no uso exclusivo da língua alvo para ministrar a aula, exceto alguns momentos em que o professor fala em LM para explicações a respeito do conteúdo. Ao olharmos atentamente, tais ações é possível perceber que a abordagem do professor é congruente à abordagem comunicativa ou à natural, pois faz com que o aprendizado dos alunos ocorra de forma induzida ou natural. O professor confirmou tal proposição durante a entrevista:

Tento não utilizar a tradução. Mas é um pouco complicado, pois tenho que usar um pouco de tudo. O livro em si aborda tradução, então tento mesclar. Mas gosto que a maior parte da minha aula seja comunicativa, abordagem natural ou direta, que é na língua alvo em si. As técnicas eu uso por associação e durante estas técnicas tem alunos que vão ajudando um ao outro quando um não entende a associação. Associação quanto às coisas do cotidiano ou mesmo palavras e criatividade.

Assim, as ações do professor se sustentam tanto em métodos orientados para a oralidade quanto também em estratégias que possam auxiliar o aprendizado de seus alunos.

4.2.2 Ações dos alunos

Ao observarmos as ações dos alunos durante as aulas, podemos reconhecê-las como estratégias para a aprendizagem de LE. Tais estratégias, então, surgiram espontaneamente, ou seja, autônomas, visto que o professor não solicitou determinadas ações. Os alunos as faziam por decisão própria, tais como anotações em seus cadernos, ou perguntas em língua japonesa, ou antecipação para eventuais perguntas orais referentes aos exercícios propostos pelo professor.

Nas ações dos alunos, observamos, também, mais traços do Método CLL e de estratégias de aprendizado. Isso quando eles ajudam uns aos outros, mesmo sem que o professor peça ou incite. Percebemos, também, efeitos do CLL quando eles respondem em conjunto as perguntas orais ao professor. Nesse sentido, é interessante ressaltar que tais ações foram elencadas como um dos pontos que contribuíram para

a aquisição da oralidade da língua japonesa por parte desses alunos pesquisados. No questionário aplicado, ao perguntarmos o que contribuiu para que falassem em japonês durante as aulas, os alunos responderam, em unanimidade, que a interação com o professor e colegas foi um dos pontos que contribuiu fortemente para que a aquisição da oralidade ocorresse. Esta interação não apenas foi, de fato, observado nas aulas, como também se adequa às estratégias de aprendizado dentro do método CLL, o qual enfatiza a ajuda mútua em classe para se chegar a um determinado propósito, que, no caso do curso de LE, é a aquisição de uma LE.

Por fim, ressaltamos mais um ponto interessante da nossa observação que é: a habilidade oral dos alunos era bem superior que da leitura. Podemos inferir duas causas para essa característica dos alunos. Primeira, o foco das aulas é a oralidade. Mesmo que a leitura fosse trabalhada, a ênfase maior era a habilidade oral. Segunda, a habilidade de leitura não é bem assimilada nesse estágio da aprendizagem. Eles despendem tempo para poder ler um texto curto e compreendê-lo pela leitura. Mas, compreende esse mesmo texto ouvindo e falando, o que pode ser visto nos mais fluentes.

4.3 Efeitos das técnicas utilizadas pelo professor

Como visto anteriormente, o professor utilizou mais de um método para aplicar em suas aulas. Embora tenha mantido o Método Direto desde o início do curso, o professor decidiu mudar o método com o objetivo de atender aos alunos que não conseguiam se desenvolver. O próprio professor nos revelou na entrevista essa necessidade:

Precisei mudar os métodos. Eu acho muito divertido aquele outro método (abordagem natural). Ah, eu me sinto tão bem sabe. Porque é um método que mexe com o raciocínio dos alunos. Mas, infelizmente, alguns alunos não estavam acompanhando. Então, tive que mudar um pouco o método por causa do rendimento desses alunos. Eu vi que melhorou bastante (com a mudança de método). Dois alunos que não estavam conseguindo acompanhar, agora estão. Estão indo muito bem. Então, tive que adaptar realmente. Aquele método lá, o natural, direto, ele é... assim... eu tento utilizar quando, por exemplo, tem o momento de falar japonês (utiliza método direto) e de explicação (utiliza método gramatical). Mas houve uma grande diferença. Antes, estes alunos não conseguiam acompanhar e agora estão inclusive participando das aulas.”

Apesar da mudança de método diante da necessidade de alguns alunos, a outra parte da turma, que conseguia progredir com o método inicial, não se sentiu desmotivada. Pelo contrário, no questionário, os alunos afirmaram que o uso de ambas as línguas (portuguesa e japonesa) pelo professor os influenciou, positivamente, no aprendizado. Ainda reiteraram que a utilização de gestos e de imagens pelo professor junto com a língua alvo era algo motivador para o desenvolvimento da oralidade.

Ao final do curso, os alunos relataram sobre sua satisfação de adquirir a oralidade em japonês com o apoio de todos os métodos e técnicas do professor. A fim de averiguar tal afirmação, aplicaram-se dois testes orais – um no primeiro dia de observação e outro no último. Os testes demonstraram positivamente a aquisição da oralidade dos alunos e o melhor desenvolvimento após as mudanças feitas pelo professor.

Na tabela abaixo, podemos verificar que inicialmente os alunos participantes (apelidados de P1 a P5) possuíam grande divergências de desenvolvimento na aprendizagem. Devido a isso, pode-se inferir que o método inicial só supria a necessidade de alguns. Todavia, no segundo teste, todos apresentaram um nível equiparado de desenvolvimento, o que demonstra que a mudança de método pode ter influenciado, expressivamente, na aprendizagem daqueles que não estavam conseguindo progredir.

TABELA 2 – Resultado da aplicação do 1º teste oral

ALUNO	Quantidade de acertos	Quantidade de わかりません	Equívocos	Porcentagem de acertos	Duração (tempo)
P1	10	6	0	62,5%	2'12''
P2	14	0	2	87,5%	2'14''
P3	15	0	1	93,75%	3'11''
P4	16	0	0	100%	1'44''
P5	16	0	0	100%	1'56''

TABELA 3 – Resultado da aplicação do 2º teste oral

ALUNO	Quantidade de acertos	Quantidade de わかりません	Equívocos	Porcentagem de acertos	Duração (tempo) [mesmas do teste 1]
P1	24	1	0	96%	2'00''
P2	20	2	5	80%	2'37''
P3	22	1	3	88%	2'19''
P4	24	1	0	96%	1'35''
P5	24	0	0	96%	1'29''

4.4 Desempenho dos alunos nos testes orais

Analizamos, nesta seção, a diferença do desempenho dos alunos em termos da duração do tempo que levaram para completar os dois testes aplicados durante nossas observações. Ao responder às perguntas durante os testes, observamos uma demora em tempo⁴ que pode demonstrar uma dificuldade e/ou facilidade do processamento cognitivo de cada um dos participantes.

Para a análise, utilizou-se de um teste estatístico para comparar a diferença dos participantes na escala intra-grupal, embora a amostra fosse pequena. No primeiro teste, o resultado do teste-T demonstra uma diferença significativa ($t(4) = 9,05$, $p < 0,001$, $M = 134$ segundos, doravante “s”). Esse resultado exprime que há diferenças individuais em termos de aquisição da oralidade do japonês. O teste 2, do mesmo modo, mantém o mesmo resultado ($t(4) = 10,60$, $p < 0,001$, $M = 250$ segundos).

A partir desses resultados, podemos dizer que, mesmo que o professor aplique um conjunto de métodos para todos os alunos aprenderem o mesmo conteúdo, a característica individual é marcante. Essa característica pode ter relação com diferentes fatores tais como aptidão, histórico familiar (contato com a comunidade japonesa), motivação, investimento individual (tempo dedicado para o estudo do japonês) entre outros que foram constatados também nos questionários aplicados. Assim, identificamos que a aquisição da oralidade do japonês envolve vários fatores intrínsecos e extrínsecos individuais. Isso nos remete à ideia de que a bagagem linguística cultural, psicológica, cognitiva e social que cada um possui é um fator expressivamente influente na aquisição de LEs

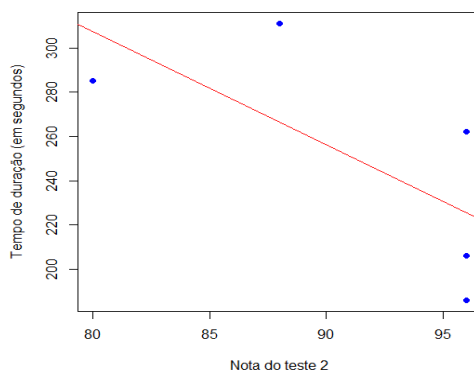
Comparando a diferença entre o teste 1 e o teste 2 em termos do tempo despendido, exclusivamente a parte repetida do primeiro teste, constata-se que não houve nenhuma diferença ($t(4) = 1,51$, *ns*). Mas, a média da duração do teste 2 (108s) tendeu a ser mais curta do que o primeiro (134s). Isso demonstra que o conteúdo aprendido foi fixado durante um mês, com uma leve tendência de acelerar a velocidade de responder às perguntas. Vale ressaltar que é interessante observar, posteriormente, os comportamentos dos alunos: se esta tendência continuará, mesmo adquirindo outros conteúdos mais complexos.

Em relação às notas dos testes, embora tenha revelado uma heterogeneidade dos participantes no primeiro teste, no segundo teste, observa-se uma maior homogeneidade. No Gráfico 1, em que se correlacionam a nota e a duração (tempo) do teste, observa-se uma tendência de que quem consegue uma nota alta responde mais rápido. Desse modo, embora haja diferenças individuais em geral, pode-se concluir, no que diz respeito ao método de análise, que o tempo é um indicador do processamento cognitivo para os alunos responderem às perguntas, como também mostra quem tem dificuldade de produzir respostas.

4 O tempo é, de acordo com a literatura da área de psicolinguística (JUST; CARPENTER, 1980, RAYNER; 1998) e da tradução (JAKOBSEN, 1999; 2002; 2003), um indicativo de processamento cognitivo de informações (escritas).

O Gráfico 1, abaixo, demonstra a correlação entre a duração do teste com as notas. O eixo X (horizontal) se refere ao percentual de acertos, enquanto Y (vertical) é a duração em segundos dos testes.

GRÁFICO 1 – Correlação entre a nota do teste oral 2 e o tempo despendido.



5. Discussões dos dados

Ao se observar os dados expostos no decorrer da pesquisa, pode-se notar que determinados comportamentos do professor foram essenciais para ajudar seus alunos a adquirirem a oralidade. Por exemplo, observou-se a atenção do professor quanto a (in) eficácia de seus métodos iniciais e a tomada de decisão para a mudança metodológica com o fito de garantir o desenvolvimento de todos os alunos.

Tais mudanças chegaram ao ponto de motivar seus alunos e de promover um ambiente de aprendizagem mais descontraído. Nota-se que os alunos motivados acabaram se interessando ainda mais em relação ao seu aprendizado, buscando até mesmo outras ações, estratégias em LE (BROWN, 2000, p.122), para alcançarem melhores rendimentos; assim, adquirirem mais autonomia em seus estudos de japonês. Autonomia, essa, que Benson (2002) e outros pesquisadores acreditam ser essencial para o desenvolvimento do aluno dentro de uma LE.

O professor, observado nesta pesquisa, agiu não apenas como facilitador do conhecimento, mas também como instigador dele, o que coincide com os métodos voltados para comunicação mais atuais, em que o professor não possui mais a figura de detentor do conhecimento, mas sim a de facilitador dele.

6. Conclusão

Concluimos com essa pesquisa que a necessidade do professor estar atento à aplicabilidade de seus métodos é um fator importante para a aprendizagem dos alunos. Assim, nota-se que ao se orientar de práticas metodológicas para a necessidade dos alunos, o professor conseguirá atingir seus objetivos dentro de sala de aula, o que respondeu o nosso primeiro questionamento de pesquisa, o qual queríamos observar se as técnicas utilizadas pelo professor geram os efeitos esperados.

Diante da necessidade de mudança metodológica feita pelo professor para auxiliar alguns alunos com dificuldades a se desenvolver, respondeu-se a segunda questão desta pesquisa: o professor varia as técnicas em sala de aula? Sim. Houve a necessidade de variação de técnicas e de métodos para não apenas incluir alguns alunos, mas também para não desmotivar os outros que estavam conseguindo se desenvolver com o método inicial.

Em relação a quais técnicas fizeram com que os alunos conseguissem falar a língua alvo, no caso desta pesquisa, a língua japonesa, chegou-se à conclusão que as atividades em grupo ou em duplas geraram efeitos maiores. As atividades em grupo favoreciam a ajuda mútua entre os colegas e, até mesmo, levavam a estratégias socioafetivas para conseguirem realizar atividades orais propostas pelo professor. A cooperação da turma foi um dos fatores importantes para a aquisição da oralidade e, também, seu desenvolvimento.

Além de responder a nossas perguntas da pesquisa, constatou-se que o professor usa de vários métodos e de técnicas na sala de aula com o intuito de facilitar aprendizagem bem como de manter a motivação dos alunos. Esse uso múltiplo de métodos e técnicas é espontâneo, o qual pode ter uma relação profunda com o tamanho da bagagem que o professor tem por meio de suas próprias experiências como aluno e como professor. Constatou-se, também, que a facilidade da aprendizagem veio com o uso da LM dos alunos pelo professor. Assim, infere-se que, no caso de línguas distintas, a Abordagem Natural e o Método Direto deve ser aplicado com bastante cuidado para assegurar a aquisição dos alunos.

Nosso estudo é exploratório além de ponto de partida para outros desdobramentos futuros. Nossa próxima intenção é replicar a mesma investigação em outros níveis, em que se envolve uma maior quantidade de informações e de conteúdos na aprendizagem em sala de aula. Especialmente, no caso do curso de língua japonesa, o desafio de aprender a leitura e escrita é expressivo. Logo, os alunos têm menos tempo para a prática oral. Será interessante observar alunos de diversos níveis para identificar a dificuldade ou a facilidade da aquisição dessa língua.

Referências Bibliográficas

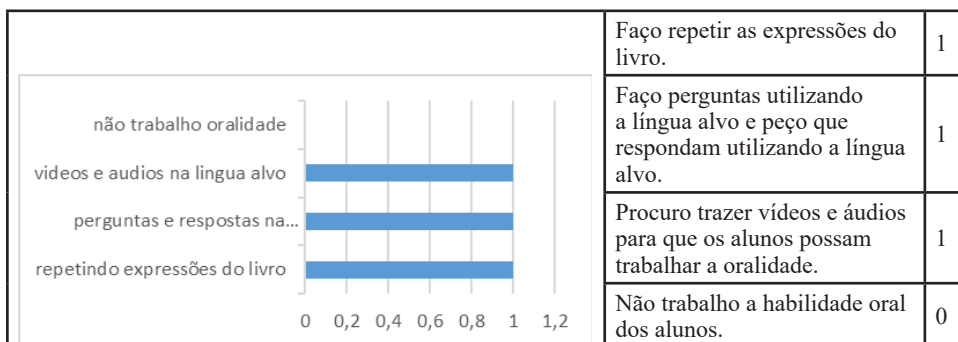
- ANDERSON, J. **Cognitive psychology and its implications**. Second edition. New York: Freeman, 1983.
- AUSUBEL, D.P. **The psychology of meaningful verbal learning**. Oxford: Grune & Stratton, 1963.
- BIALYSTOK, E. A Theoretical model of second language learning. **Language learning**, vol. 28 -1, 1978. pp. 69-83.
- BENSON, P. Defining and describing autonomy. In: BENSON, P. **Teacher and describing autonomy in Language Learning**. London: Longman, 2001. pp. 47-58.
- BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 4th ed. White Plains: Pearson Longman, 2000. xiv, 356 p.
- _____. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 3rd ed. White Plains: Pearson Education, 2007. pp. 14-49.
- CASTRO, E.C.; GUDWIN, R. R. Memória Episódica em Sistema Cognitivos. In: **Encontro dos Alunos e Docentes do Departamento de Engenharia de Computação e Automação Industrial**, 2. 2009, Campinas, Anais. São Paulo: UNICAMP, 2009.
- ELLIS, R. **Understanding Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press. 1987.
- _____. **The Study of Second Language Acquisition**. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- GATTEGNO, C. **Teaching Foreign Languages in Schools: The Silent Way**. 2nd ed. New York: Educational Solutions. 1972.
- HOLEC, H. **Autonomy and Foreign Language Learning**. Oxford: Pergamon. 1981.
- JAKOBSEN, A. L. Logging target text production by Translog. In: HANSEN, G. (ed.), **Probing the process in translation: methods and results**, Copenhagen Studies in Language. Copenhagen: [s.n.], v. 24, pp. 9-20, 1999.
- JUST, M. A.; CARPENTER, P. A. A theory of reading: From eye fixations to comprehension. **Psychological Review**, v. 87. n.4, pp. 329-354, 1980.
- KRASHEN, S. D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Prentice-Hall International, 1987.
- _____. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. New York: Prentice Hall, 1981.
- KRASHEN, S. D.; TERRELL, T. D. **The natural approach: Language acquisition in the classroom**. Hayward, CA: Alemany Press 1983.
- LOZANOV G. **Suggestology and Outlines of Suggestopedy**. New York: Gordon & Breach, 1978.
- RAYNER, K. Eye movements in reading and information processing: 20 years of research. **Psychol Bull**, v. 124 (3), pp. 372-422, nov. 1998.

- RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- SHIBATANI M. JAPANESE. In COMRIE, B. (ed.). **The Major Languages**. Oxford University Press, New York, 1990. pp. 855-880.
- VILAÇA, M.L.C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeiras: fundamentos, críticas e ecletismo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. vol.7, n.16, 2008. pp. 73-90.
- VYGOTSKY, L. S. **Mind in society**: The development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1978.

APÊNDICE

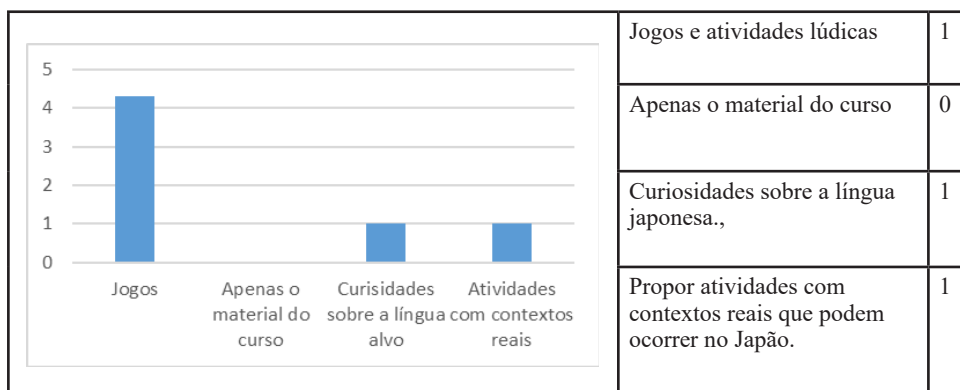
PERFIL DO PROFESSOR (com respostas)

- | | | |
|---|---|------------------|
| 1. ANO DE NASCIMENTO | 1991 | |
| 2. SEXO | Masculino | |
| 3. NACIONALIDADE | Brasileira | |
| 4. ANOS DE EXPERIÊNCIA EM DAR AULA DE LÍNGUA JAPONESA | | Entre 1 e 2 anos |
| 5. ÁREA DE FORMAÇÃO | Letras – Japonês (licenciatura) | |
| 6. CURSOS FEITO PELO PROFESSOR | | |
| Nível avançado em libras | | |
| Intermediário de Inglês | | |
| Atualmente está cursando Letras – Espanhol | | |
| 7. AS AULAS SÃO MINISTRADAS EM LÍNGUA JAPONESA | | Sim |
| 8. O PROFESSOR DÁ O SIGNIFICADO EM PORTUGUÊS DO QUE FALA UTILIZANDO A LÍNGUA JAPONESA | | |
| Evito ao máximo dar a tradução, fornecendo apenas quando necessária. | | |
| 9. SE USA A APOSTILA DO CURSO | | Sim |
| 10. SE AS ATIVIDADES SÃO VOLTADAS PARA A ORALIDADE | | Sim |
| 11. COMO É FEITO O LETRAMENTO DOS ALUNOS | Utilizando a língua alvo e a língua portuguesa. | |
| 12. OS ALUNOS USAM A LINGUA JAPONESA EM AULA | | Todos |
| 13. IMPORTÂNCIA DA ORALIDADE EM DETRIMENTO DAS OUTRAS | | Muito importante |
| 14. COMO É TRABALHADA A HABILIDADE ORAL DOS ALUNOS | | |



15. SE HÁ ATIVIDADES QUE DESPERTEM O INTERESSE DOS ALUNOS EM FALAR NA LÍNGUA.
 Nem sempre

16. O QUE CATIVA A VONTADE DE FALAR NA LÍNGUA ALVO DOS ALUNOS, SEGUNDO O PROFESSOR



ROTEIRO ENTREVISTA COM PROFESSOR

1 – Quais técnicas e métodos você usa em sala de aula para aplicar as atividades? Especialmente as que envolvam oralidade e compreensão auditiva.

2- Quais seus instrumentos de ensino? (audiovisual, vídeo, cd,etc...)

3 – Sobre o conteúdo, o que foi passado até então aos alunos?

4 – E o que será passado nas próximas aulas? Num período mais ou menos de 4 aulas (1 mês)

5 – E quais são suas expectativas em relação à aprendizagem dos alunos ao final desse período?

QUESTÕES PARA ENTREVISTA DE FINAL DE OBSERVAÇÃO COM O PROFESSOR

Quais métodos e técnicas o professor utilizou nesse período?

Conseguiu dar o conteúdo conforme programado?

Houve algum aluno que não progrediu mesmo com todos os métodos e técnicas utilizados, como o professor está lidando com estes casos?

QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DOS ALUNOS

1. Nome: _____

2. Sexo: Masculino
 Feminino

3. Idade: _____

4. Cidade (onde mora): _____

5.

6. Nível de escolaridade:

- Nível Fundamental Incompleto
- Nível Fundamental Completo
- Nível Médio Incompleto
- Nível Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós-Graduação Incompleta
- Pós-Graduação Completa

7. Ocupação

- Estudante
- Desempregado
- Autônomo
- Empregado de Empresa Pública
- Empregado de Empresa Privada
- Empresário
- Aposentado
- Outro: _____

8. Você já estudava a língua japonesa anteriormente?

- SIM
- NÃO

9. Onde estudava?

- escola de línguas
- em casa
- internet
- não estudava
- outro: _____

10. Qual seu contato com a língua japonesa? Pode marcar mais de uma opção.

- internet
- família
- amigos
- escola
- trabalho
- outro: _____

11. Você usa a língua japonesa fora da sala de aula?

- SIM
- NÃO

12. Você costuma estudar a língua japonesa em casa?

- SIM
- NÃO

13. Você participa ativamente das atividades que envolvam falar na língua japonesa durante as aulas?

- SIM
- NÃO

14. Você costuma assistir a jornal, filmes, animes ou novelas japonesas?

- SIM
- NÃO

15. Você acredita que praticar a fala na língua japonesa dentro da sala de aula seja importante para adquirir habilidades de comunicação oral (falar) e compreensão auditiva (ouvir)?

- SIM
- NÃO

16. Caso tenha respondido NÃO, por favor justifique sua resposta: _____

QUESTIONÁRIO SOBRE A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS

1 –Você aprendeu a falar, mesmo que um pouco, em japonês?

- SIM
- NÃO

2 – O que mais contribuiu para falar na língua japonesa?

- Os exercícios em sala de aula
- Estudar em casa
- A interação com o professor
- A interação com os colegas
- A interação com o professor e colegas
- O livro didático
- Nada
- Outros: _____

3 – A forma como o professor dá as aulas de japonês influenciaram de forma positiva na sua aprendizagem da língua japonesa?

- SIM
- NÃO

4 – O comportamento do professor com os alunos te incentivava a estudar?

- SIM
- NÃO
- Indiferente

5 – Durante as aulas, o que te influencia mais a aprender a língua japonesa?

- O professor utilizar APENAS a língua japonesa para dar as aulas.
- O professor utilizar APENAS a língua portuguesa para dar as aulas.
- O professor utilizar AMBAS língua japonesa e língua portuguesa para dar as aulas.

6 – Quando o professor fala algo em japonês, você prefere que:

- O professor dê de imediato o significado em português.
- O professor tente explicar em japonês através de gestos ou imagens.
- O professor tente explicar em japonês através de gestos ou imagens, e em seguida dar o significado em português.

7 – Gostaria de continuar a aula de língua japonesa, depois de terminar o curso vigente?

- SIM
- NÃO
- Indiferente

8 – Até agora, as aulas são divertidas?

- SIM
- NÃO
- Indiferente

9 – Até agora, o conteúdo das aulas é adequado?

- SIM
- NÃO
- Indiferente

10 – Até agora, você está satisfeito com as aulas?

- SIM
- NÃO
- Indiferente

11 – Escolhe apenas UM objetivo mais próximo do seu para você cursar a língua japonesa na UnB Idiomas.

- Curiosidade
- Necessidade (viagens, negócios, entender manuais, instruções ou filmes etc.)
- A fim de estudar na faculdade futuramente
- Sem motivo específico
- Outros

TESTE Oral 1 com transcrição de respostas do Aluno 1

1. ENTREVISTADOR - おはようございます。はじめまして、私は[nome do entrevistador]です。どうぞよろしく申し上げます。

あなたはDARCY RIBEIRO さんですか。

GB 1 – いいえ、わかりません。

2. ENTREVISTADOR – おなまえはなんですか。

GB 1 – わたしはFulanoです。

3. ENTREVISTADOR - あなたは先生ですか。

GB 1 – いいえ、Ciclanoです。

4. ENTREVISTADOR – あなたは 学生ですか。

GB 1 – わかりません。

5. ENTREVISTADOR - あなたは日本人ですか。

GB 1 – わかりません。

6. ENTREVISTADOR - あなたはアメリカから来ましたか。
GB 1 - いいえ、ブラジルから来ました。
7. ENTREVISTADOR - Ciclanoさんはあなたの先生ですか。
GB 1 - わかりません。
8. ENTREVISTADOR - これは本ですか。
GB 1 - わかりません。
9. ENTREVISTADOR - これはなんですか。(entrevistador se refere ao próprio computador em cima da mesa)
GB 1 - コンピューターです。
10. ENTREVISTADOR - このコンピューターはあなたのですか。
GB 1 - わかりません。
11. ENTREVISTADOR - これはブラジルですか。(entrevistador mostra uma figura sobre o Brasil)
GB 1 - はい。
12. ENTREVISTADOR - これはアメリカですか。(entrevistador mostra uma figura sobre o Japão)
GB 1 - いいえ。
13. ENTREVISTADOR - Ciclanoせんせいは日本人ですか。
GB 1 - いいえ。
14. ENTREVISTADOR - それは日本人ですか。(entrevistador mostra uma figura de japoneses)
GB 1 - はい。
15. ENTREVISTADOR - それは[nome da universidade]ですか。(entrevistador mostra uma figura do campus da universidade)
GB 1 - はい。
16. ENTREVISTADOR - 終わりました。本当にありがとうございました。

TESTE Oral 2 com transcrição de respostas do Aluno 5

1. ENTREVISTADOR - おはようございます。私は[nome do entrevistador]です。
2. ENTREVISTADOR - あなたはDARCY RIBEIRO さんですか。
GB - いいえ、DARCY RIBEIRO じゃありません
3. ENTREVISTADOR - お名前はなんですか。
GB - わたしはBeltranoです。
4. ENTREVISTADOR - あなたは先生ですか。
GB - はい、せんせいです。
5. ENTREVISTADOR - あなたは学生ですか。
GB - はい、わたしはがくせいです。
6. ENTREVISTADOR - あなたは日本人ですか。
GB - いいえ、わたしはブラジルじんです。
7. ENTREVISTADOR - あなたはアメリカから来ましたか。
GB - いいえ。
8. ENTREVISTADOR - Ciclano さんはあなたの先生ですか。
GB - はい。
9. ENTREVISTADOR - これは本ですか。
GB - いいえ、それはパソコンです。(resposta completa, sendo desnecessário fazer a pergunta a seguir)
10. ENTREVISTADOR - これはなんですか。(コンピューター)
GB - [Essa pergunta não foi dada, visto que o entrevistado já respondeu na pergunta anterior.]
11. ENTREVISTADOR - このパソコンはあなたのですか。(entrevistador se refere ao próprio computador em cima da mesa)
GB - いいえ。
12. ENTREVISTADOR - これはブラジルですか。(imagem do Brasil)
GB - はい。
13. ENTREVISTADOR - これはアメリカですか。(imagem do Japao)
GB - いいえ。
14. ENTREVISTADOR - Ciclano せんせいは日本人ですか。
GB - いいえ。
15. ENTREVISTADOR - それは日本人ですか。(imagens de japoneses)
GB - はい、にほんじんです。
16. ENTREVISTADOR - それは[nome da universidade]ですか。(foto da universidade)
GB - はい。

17. ENTREVISTADOR - これはきゅうですか、ろくですか。(entrevistador mostra imagem do número 9)

GB - きゅう。

18. ENTREVISTADOR - この本はえいごのほんですか。(imagem de um livro de japonês)

GB - いいえ、にほんごのほんです。

19. ENTREVISTADOR - このでんわはだれのですか。(imagem de um telefone)

GB - fulanoさんのです。

20. ENTREVISTADOR - あなたはなんのがくせいですか。

GB - にほんごのがくせいです。

21. ENTREVISTADOR - あなたはなんさいですか。

GB - わたしはごじゅうよんさいです。

22. ENTREVISTADOR - Ciclanoせんせいはあなたのえいごのせんせいですか。

GB - いいえ、にほんごのせんせいです。

23. ENTREVISTADOR - これはコンピューターですか、テレビですか。(mostra imagem com televisão)

GB - テレビです。

24. ENTREVISTADOR - このテレビはいくらですか。(mostra imagem com preço \$ 2.150)

GB - にまんじゅうごせんえんです。

25. ENTREVISTADOR - このテレビはどこからきましたか。(imagem que mostra de onde a televisão veio)

GB - にほんからきました。

26. ENTREVISTADOR - このテレビはテレビのアメリカですか。

GB - いいえ。

27. ENTREVISTADOR - 終わりました。本当にありがとうございました。

SOBRE O MODELO FAMILIAR DE *IÊ* E SEU DEVIR NA CONTEMPORANEIDADE: DESLOCAMENTOS E RESILIÊNCIA

*Martín Fabreau Martínez*¹

Resumo: Em este texto me proponho traçar um panorama plausível sobre a noção de *iê*, vinculado a um modelo de organização familiar tradicional assim como também à ideia de ‘casa’, no Japão moderno e seu devir no contexto da imigração para o Brasil nos começos e meados do SXX e posteriormente no contexto já das dinâmicas transnacionais vinculadas à globalização. Posteriormente, a partir de dois correlatos empíricos de nikkeis que atualmente moram em Pernambuco e também na Bahia tentarei explorar como esse projeto de *iê* ainda tem lugar numa contemporaneidade signada pela crescente mobilidade, e ainda mais, como nesses casos concretos o conceito é ressignificado como a consecução de um projeto social baseado principalmente em relações de parentesco englobando a vários integrantes do grupo familiar comportando diversas estratégias tendentes a organizar e garantir a sua perpetuação; **Palavras-chave:** *Iê*; Dinâmicas Geracionais; Presença nikkei no Vale do São Francisco; Cooperativa Agrícola de Cotia; Mobilidade Espacial;

Abstract: My objective here is to expound a plausible outlook of the notion of *ie*, associated to a model of traditional family organization as well as to a idea of ‘house’, in the modern Japan and its come about in the context of the immigration to Brazil at the beginning of the 20th century, and afterwards in the context of de transnational dynamics linked to globalization. Then, from some empirical cases of nikkeis who actually live in Pernambuco and Bahia, I’ll explore how this *ie* project is still operative at this contemporaneity marked by an increasing mobility, and also how, in those specific cases, this concept is ressignificated as the consecution of a social project mainly based on kinship relationships including several members of the family group involving several strategies tending to organize and guarantee its perpetuation;

Keywords: *Ie*; Generational Dynamics; Nikkeis at the Vale do São Francisco; Cooperativa Agrícola de Cotia; Spatial Mobility.

1 Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA - UFPE); Docente da Área de Estudios Turísticos - Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación - Universidad de la República, Uruguay (AET - FHUCE - UDELAR); fabreau@gmail.com

1. Apresentação

Muito se associa o conceito de *iê* à organização da família japonesa, seja no Japão, seja num contexto de imigração. Embora de uma polissemia e complexidade considerável, basicamente esse conceito remete à ideia de “casa” e ao mesmo tempo de “família” em tanto que projeto social organizado sob uma estrutura hierárquica patriarcal onde o pai detém o poder absoluto sobre o grupo e o primogênito varão será o herdeiro. Canonicamente a noção de *iê* tem se manifestado sob a forma de um modelo familiar tradicional baseado na produção agrícola.

Porém, dependendo de como seja entendido, poderá se assumir que o conceito de *Iê* tem sido resignificado, produto das profundas mudanças sociais e culturais do Japão de pós-guerra, das mudanças nas relações de produção e os fenômenos de urbanização e ainda mais das diversas dinâmicas transnacionais signadas pela mobilidade; isso atinge também aos rumos que a *iê* tomou nos diferentes destinos de imigração.

Assim, é possível entrever que a pesar da eventual posta em xeque desse conceito, ele ainda veicula valores nuclearizantes do grupo familiar.

Em este texto me proponho traçar um panorama plausível sobre a noção de *iê* no Japão moderno e seu devir no contexto da imigração para o Brasil dos começos e meados do SXX e logo no contexto já das dinâmicas transnacionais vinculadas à globalização. Posteriormente, a partir de um correlato empírico baseado em trajetórias vitais de nikkeis que atualmente moram em Pernambuco e na Bahia tentarei explorar como esse projeto de *iê* tem lugar numa contemporaneidade signada pela crescente mobilidade, e ainda mais, como nesses casos concretos o conceito é resignificado como a consecução de um projeto social em tanto que “jogo sério” (ORTNER, 2007) baseado principalmente em relações de parentesco que engloba a vários integrantes do grupo familiar e que comporta diversas estratégias tendentes a organizar e garantir a sua perpetuação.

2. Sobre o forjamento de *Iê* no nascente Japão Moderno: um correlato de “Tradição Inventada”

O presente texto gira em torno a um objeto problemático e complexo por suas múltiplas dimensões; ainda mais, um objeto que as diversas modificações que tem sofrido nessas dimensões deveio ainda mais complexo em tanto que figura conceitual, e até instável em tanto categoria analítica. Em definitiva *iê* é ao mesmo tempo uma instituição social, uma figura jurídica (embora vaga), mas também um conceito.

Não me proponho aqui traçar de maneira detalhada tudo o que a figura de *iê* comporta, mas apenas estabelecer um panorama plausível para logo achar um correlato na contemporaneidade.

A pergunta que quiçá motive este exercício seja sobre a pertinência de rastrear na atualidade as traças de uma instituição que remete simultaneamente a uma modalidade de organização familiar patriarcal própria do feudalismo (Era Edo 1600-1867), a uma

figura jurídica forjada na Era Meiji (1868-1912) e logo abolida após a Segunda Guerra, e a um conceito vago e difuso porém presente até o dia de hoje.

Assume-se que o surgimento do Japão Moderno tem lugar quando a Restauração Meiji (1866-1869) põe fim aos mais de 250 anos do Shogunato Tokugawa marcando assim o final do sistema feudal no Japão e o começo da sua abertura ao Ocidente instaurando um modelo de Estado Moderno e um Código Civil altamente influenciados pelos critérios europeus da época mantendo porém a figura do Imperador, emblema vivente e símbolo de união merecedor de honra e lealdade.

É neste contexto que *iê* em tanto que figura jurídica da organização básica familiar baseada na organização da Classe Samurai se inscreve no Código Civil Meiji estendendo-se assim para o resto da sociedade uma forma organizativa familiar que na Era Edo era exclusiva de um grupo reduzido e privilegiado.

Com a derrota do Japão em 1945 e a ocupação do seu território por parte dos EUA, a sociedade japonesa sofrerá profundas modificações entre elas a abolição do Código Civil da era Meiji e a instauração de um novo Código em 1947.

Resulta evidente que os processos históricos não acontecem por decreto, assim como também, as marcas da tradição continuam permanecendo as mais das vezes, cristalizadas em valores; de fato até o dia de hoje emerge o conceito de *iê* em alguns contextos.

Voltando ao nascente Estado japonês, a abertura para o Ocidente e a conseguinte geração de um Estado Moderno e centralizado, consequência da restauração Meiji, geraram importantes mudanças no que tem a ver com as formas de organização política e produtiva do Japão. Entre elas pode-se destacar a abolição do feudalismo e como uma das várias consequências disso, a regulação sobre propriedade privada da terra. Assim, o Direito acabou virando um importante instrumento político (VILLASEÑOR, 2011; AWAIHARA, 2000).

Como já o assinalou Stuart Hall (2001), uma cultura nacional se compõe de instituições mas também de discursos; assim a narrativa da cultura nacional comportará uma série de estratégias discursivas que operarão como fonte de significados: uma narrativa da Nação que proporcione histórias, símbolos, rituais, territórios, etc., um ênfase nos origens, na continuidade, na tradição e na atemporalidade gerando assim uma ‘essência’ desse povo, uma invenção da tradição onde se criem práticas e representações que pareçam ser de longa data embora sejam recentes, um mito fundante que marque um caráter nacional e a ideia de um povo puro e original com origens ancestrais. Desta maneira, o discurso da cultura nacional constrói identidades que são colocadas entre o passado e o futuro de uma maneira ambivalente (HALL, 2001).

Desta maneira, o nascente estado moderno japonês lançou mão de um certo discurso produtor de uma tradição comum porém inventada no sentido de Hobsbawm (HOBSBAWM, 2002; VILLASEÑOR, 2011). Assim se criará um povo homogêneo com raízes comuns que vêm desde tempos imemoriais, e tudo isso logo se fixará em um código. Dentre as várias ‘ficções’ forjadas na Era Meiji está a construção de uma (única) ‘família tradicional japonesa’ (VILLASEÑOR, 2011).

Esse modelo de família tradicional escolhido para virar ‘tradição’ era apenas um dos vários modelos existentes segundo as regiões e as posições sociais. Concretamente o padrão de família utilizado na restauração Meiji foi um baseado na patrilinearidade com um sistema de primogênito herdeiro. Desta maneira se abole o sistema de castas e se estende para toda a sociedade o modelo de organização familiar da Classe Samurai². Assim, a figura da *iê* foi em certa medida ‘re-criada’ para servir os interesses no nascente estado moderno Japonês.

Observe-se esse paradoxo de apelar à tradição e a valores tradicionais para servir melhor ao estado, integrando a família à nação (AWAIHARA, 2000). Na verdade ocorre que a família é integrada numa estrutura social altamente hierarquizada com o Imperador acima de tudo (de fato, nisso se tratou a restauração³). Desta maneira, baseando-se numa moral confucianista que descansa na ‘piedade filial’, no interior do grupo doméstico a subordinação é para o chefe a *iê* e para fora do grupo doméstico é para com a figura paternal do Imperador, máxima emblema da grande família do Estado (VILLASEÑOR, 2011; AWAIHARA, 2000).

Por último, vale fazer a seguinte pontualização. As referências a *iê* no código civil Meiji promulgado em 1898 não eram claras nem específicas senão que *iê* cobrava forma quando era declarada pelo chefe no registro de famílias promulgado a partir de 1871 que em definitiva tinha como finalidade a fiscalização e o controle social e fiscal por parte do Estado e em última instância a geração de um registro a ser utilizado com miras ao alistamento militar. Isto resulta relevante para os especialistas em Direito pois tira o ‘status’ de figura jurídica de *iê*, virando antes que nada, uma petição de principio propícia e concordante com a tese da tradição inventada (VILLASEÑOR, 2011).

Ya dejé claro que para poder analizarla ie no podemos recurrir a una definición legal; sin embargo, lo más próximo a un intento por regular la “creación” de la ie fue el registro familiar (koseki). Este contenía la información más importante referente al estatus social de los miembros de la ie. Se preparó para varias prefecturas, después de la Renovación Meiji, y, a diferencia de los registros anteriores, servía tanto para la nobleza como para los antiguos samurái y los campesinos. (...)

La ie se “creaba” cuando el jefe de la familia daba el aviso correspondiente y se asentaba en el koseki. El registro, en este sentido, más que reconocer “creaba” la ie, así que el concepto seguía vacío y era únicamente un continente con un contenido variable. No habiendo un artículo que definiera la ie, ésta cobraría existencia cuando la registrara el jefe. (VILLASEÑOR, 2011, pp. 121-122)

2 É por isso que alguns autores o denominam “processo de samuraização” (WOORTMANN, 1995).

3 “El grito de guerra que anunció en el Japón la era moderna fue *Sonnojoí*, ‘Restauraremos al emperador y expulsemos a los bárbaros’. Era una consigna que intentaba mantener al Japón incontaminado del mundo exterior y restaurar la edad de oro del siglo X, antes de que existiera el «poder dual» del Emperador y el Shogun.” (BENEDICT, 2006, p. 61)

3. A *Iê* em tanto modelo de organização familiar

Nas linhas precedentes tentei mostrar a complexidade que subjaz por trás de este conceito. No entanto, e seja como for, para os presentes fins é necessário pelo menos delinear algo assim como um ‘tipo ideal’ do *iê* em tanto que forma de organização familiar para tentar esclarecer de que se fala quando se alude a essa instituição e assim começar a trabalhar também a partir de ‘positividades’.

La ie, tradicionalmente, fue la forma de ordenación social de la familia, contenía roles dados para el jefe de familia, los sucesores, los hijos e incluso los difuntos. Los distintos roles y generaciones de la ie estaban caracterizados por principios confucianos de lealtad y benevolencia y las generaciones más jóvenes veían su deber hacia la ie como lealtad hacia sus padres por la benevolencia recibida. (Joy Hendry *apud* VILLASEÑOR, 2011, p. 97).

Como estabelecido, *iê* é um grupo familiar de descendência patrilinear e está fortemente associado a uma modalidade de produção agrícola e em grande medida gira em torno à regulação da propriedade da terra e dos médios de produção. A residência é patrivilocal mas a adoção do genro é uma prática aceita se contribuir à continuidade de *iê* (TABLERO, 1992). O grupo está completamente subordinado à autoridade do pai quem é o chefe de *iê* e como já foi dito os valores morais que regulam a hierarquia e seu funcionamento são próprios do confucionismo. A herança do total da propriedade lhe corresponde ao primeiro filho varão quem permanecerá na casa toda sua vida tomando conta da produção e se for o caso tomando conta dos pais idosos, enquanto os filhos restantes não herdarão e geralmente abandonam a casa para formar suas próprias *iê*. Só para dar uma ênfase pertinente, vale a pena remarcar e fazer explícito o fato de que em esta modalidade patriarcal as mulheres jamais tinham status de herdeiras.

Sobre o lugar desse(s) filho(s) não herdeiro(s), Francisco Tablero estabelece que

Contrariamente al primero su destino será abandonar la ie bien a través del matrimonio-adopción en otra ie sin heredero o bien trasladándose a la ciudad o bien constituyendo la suya propia e independiente en la misma comunidad. En este último caso los lazos con su ie natal no son rotos definitivamente. (TABLERO, 1992, p. 112).

Quando se estudam processos migratórios, é interessante olhar para a figura do filho não herdeiro do grupo familiar, pois geralmente são eles que tomam a iniciativa de emigrar na procura de uma forma rápida de gerar um Capital inicial.

Estruturalmente a figura de *iê* atribui e regula hierarquicamente o lugar para os vários integrantes do grupo familiar (pais, filhos, irmãos, tios, sobrinhos, avôs, etc.).

Além do mais, *iê* regula também o lugar dos defuntos no grupo familiar e até no âmbito doméstico mediante o regular culto aos antepassados. Desta maneira se está frente a uma forma de família extensa com várias gerações convivendo sob um mesmo teto seja presencialmente, seja na memória do grupo.

É bom lembrar, no entanto, que aqui está se trabalhando sobre um modelo ideal de *iê* e que nos casos concretos nem sempre as coisas tomam uma única forma; por exemplo, nem sempre em *iê* estão sendo ocupados todos os lugares estruturais de parentesco, e também habilita pensar o caso de que até um filho não herdeiro com sua esposa e filhos, poderiam chegar a ter seu lugar dentro do grupo sob a chefia do seu irmão maior.

Como bem assinala Tablero, a instituição de *iê* tem suscitado interesse por dois aspectos mutuamente vinculantes, por um lado em tanto grupo básico de co-residência onde têm lugar relações de parentesco e se desenvolvem diversas estratégias para garantir sua perpetuação, e por outro em tanto unidade produtiva cujo funcionamento comporta dimensões econômicas, políticas, simbólicas, etc. (TABLERO, 1992). Isso não faz mais do que continuar mostrando outros aspectos da complexidade da figura da *iê*; se nas seções anteriores tentei mostrar a complexidade em tanto objeto que apresenta uma historicidade, e em tanto figura jurídica ou pelo menos que apresenta uma regulação jurídica, agora fica também de manifesto a sua complexidade em tanto que instituição social, âmbito de variadas relações e funções. Essa complexidade tem um correlato etimológico, já que o termo *iê* é marcadamente polissêmico e difícil de traduzir univocamente, admitindo um duplo significado em tanto família ou grupo doméstico e em tanto casa ou lugar de co-residência.

Para encerrar esta parte, gostaria de acrescentar que, em tanto que unidade produtiva, a estrutura hierárquica de *iê* tem se mantido por ser funcional às condições econômicas e produtivas da vida local. Tablero (1992) faz menção ao fato de que a terra disponível e cultivável geralmente sempre tem sido escassa, daí que pareceria ser mais rentável deixar a totalidade da terra a um único sucessor (TABLERO, 1992), e pode se acrescentar que o elemento regulador de esta dinâmica é o cúmulo de obrigações e potestades veiculados na moral confucianista.

Desta maneira, até o final da Segunda Guerra Mundial era bastante comum ver três ou quatro gerações morando numa mesma casa sob a liderança de ‘pai-chefe-da-*iê*’. Porém a derrota do Japão e a conseguinte ocupação do território por parte dos EUA trouxeram outras novas e profundas mudanças ‘ocidentalizantes’ entre elas a abolição em 1947 do Código Civil Meiji e a instauração de um novo Código Civil. As repercussões que isso teve no plano da família foram a abolição (formal) do sistema de *iê* e sua substituição por um modelo predominante de família nuclear, é claro também que o forte processo industrial, urbanizador e o crescimento econômico dos anos ’50 e ’60 foram em grande medida decisivos para favorecer este novo tipos de arranjo familiar. Na produção rural, uma consequência direta de esta concatenação de mudanças foi a

supressão do sistema do primogênito herdeiro, e em contrapartida, a sucessão em partes iguais para todos os filhos do grupo.

Mereceria um trabalho aparte a análise sobre as implicações que tais mudanças tiveram na vida social das mulheres⁴.

4. Dinâmicas de *Iê* no contexto da migração japonesa ao Brasil

A migração sistemática e planejada do Japão para o Brasil tem seu começo simbólico em abril de 1908 em que um navio com cerca de 780 imigrantes arribou ao porto de Santos. Com a chegada do *KasatoMaru* iniciou-se um profuso fluxo entre ambos países que iria trazer consequências pouco imaginadas para a conformação da Cultura Nacional brasileira e que até o dia de hoje, quase 110 anos depois, ainda continuam tendo cabida. Alcança ver as datas para compreender que aquelas dinâmicas de organização familiar que tiveram lugar no Japão na era Meiji e também logo, encontraram um correlato no contexto da imigração japonesa ao Brasil.

Como estabelece Ellen Woortmann (1995), embora fatores estruturais ‘macro’ possam determinar a migração, não são eles que a organizam; “essa organização da migração frequentemente se dá no âmbito de uma linguagem de parentesco que ré/constrói e ultrapassa os limites das relações de parentesco em sentido mais estrito” (WOORTMANN, 1995, p. 2). Assim, todo um repertório de valores tradicionais incluindo obviamente valores familiares estaria operando na contemporaneidade compassando determinadas regularidades e dinâmicas na organização familiar no contexto da imigração. Desta maneira, aqui no Brasil em linhas gerais nas famílias nikkei se mantiveram (e até se mantêm) algumas das características próprias de *iê* tais como as relações de hierarquia e os valores relativos a essa modalidade patriarcal, o lugar especial do primogênito, a herança, a escolha da noiva pelo chefe de *iê*, arranjo de casamentos, etc. Também neste contexto tiveram lugar dinâmicas familiares tais como matrimônios arranjados apenas para poder acessar aos planos de colonização (WOORTMANN, 1995).

Mas antes cabe salientar aqui o fato de que já no Japão a configuração de *iê* propiciou a emigração para outras partes como é o caso do Brasil, ao tempo que cabe lembrar que nesse mesmo tempo o governo japonês promovia importantes campanhas de emigração. Desta maneira aqueles filhos ‘não herdeiros’ se viram obrigados a procurar novos horizontes, tendo como objetivo fazer-se de médios para voltar e se instalar perto da casa familiar. Mas também na imigração japonesa ao Brasil havia primogênitos os quais achavam na vinda ao país uma forma rápida de capitalização para posteriormente retornar ao Japão ou enviar recursos desde aqui e assim continuar com a perpetuação do grupo familiar. O mito que regulou em grande medida a vinda ao Brasil durante o período prévio à Segunda Guerra foi “fazer a América”.

4 Para uma detalhada abordagem, ver Muta (2006).

É interessante a observação que faz Woortmann, mostrando que a pesar de que a emigração geralmente é percebida “como um fenômeno que diz respeito tão somente a expulsos estruturais, encobre o contingente daqueles que migram para manter a estrutura tradicional quando da sua volta.” (WOORTMANN, 1995, p. 4).

Por razões de espaço não desenvolverei aqui todos os desdobramentos que o tema admite. A os efeitos deste trabalho baste sublinhar que no caso da imigração japonesa ao Brasil mais do que empreendimentos pessoais e isolados, o que está em funcionamento são projetos familiares em todos os sentidos que o termo abarca sustentados em fortes valores de grupo que alimentam forças nuclearizantes, e esses projetos têm a ver em grande medida com as dinâmicas que estabelece a *iê* e sua perpetuação.

É a estrutura de parentesco que serve de referência para esse deslocamento, constituindo-se em dupla solução: ao destinar alguns de seus filhos à migração, a «casa» viabiliza a reprodução social dos que ficam, assim como a hierarquia familiar; com a migração, o valor-família tradicional se estende a novos espaços, onde reorganiza a sua reprodução futura. (WOORTMANN, 1995, p. 8)

É importante lembrar à vez que salientar duas coisas. A primeira é que ao trabalhar sobre este tipo de processos históricos e culturais o risco de essencializá-los e reifica-los está sempre presente (...ainda mais quando se trata de objetos ‘orientalizáveis’ e/ou exotizantes como a niponidade), daí que seja importante manter a vigilância sobre as possíveis interpretações que se possam fazer e não esquecer que em este plano desde donde se fala; em definitiva está-se trabalhando com ‘situações ideais’ que admitem vários correlatos empíricos. A segunda questão a lembrar e que está vinculada ao anterior, é que não se deve perder de vista que os processos históricos e culturais vinculados à imigração japonesa que tiveram lugar aqui no Brasil não foram meros reflexos do que podia acontecer no Japão senão que adotaram caminhos próprios e particulares. Assim, não se pode esquecer o fato das dinâmicas (conformadas por conflitos, posicionamentos, adscrições, ressignificações) que vão tendo lugar conforme se sucederam as gerações de nikkei. Em definitiva, não se deve esquecer esse leque de conflitos baseados entre a continuidade e a tradição e as mudanças.

Tendo chegado a este ponto, cabe começar a perguntar-se então que de tudo isso relativo a *iê* permanece a pesar das mudanças (no Japão e no Brasil). Embora que uma resposta satisfatória mereça um tratamento bastante mais detalhado, vale a pena pelo menos assinalar que a pesar de terem-se perdido hábitos e práticas concretas, há valores relativos à família tradicional e ressignificações relativas a *iê* que continuam pautando formas de pensar, agir e atuar. Ou em palavras de Woortmann, “perderam-se hábitos mas não o “habitus”; o “valor família” continua orientando o grupo.” (WOORTMANN, 1995, p. 14).

5. O fenômeno de *dekassegui* e a construção da família transnacional Nikkei

Se cem anos atrás o fluxo de imigrantes era no sentido Japão-Brasil, sem dúvidas hoje dia tem-se invertido ou, aliás, mas do que japoneses chegarem ao Brasil, são principalmente brasileiros (ou *issei*) que vão para o Japão.

A principal modalidade de deslocamento e residência no Japão de grande relevância para a comunidade nikkei brasileira é o que se conhece como “fenômeno *dekassegui*”, e está estreitamente vinculado com a globalização e às dinâmicas transnacionais associadas a ela. Em linhas gerais se trata do fluxo massivo de força de trabalho nikkei que a partir de meados da década dos '80 começa a se deslocar para o Japão com o cometido de trabalhar em fábricas e empresas em expansão altamente necessitadas de mão de obra e que realizavam uma oferta econômica importante por trabalhos que não necessariamente exigiam uma grande qualificação (KAWAMURA, 2003 e 2008; ROSINI 2004 e 2008).

Kawamura (2008) estabelece que no começo deste processo migratório a maioria dos imigrantes eram jovens que tinham uma expectativa de pronto regresso ao Brasil e com uma melhor situação econômica. Assim, Japão é pensado sob o signo da transitoriedade e em definitiva essa modalidade de residência torna-se ‘residência em trânsito’; é por essa razão que nem sempre há uma previsão sobre o futuro ao longo prazo. Quase vinte e cinco anos depois gera preocupação o fato de ter uma população de imigrantes com uma importante proporção de pessoas com idades superiores aos cinquenta e muitos deles sem cobertura de benefícios por parte do Estado. Obviamente esta população é das mais vulneráveis no contexto da atual crise econômica.

Da mesma maneira que a vinda dos japoneses ao Brasil esteve organizada por essa ‘linguagem de parentesco’ mencionada acima e em definitiva em grande medida assentada nos valores e as dinâmicas da família tradicional, em este contexto de migração transnacional também operam dinâmicas familiares, seja estabelecendo o contexto sobre quem vai e quem permanece, seja gerando implicações fortes sobre essas famílias que começam a estabelecer conexões e relações de um país a outro possibilitando assim o estabelecimento de fluxos materiais e simbólicos de distinta ordem assim como também outras e variadas formas de relacionamento à distância que por sua parte geram quase que inusitadas modalidades de sentir os laços familiares. Estas características são de fato as que marcam a diferencia entre aquela migração dos começos e meados do SXX e esta modalidade de deslocamento que tem lugar neste contexto transnacional.

Se no caso de *iê*, quem herdava a propriedade era o primogênito, e só cabia aos não herdeiros se mudarem e iniciar um novo e próprio empreendimento (emigrar para o Brasil, ou aqui no Brasil mudar para outro local), em esta conjuntura de emigração transnacional em boa medida acontecem essas mesmas lógicas; os que saem serão os não herdeiros, no entanto como também já foi visto, também os herdeiros poderão sair se for o caso.

Em larga medida, também cabe ainda ao primogênito um status hierarquicamente superior: realizar o casamento endogâmico, assegurar a continuidade do empreendimento familiar, cuidar dos pais idosos e permanecer no local. Para os demais filhos abre-se a possibilidade de assegurar seu futuro em outras áreas ou a opção por novos tipos de carreira profissional. Mas, há também primogênitos que vão para voltar e melhorar o patrimônio que irão herdar. A mesma migração e a categoria de kassegui envolvem orientações valorativas e projetos distintos. (WOORTMANN, 1995, p. 14)

Como meu foco tem a ver com o peso da tradição e as práticas e significados que giram em torno a *iê*, não vou aprofundar em todas as possibilidades de arranjos familiares, formas de vivenciar e manter o matrimônio e a filiação à distância, subjetivação do regresso etc., que acontecem em este tipo de dinâmica transnacional que de fato acabam indo bem mais além dessas questões. Baste dizer que em grande medida aqui também operam projetos de grupo e que a pesar da inexistência formal do sistema da família patriarcal tradicional sob a forma de *iê*, como já foi dito, diversos valores tradicionais permaneceriam e ainda mais, permaneceria certo ‘habitus’ de família tradicional com tudo o que isso implica. Assim, poder-se-ia pensar que a pesar das mudanças próprias do devir histórico e das novas sínteses culturais que vão-se consolidando, algo desse ideal de família tradicional japonesa persiste e se cristaliza não somente em valores mas também em práticas e em estratégias e projetos em tanto que jogos sérios (ORTNER, 2007) que apontam à preservação do grupo doméstico.

6. Nos Sertões: *Iê*, Dinâmicas Geracionais e Mobilidade no Contexto da Chegada de Nikkeis no Vale do São Francisco

Para finalizar este trajeto conceitual, gostaria de apresentar um correlato empírico dos elementos desenvolvidos nas páginas precedentes.

Na minha pesquisa de Doutorado, na qual me dedico a estudar as diferentes estratégias associativas, produtivas, familiares e identitárias desenvolvidas no contexto da inserção e permanência de nikkeis procedentes principalmente das regiões Sudeste e Sul na agricultura irrigada do Pólo Petrolina-Juazeiro⁵, têm se evidenciado algumas dinâmicas de mobilidade assentadas na forma de organização sob um modelo de *iê* (FABREAU, 2016).

A comunidade nikkei no Vale do São Francisco (VSF) mais do que ser conformada por imigrantes agricultores vindos do Japão, ela é composta principalmente por nisseis, filhos de imigrantes chegados ao Brasil, na maioria dos casos, depois da Segunda Guerra Mundial. De maneira análoga ao que aconteceu com a expansão da produção de café

5 Em este contexto, opto por denominar indistintamente “Vale do São Francisco” (VSF) ou “Pólo Petrolina-Juazeiro”.

em São Paulo, ou da pimenta do reino na Amazônia, novamente se está diante de um processo de chegada de força de trabalho nikkei num contexto de fronteira agrícola.

A primeira chegada de nikkeis à região de maneira planejada teve lugar em 1983 através da Cooperativa Agrícola Cotia e mediante um convênio com a Codevasf⁶; vinte e nove famílias de jovens produtores, filhos de cooperados procedentes de São Paulo e Paraná, chegaram ao Lote 235 do denominado “Projeto Curaçá” (Município de Juazeiro - BA) com o objetivo de produzir principalmente uva mediante agricultura irrigada. Antes da chegada da CAC, já na década dos '70 havia algumas poucas famílias japonesas na região, vindas de maneira individual e não planejada. Em definitiva, poder-se-ia estabelecer um primeiro momento, o dos pioneiros, e um segundo momento da chegada sistemática e relevante com a CAC como grande impulsor. Nesse sentido, pode-se afirmar que a chegada da CAC ao Vale do São Francisco e tudo o que ela envolveu, marcará um momento importante na comunidade nikkei local, assim como também um ponto de inflexão na história produtiva do lugar.

Houve um terceiro momento na chegada de nikkeis à região sobre finais da década dos '80 e começo dos '90 no contexto da instauração do Projeto Nilo Coelho de agricultura irrigada, dessa vez do lado de Petrolina (PE). Na ocasião chegaram principalmente nisseis procedentes de todos os pontos de maior concentração nipo-brasileira do Brasil (PR, SP, PA) os quais viraram grande produtores de uva e manga. Cabe mencionar que o Projeto Nilo Coelho não reúne apenas produtores nikkeis nem tampouco existem núcleos compostos apenas por eles. Fica claro que não houve um planejamento institucional direcionado para tal vinda senão que operaram principalmente redes étnicas, familiares e de sociabilidade.

Poder-se-ia reconhecer um quarto momento que vai desde meados da década dos '90 até o presente em que a presença nikkei mantém-se constante, após a queda da CAC a maioria dos ex-cooperados organizaram-se fundando Cooperativa Agrícola de Juazeiro (CAJ), e na década seguinte, surgiram algumas outras cooperativas menores também de alguma maneira influenciadas pela CAC, o agronegócio se consolida na região e já há uma segunda geração nascida no VSF.

Ao dia de hoje, a presença nikkei no VSF é heterogênea e apresenta uma importante estratificação social chegando ao entorno das 180 famílias; a comunidade não é composta apenas por fruticultores que moram em zonas rurais mas também por agrônomos, empresários, profissionais liberais em geral e produtores aposentados, fora algumas jovens e crianças. Alguns dos filhos desses nikkeis estudam fora, e muito poucos trabalham e moram no Japão. Praticamente na sua totalidade, esta comunidade está vinculada à agricultura irrigada.

Neste contexto de mobilidade interna, principalmente de filhos de imigrantes, cabe estabelecer que por trás da chegada da grande maioria dos nikkeis ao local há uma dinâmica geracional vinculada ao modelo de *iê*. Da mesma maneira em que o modelo de

6 Companhia de Desenvolvimento dos vales do São Francisco e Parnaíba.

iê em grande medida deu a pauta sobre qual dos filhos permaneceria no lar paterno e qual deveria emigrar (para o Brasil no começos do SXX ou para Japão nos finais do SXX), também esta forma de organização fez com que geralmente os filhos não primogênitos saíssem do lar paterno em busca de outros horizontes para continuar seus projetos individuais/familiares. Conforme estabeleceu um agrônomo nikkei, ex técnico da CAC e atualmente vinculado à Codevasf, essa é a maneira em que predominantemente os japoneses vão se expandindo de região para região.

No caso da chegada ao VSF dos filhos de cooperados da CAC, foi a própria cooperativa que, unindo a necessidade de se expandir, ao mesmo tempo que de assegurar a perpetuação do seu projeto institucional, no critério adotado para a seleção dos jovens produtores foi visando dar lugar aos segundos filhos dos cooperados (ou filhos que não eram o primogênito); neste contexto é significativo inclusive o fato de um entrevistado mencionar que o termo utilizado na CAC era de “família Cotiana”. Assim esse critério de expansão da CAC abrindo núcleos locais foi organizado segundo um critério que remete a um modelo familiar japonês. Por outro lado, ao mesmo tempo em que se contemplavam interesses institucionais, se resolvia um problema doméstico nas famílias dos cooperados.

Destarte os nikkeis do Lote 235 do projeto Curaçá se caracterizam por serem filhos de cooperados da CAC que ocupavam um lugar estrutural familiar diferente ao do primogênito.

Resumindo, por trás da chegada houve uma expansão espacial que implicou uma mobilidade espacial e um processo de re-territorialização baseado numa dinâmica geracional que remete à organização familiar tradicional de *iê*. No caso dos cooperados da CAC foi a própria cooperativa quem providenciou essa solução nos critérios de seleção ao tempo que garantindo para si própria a continuidade geracional e temporal. No caso do resto dos colonos no outros perímetros irrigados foi uma movimentação individual baseada em redes de sociabilidade e parentesco.

Se bem em todos os casos se reconhece que essa dinâmica geracional que pauta essa dinâmica espacial remete a uma modalidade familiar japonesa, poucos são os casos em que se fala explicitamente de *iê*.

7. Palavras finais: *Iê* e ‘resiliência’

Conforme avança a problematização deste conceito na contemporaneidade, cada vez mais as perguntas sobre a sua viabilidade operativa ou do seu poder heurístico emergem e se multiplicam, mas por outro lado cabe a constatação de que as referências a *Iê* se multiplicam traçando, organizando e/ou gerando uma modalidade (ainda que laxa) de organização familiar sob o signo da tradição patriarcal.

Será que essas forças nuclearizantes e projetos de grupo observados no contexto das famílias nikkei contemporâneas são apenas próprias de *iê*? Será que o conceito de *iê* virou uma camisa de força produto de uma vontade reificadora que está impedindo

pensar e ver com clareza outras dinâmicas familiares além dela? São perguntas para levar a sério e continuar aprofundando; de momento o que há apenas são rascunhos.

Como linha argumentativa preliminar e a partir dos casos apresentados, gostaria assinalar por um lado que é possível perceber um certo caráter resiliente nesse conceito que de maneira geral continua de uma maneira ou de outra operando e formatando modalidades de agir, pensar e sentir, pautando desta maneira, certas ‘marcas de tradição’. Por outro lado, corresponde ter a necessidade de conferir (ainda mais) um poder heurístico a esse conceito e explorar suas potencialidades se ele estiver articulando práticas e representações sob a forma de categoria nativa.

Referências Bibliográficas

- AWAHIHARA, Y. “Japón: Familia em Transición”. **X Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Estudos Africanos e Asiáticos**. Cultura, Poder e Tecnologia: África e Ásia face à Globalização. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://biblioteca.clasco.edu.ar/ar/libros/aladaa/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- BENEDICT, R. **El Crisantemo y la Espada. Patrones de la Cultura Japonesa**. Madrid: Alianza Editorial, 2006.
- FABREAU, M. **Entre o Sakura e as Uvas**. Transformações e Continuidades Familiares, Organizacionais e Identitárias entre os Nikkeis do Vale do São Francisco. Uma Etnografia Sobre Trajetórias na Agricultura Irrigada. Recife: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, 2016.
- HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. DP&A Editora, 2005.
- HOBSBAWM, E. “Introducción: La invención de la tradición”. In: HOBSBAWM, E. e RANGER, T. **La Invención de la Tradición**. Barcelona: Crítica, 2002. pp. 7-21.
- KAWAMURA, L. **Para Onde Vão os Brasileiros?**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- KAWAMURA, L. “Brasileiros no Japão: Direitos e Cidadania”. In: HASHIMOTO, F., TANNO, J. e OKAMOTO, M. **Cem Anos Da Imigração Japonesa. História, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. pp. 79-98.
- MUTA, K. “Las Mujeres Japonesas en el Siglo XX Y más allá”. In: MUTAKAZUE, SEUNGSOOK MOON, LI XIAOJIANG Y AMELIA SÁIZ LÓPEZ. **Mujeres asiáticas: cambio social y modernidad**. Barcelona: CIDOB ediciones, n. 12, pp. 15-36, 2006. Disponível em: <http://www.cidob.org/es/publicaciones/documentos/asia/mujeres_asiaticas_cambio_social_y_modernidad>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- ORTNER, S. B. “Poder e projeto: reflexões sobre agência”. In: GROSSI, M. P.; ECKERT, C.; FRY, P. H. (orgs.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25ª Reunião Brasileira da Antropologia – Goiânia. Blumenau: Nova Letra, 2007. pp. 45-80.
- ROSINI, E. **A nova diáspora: migrantes Nikkeis do Brasil para o Japão**. Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de ciências Sociais. 2004. Disponível em: <www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RosaRossini.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

- ROSINI, E. **O sonho de voltar rápido do Japão para viver no Brasil agora é uma utopia: os Nikkeis do Brasil no Japão.** Trabalho proposto para apresentação no VI Encontro Nacional de Estudos Populacionais – ABEP. 2008. Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/docspdf/ABEP2008_1246.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- VILLASEÑOR, F. “Derecho y discurso en la creación del modelo de familia japonés IE”. **Estudios de Asia y África**, México, v. 46 n. 1, pp. 97-126, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://codex.colmex.mx:8991/exlibris/aleph/a18_1/apache_media/6LL6HAF2LX3MMY62Q6MGEU341U69C1.pdf>.
- TABLERO, F. **Parentesco y Organización del Sumo en Japón.** Tesis de Doctorado. Universidad Complutense. Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación. 1992. Disponível em: <<http://eprints.ucm.es/2297/>>. Acesso em: 15 ago. 2017.
- WOORTMANN, E. **Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: tradição e modernidade.** Série Antropologia – 183. UNB, Brasil. 1995. <<http://dan.unb.br/images/doc/Serie183empdf.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

A CHEGADA DOS FRANCISCANOS AO JAPÃO E O INÍCIO DA QUERELA MISSIONALÓGICA

*Renata Cabral Bernabé¹
Giuseppe Marino²*

Resumo: Este estudo introduz um manuscrito inédito de autoria desconhecida, procedente do arquivo da Real Academia de História de Madri, acerca da querela que surgiu no Japão entre os missionários das diferentes ordens, ao fim do século XVI e início do XVII. Trata-se do princípio da disputa sobre a primazia da evangelização pretendida pelos jesuítas em terras nipônicas a qual se chocou com a firme intenção dos franciscanos em professar a religião cristã naquela missão. Em que pese à bula papal que conferia à Companhia de Jesus o monopólio da evangelização no arquipélago, os frades descalços decidiram seguir com a empreitada. Este ensaio analisa as primeiras acusações franciscanas que deram origem a uma literatura de defesa por parte dos jesuítas cujas respostas não tardaram em chegar.

Palavras-chave: Franciscanos; Jesuítas; Disputas; Memorial; Século cristão japonês.

Abstract: This study introduces an unreleased manuscript, whose authorship is unknown, and is placed in the Royal Academy of History in Madrid, about the quarrel that developed between the missionaries of different orders in the Japanese mission, in the late 16th and early 17th centuries. It deals with the beginning of the disputes about the primacy of the evangelization claimed by the Jesuits in the Land of the Rising Sun which clashed with the firm intention of the Franciscans in order to profess the Christian religion there. Despite the Papal Bull that conferred the Society of Jesus the monopoly over the mission in the archipelago, the disalced friars decided to continue the enterprise. This essay analyses the first Franciscans accusations that gave rise to a defense literature by the Jesuits. The results were no long in coming.

Keywords: Franciscans; Jesuits; Disputes; Memorial; Japanese Christian Century.

1 Doutoranda bolsista Fapesp pelo programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP); recabra31@gmail.com.

2 Doutor pela Universidade Autônoma de Madrid, atualmente professor contratado da Universidade de Fudan; g.marino1982@gmail.com.

1. Introdução

Este artigo tem como função falar da origem da disputa que se engendrou no Japão entre as ordens religiosas, mais especificamente jesuítas e franciscanos. Essa investigação nasce com o propósito de apontar dados novos e ajudar na criação de uma cronologia dos fatos que levaram a tal disputa, aportando-se nos manuscritos de ambas as partes. Não são muitos os historiadores que, ao longo dos anos, jogaram luz sobre as motivações que estão na base desta contenda. Esse ensaio busca, portanto, traçar as causas que levaram à produção da chamada literatura apologética levada a cabo pelos jesuítas (GAY, 1966:9).

Fica patente, ao estudar tal tema, que os franciscanos persistiram nas suas acusações aos jesuítas ao longo dos anos, tendo-se iniciado a contenda antes mesmo da sua chegada. Os argumentos centrais presentes em seus memoriais e outras obras são sinônimo de uma persistência, assim como da intenção que possuíam de seguir com sua forma de cristianizar os chamados povos pagãos. Para além de um hipotético *Odium Theologicum* entre as ordens (BOXER, 1967:154; ELISON, 1973:80), haviam também interesses temporais que envolviam as coroas ibéricas, os quais não se pode ignorar.

A dificuldade em abordar este tema, no entanto, se dá na desigualdade do número de fontes que temos atualmente disponíveis. Se do lado jesuíta a quantidade é massiva, não se pode dizer o mesmo das outras ordens. Contudo, a partir dos documentos jesuítas é possível de se retirar uma série de dados acerca da querela com os mendicantes, uma vez que neles estão presentes textos e opiniões franciscanas e dominicanas a serem refutadas, como é o exemplo do manuscrito que transcrevemos e colocamos como apêndice deste artigo.

2. Chegada dos franciscanos no Japão e o início da querela

Em 1576, os franciscanos iniciaram sua missão nas Filipinas (TRONU, 2015), sob o comando da Coroa espanhola, cujos representantes haviam se instalado no arquipélago desde 1565 (CORREIA, 2008). A missão japonesa era bastante conhecida de todos os missionários europeus graças às diversas edições publicadas na Europa das cartas dos jesuítas que para lá foram³. Esta, contudo, se iniciara e se mantivera, até então, sob o comando do padroado pertencente à coroa portuguesa que, por sua vez, havia confiado a missão à Companhia de Jesus. Mesmo após 1580, quando se deu a união das coroas com Felipe II de Espanha, a situação não mudou, ao menos oficialmente, graças às decisões tomadas nas Cortes de Tomar que, em 1581, estipularam que a união era pessoal e que, portanto, os impérios e colônias deveriam se manter administrativamente separados (MANZANO, 2014).

3 Juan Pobre, em sua obra acerca da perda do galeão San Felipe, afirma que as primeiras notícias que chegaram a Castela acerca da conversão que ocorria no Japão pelos jesuítas datava de 1577. In: PEREZ, Lorenzo. **Fray Juan Pobre de Zamora**: su relación sobre la pérdida del galeón “San Felipe”, y martirio de San Pedro Bautista y compañeros. Madri: R. Velasco, 1931.

Os primeiros religiosos pertencentes ao patronato espanhol a pisar no arquipélago nipônico o fizeram em 1584, devido a um desvio que um navio português que ia de Cavite a Macau teve de fazer em direção a Hirado, por causa do mau tempo (MANZANO, 2104). Neste navio se encontravam três religiosos: um frade franciscano, Frei Juan Pobre (1550-1615), e dois agostinianos. Estes foram bem recebidos, ficaram lá por cerca de dois meses, e voltaram às Filipinas com uma carta do daimyô de Hirado, endereçada ao governador das Filipinas e a Felipe II, se mostrando disposto a fazer comércio com os espanhóis⁴. O encontro, no entanto, não gerou muitos frutos, uma vez que somente em 1592 os espanhóis voltaram a negociar diretamente no arquipélago nipônico (BOXER, 1967).

Os jesuítas, no entanto, desaprovavam a vinda de outras ordens ao Japão e isso foi deixado claro inclusive pelo Visitador Alexandre Valignano (1539-1606) já na sua primeira visita (1579-1582)⁵. Em 1585, mesmo ano em que a embaixada japonesa que o Visitador havia preparado⁶ (CORREIA, 2006) chegou a Roma, o Papa Gregório XIII assinou um breve, *Ex pastoralis Officio*, o qual conferia à Companhia de Jesus o monopólio da missão japonesa. Ficava, assim, proibida a entrada no Japão de missionários de quaisquer outras ordens.

O rei espanhol, que àquela altura era também monarca do trono português⁷, não desaprovou o breve e inclusive enviou uma carta, em abril de 1586, ao vice-rei da Índia, Dom Duarte de Menezes, e ao capitão maior da China, Diego Montero, na qual reafirmava a proibição de outras ordens de entrar no Japão⁸.

4 A carta se encontra em: A.G.I., Fil., Leg. 34, N. 63, ff. 642r-645v. Traslado de carta del rey de Firando. Hirado, 17 de setembro de 1584.

5 Valignano escreve sobre a necessidade de não se deixar outras ordens entrarem no Japão tanto na sua obra “Sumário de Japón” (1583) – capítulo: *Como no conviene ir a Japón otras Religiones* –, quanto nas Resoluções das Consultas que promoveu no Japão quando da sua primeira visita (segunda pergunta das consultas). Ver: VALIGNANO, Alessandro. **Sumario de las Cosas de Japón**. Editor: Jorge C. Alvarez-Taladriz, Monumenta Nipponica Monographs, Tóquio: Sophia University, v. 9, 1954. Há ainda diversas cartas que são enviadas a Roma defendendo tal posição.

6 Em 1582, Valignano enviou do Japão uma embaixada com cinco jovens, parentes dos senhores japoneses, a Roma. A embaixada chegou a seu destino em 1585.

7 Felipe II de Espanha (1527-1598), que após 1580, com a chamada União Ibérica (1580-1640), passou a ser ao mesmo tempo Felipe I de Portugal.

8 *Cedula del rey don Phelipe II por carta suya de Abril de 1586 para que no entren en Japón otros Religiosos que los de la Compañia de Jesús*, in Jap. Sin. 27, folio 8-8v. A carta segue parcialmente transcrita: “Don Duarte de Meneses del consejo de Estado de su Majestad y Virrey de la India et a vos Diego Montero que ahora ides por Capitán Mayor de la China y viaxe del Japón y a todos los que adelante fueron, sabed que [...] su Majestad información del grande fruto que hacen los padres de la Compañia en Japón así en la conversión de los gentiles como en la enseñanza de los cristianos y sabiendo que los otros padres están ya en grande número y han hecho diversas casas y colegios y seminarios con más de 200 iglesias en diferentes reinos de Japón deseando que la conversión de Japón pase adelante y que los otros padres sean ayudados y de ninguna manera impedidos del grande

Aos religiosos mendicantes, no entanto, não agradou a proibição da sua entrada no Japão. O breve foi tema de discussões fervorosas entre jesuítas e franciscanos na década seguinte, mas já em 1587 podemos encontrar referências ao descontentamento dos mendicantes pelo fato de não lhes ser permitida a entrada na China e Japão⁹. Os franciscanos sublinhavam que para um país tão povoado como o Japão eram necessários muitos predicadores e a Companhia de Jesus não teria como dispor de tantos obreiros.

Em julho deste mesmo ano, o general japonês Toyotomi Hideyoshi¹⁰ (1537-1598), que até então vinha tendo uma atitude de tolerância para com os cristãos e padres, publicou um édito de expulsão dos missionários jesuítas e proibiu a pregação do cristianismo. Apesar destes terem conseguido permanecer no Japão, a missão passava, a partir de então, ao status de clandestina (BERNABÉ, 2013). O édito de 1587 foi algo muito usado pelos frades como prova da necessidade da ida de outras ordens para

servicio que hacen a nuestro señor y temiendo que por ser una cristiandad nueva y tan apartada y ser ellos gente de costumbres y calidades tan diferentes y contrarias a nuestros modos y costumbres de Europa y que una de las causas por que se mueven los japoneses ha hacerse cristianos ya entiendes que sus leyes son falsas e ver la uniformidad de la doctrina y modo de proceder de los otros padres y por lo contrario la diferencia que hay de leyes entre sus bonzos y así mismo teniendo respeto a irse haciendo de nuevo aquella cristiandad y la gentilidad ser tan libre y poco acostumbrada a los preceptos divinos y humanos y ser por necesaria mucha prudencia y experiencia muy grande recato en publicar nuestra sagrada doctrina y obligarlos a los preceptos positivos de la santa Iglesia y asimismo a ser necesarias a uniformidad de las opiniones y decisiones de los casos en la publicación de diversos preceptos y en las dispensaciones que se han de conceder o negar para que nuestra ley no les parezca demasidamente pesada ni haya diversidad en el modo de proceder en las otras cosa; y porque sería lo contrario la primera causa de grande impedimento para la conversión de los gentiles y causará gran división, desordenes, escándalos y cisma en aquella nueva cristiandad y habiendo su Majestad tratado con su santidad del modo que en esto se debía guardar para remedio de lo otro y para que no haya semejantes desordenes que impidan el fruto que se hace, determino por consejo de su santidad que no fuesen por ahora clérigos seculares a Japón ni religiosos de otras religiones para que se gobernase aquella cristiandad solo por los padres de la Compañía que abrieron la puerta a la conversión de Japón para que siendo guiada por ellos se guarde esta uniformidad en todo tan necesaria para aquella nueva Iglesia y no [sean] diversos hábitos, diverso modo de proceder y diversas opiniones [...] [f. 8v] 12 de abril de 1586.”

- 9 Fr. Francisco Manrique e Fr. Martín Ignacio de Loyola escreveram acerca disso em uma carta em que enviaram ao rei em 1587. Na carta os frades diziam: “Ningún portugués ni capitán nos osa llevar, y nos han notificado una provisión del virrey de la India que dice que Vuestra Majestad tiene por bien que no entren allí, en la China ni en el Japón, si no fueran los padres de la Compañía; y persuaden los dichos padres que es en perjuicio de la Cristiandad entrar allá nadie; y presentaron un breve que ninguno vaya a Japón, ni aún obispo a hacer su oficio ni los demás a predicar, y con no tener el breve las partes necesarias para ejecutarse, le ejecutan; y tenemos nosotros otros breves de mayor autoridad y no los quieren ver ni entender, todo por no nos tragar por ser castellanos”. Ignacio de Loyola al Rey de 6 de julho de 1587. Cf. SOLA, Emilio, **Historia de un Desencuentro**, España y Japón 1580-1614, Archivo de la Frontera: e-libros, 2012.
- 10 Toyotomi Hideyoshi, comandante militar japonês que terminou a unificação do Japão após a morte de Oda Nobunaga (1534-1582).

auxílio da missão nipônica. Contudo, nenhum movimento de fato foi feito em direção ao Japão, por parte dos franciscanos ou espanhóis, até que em 1592 surgiu uma ótima oportunidade: a chegada, em Manila, de uma embaixada japonesa comandada por um homem chamado Harada¹¹ Magoshiro (BOXER, 1967) que dizia portar uma carta de Hideyoshi endereçada ao governador das Filipinas. Do Japão, o Visitador jesuíta – que se encontrava na sua segunda visita à missão nipônica – enviara uma missiva ao reitor da Companhia de Jesus em Manila. Nela, afirmava que um mercador cristão de Meaco¹² havia dado a entender ao general que seria fácil fazer com que as Filipinas prestassem obediência a ele e o convenceu a mandar tal embaixada. Valignano havia pedido para que o reitor falasse com Gomes Pérez Dasmariñas (1539-1593), governador das Filipinas, e recomendasse que ele não recebesse a embaixada com a desculpa de que não tinha certeza da autenticidade da mesma¹³.

A embaixada, no entanto, não só foi recebida como respondida. Primeiramente Dasmariñas recebeu a carta que Harada trazia consigo. Contudo, uma vez que vinha escrita em caracteres chineses, ele pediu secretamente para Juan Cobo¹⁴ (ARNAIZ, 1939) fazer a tradução e logo em seguida para o próprio Harada fazê-lo também. As duas traduções resultaram completamente diferentes, sendo que segundo Cobo, Hideyoshi exigia vassalagem por parte do governador das Filipinas, enquanto que para Harada o general só procurava amizade e correspondência com a Espanha. De qualquer maneira, o que Dasmariñas fez foi mandar uma embaixada em resposta a Hideyoshi, encabeçada por Cobo¹⁵, na qual dizia querer se certificar se a comitiva de Harada realmente falava em seu nome e, se esse fosse o caso, que ele gostaria de ter amizade com o mesmo. A resposta desta primeira embaixada das Filipinas, no entanto, jamais chegou de volta às mãos dos espanhóis. Isso porque Juan Cobo morreu no caminho de volta, num naufrágio próximo à ilha Formosa, tendo-se perdido, portanto, seu depoimento e os papéis que levava consigo¹⁶. Dasmariñas então resolveu montar uma

11 Nos documentos ele aparece como Faranda.

12 Miyako, que significa capital. Forma como os jesuítas se referiam a Quioto, capital do Japão naquele período.

13 Alexandre Valignano, carta, 6 de fevereiro de 1592. In: A.R.S.I., *Jap. Sin.* 31, f. 36v. *Traslado de la carta que el padre visitador Alejandro Valignano escribió al rector de Manila. De Nagasaki.*

14 Dominicano espanhol que se encontrava nas Filipinas desde 1588 e se dedicara ao estudo do chinês desde então.

15 Cobo pediu para que Juan de Solís, um espanhol que morava há alguns anos no Japão, o acompanhasse como intérprete.

16 Supomos que Hideyoshi recebera bem a embaixada, devido aos acontecimentos que se seguem. Harada descreve como foram bem acolhidos e o provincial dos franciscanos nas Filipinas, Juan de Garrovillas, escreve em sua relação acerca da chegada das duas embaixadas. Ver: Juan de Garrovillas, **Relacion y certificacion de las cosas y estados del Japon, por el Provincial de los Descalzos Franciscos y el Cabildo de Manila**, 29 de abril de 1595. In: PEREZ, Lorenzo, *Cartas y Relaciones del Japon*, Madrid: G. López del Horno, 1916.

segunda embaixada, que partiu no ano seguinte, 1593, mas dessa vez quem a encabeçou foi Pedro Batista, um franciscano. Junto foram outros três franciscanos: Bartolomeu Ruiz (1525-1600), Francisco de San Miguel (1545-1597) e Gonçalo Garcia (?-1597). Após a audiência com Hideyoshi, os quatro franciscanos receberam do governante um local na capital, onde puderam se instalar.

Para os fatos que seguiram a partir daqui há sempre duas versões: a dos franciscanos espanhóis e a dos jesuítas sob o comando da Coroa portuguesa. O que se pode dizer, com absoluta certeza, é que antes disso já havia uma virtual disputa entre a Companhia de Jesus e as ordens mendicantes, posto que os primeiros defendiam sua exclusividade na missão japonesa e os últimos criticavam duramente tal monopólio. A partir da entrada desses quatro franciscanos¹⁷ iniciou-se uma verdadeira guerra de acusações entre as duas ordens, caracterizada pela produção de relações, tratados e apologias, que foram enviadas à Europa (tanto à Santa Sé em Roma quanto à Corte de Felipe II) tendo circulado entre os religiosos de missões nas mais diversas partes do mundo.

As primeiras críticas aos jesuítas do Japão escritas pelos membros ordem de São Francisco são, provavelmente, as que Juan Garrovillas, provincial dos Descalços nas Filipinas, apontou em um memorial que hoje se encontra perdido, mas que o documento aqui transcrito faz referência. Entre os pontos defendidos, os franciscanos acusavam os padres de: tratar mais de mercadoria que de conversão; que os quatro embaixadores que foram a Roma eram “mecânicos o mercaderes”; que a Companhia usurpava a jurisdição do Rei espanhol; que despovoavam terras ao compelirem os gentios a deixarem suas antigas cerimônias; que convertiam cristãos à força e que os padres confessavam por intérpretes¹⁸. Seguido a isso, o

17 Após a entrada do grupo da embaixada de Pedro Batista, em 1593, foram enviadas outras comitivas de franciscanos a partir das Filipinas sendo que as duas seguintes foram: em 1594, Augustin Rodriguez, Jerônimo de Jesus e Marcelo de Ribadeneira e, em 1596, Martín de la Ascención e Francisco Blanco. Cf. CORREIA, Pedro Lage Reis. **A Concepção de MissionaçãO na Apologia de Valignano**, Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.

18 Há uma outra relação que Gil de la Mata respondeu que se intitula *Sumario de una relación que el Provincial de San Francisco envió de las Filipinas en la cual porque se tocan algunas cosas en descrédito de los padres de la Compañía que andan en el Japón, responde a ellas el procurador de aquella provincia*. Real Academia de la Historia (R.A.H.), seção “Cortes”, 565, ff. 179-181v. A última folha está em 193. Segue uma transcrição resumida das acusações: 1. “[...] los otros [os franciscanos] fueron recibidos de Cambacodono con mucho contento y que les dio sitio y tienen hecha casa e iglesia y hospital y celebran y predicán en público”; 2. “Para prueba de lo que dice el Provincial de San Francisco en su petición presentó ocho testigo [...]”; 3. “[...] un embajador llamado Faranda y que este trató con el Gobernador de aquellas Islas que enviase a Japón algunos religiosos [...]”; 4. “[...] que Cambaco había dicho algunas veces alabándolos dichos frailes que aquellos le contentaban mucho porque menospreciaban el oro y la plata [...]”; 5. “Dicen más los dichos testigos que Cambacodono por intercesión de los dichos religiosos se habían reconciliado con los padres de las Compañía [...]” e 6. “Dicen últimamente que hay en el Japón tan gran multitud de cristianos que no bastan para ello los padres de la Compañía [...]”.

procurador dos jesuítas, Gil de la Mata, se viu obrigado a contestar os *Capítulos que se dieron al Rey Católico contra la Compañía de la India y Japón el marzo de 95* (MARINO, 2014).

Em janeiro do ano seguinte, o dominicano Bartolomeu Lopez entregou ao papa mais um memorial acusatório¹⁹. Para além dos pontos supracitados, os jesuítas tiveram que contestar: a facilidade que tinham os frades ao entrar na China e converter os locais; que os padres tratavam da seda com os mercadores; que tinham duas fortalezas “muy artelladas y una fragata”; que os jesuítas eram soberbos e que iam com fausto, em particular quando iam visitar os reis; que não deixaram o bispo de Japão ir ao arquipélago; que não queriam que outros religiosos fossem lá para que não vissem o que faziam; que não predicavam a lei de Deus, seus mandamentos e sacramentos; que repudiavam os frades e não guardavam o impedimento *disparitatis cultus*²⁰ e, por último, que a doutrina da Companhia não era segura.

Há também uma segunda parte deste mesmo memorial²¹, no qual são levantadas as seguintes acusações: que a despeito do que diziam os jesuítas, a embaixada de Juan Cobo fora recebida com muita cortesia por Hideyoshi; que os padres teriam ajudado a um rei cristão com gente e artilharia; que teriam muitas terras, portos, lugares, bens, barcos e artilharia, ganhavam muito dinheiro e andavam muito bem acompanhados e, por fim, que os padres se rebelariam contra Hideyoshi caso ele não expulsasse os frades.

O franciscano Martín de la Ascención também escreveu suas críticas à Companhia²². Sua obra ficou famosa depois que o Visitador jesuíta a copiou e a respondeu em sua *Apologia* (VALIGNANO, 1598). Os principais pontos que Martín se refere em seu tratado são: que o breve *Ex pastoralis Officio* era inválido; que era contra o monopólio jesuíta e que havia necessidade de que outras ordens fossem ao Japão; que o breve se deu em prejuízo dos reis de Castela; que os padres do Japão ensinavam mal a doutrina, batizando sem examinar, e que a ida dos frades foi muito proveitosa para a missão japonesa (TALADRIZ, 1973).

19 *Respuestas a las cosas de más importancia que contiene el Memorial del P. F. Bartholomé López dado a S.S. en enero de 1596 contra la Compañía de Japón, China e India*. R.A.H., “Cortes”, 565, ff. 194-196v.

20 Proibição da Igreja Católica de que os crentes se casassem com não batizados.

21 *Segunda parte del sumario sacado de la relación que el Provincial de San Francisco envió de las Filipinas, a que también responde el Procurador de Japón*. R.A.H., “Cortes”, 565, ff. 198r-200v.

22 *Breve sumario de dos tratados descritos a mano llenos de falsedades y calumnias que hizo fray Martín de la Ascención, vizcaíno de nación, y uno de los seis religiosos de San Francisco descalzos que el rey de Japón mandó matar el año de 1597*. Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *Jap sin* 27, f. 62-63v.

3. Introdução ao documento

O documento em questão, *Resposta da Companhia aos capítulos que se deram a Sua Majestade contra os padres de Japão*, é um manuscrito inédito que se encontra no Arquivo da Real Academia da História²³ de Madri, na coleção Cortes²⁴. Nesta seção há dois exemplares deste manuscrito, sendo que o segundo seria uma cópia feita inteiramente pela mão do jesuíta espanhol Antonio Colaço (1568-1647). Essas são as únicas informações bibliográficas que conseguimos recolher a respeito do manuscrito.

Das informações presentes no conteúdo do manuscrito, por sua vez, podemos supor que é uma apologia feita por um jesuíta²⁵, provavelmente português – já que está escrito neste idioma, ainda que a obra esteja endereçada a Felipe II de Espanha – respondendo a alguns capítulos que se produziram contra os jesuítas do Japão. Podemos situar esse memorial entre 1593 – data da entrada dos franciscanos no Japão e início da sua missão no arquipélago – e 1594, uma vez que o memorial, segundo consta no manuscrito, foi entregue ao papa Clemente VIII em janeiro de 1595, pelo dominicano Bartolomeu Lopez. A apologia, por sua vez, encontra-se também sem especificação de data. Contudo, o último acontecimento apontado na mesma foi a liberação de Felipe III, em 1600, para que os religiosos das ordens mendicantes entrassem no Japão, desde que fossem pela rota portuguesa (pela Índia). Logo, supomos que a obra não é muito posterior a essa data.

Acerca do autor do memorial de acusação citado no manuscrito não sabemos muito e não podemos dizer com total certeza seu nome. Contudo, na *Resposta* ele é apontado como um capitão que estava engajado no trato da seda²⁶ e que teria passado pelo Japão em 1588. Acontece que neste ano, somente um navio mercante aportou no Japão e seu capitão era Jerônimo Pereira. A questão é que ele morreu no ano seguinte em um naufrágio, o que impossibilita que a autoria do memorial seja sua, uma vez que a missão franciscana no Japão se iniciara somente em 1593, com a embaixada de Pedro Batista. Ao investigar mais acerca dos capitães dos navios envolvidos no comércio da seda chinesa entre Macau e Japão chegamos a um outro nome: Gaspar Pinto da Rocha. Este era um mercador português que, em 1593 e 1594, foi capitão do navio que chegou a Nagasaki²⁷ levando os quatro franciscanos que foram na embaixada das Filipinas ao Japão. Ainda que o tráfego para o arquipélago de religiosos que não fossem da Companhia de Jesus estivesse proibido, Rocha fez vista grossa (BOXER, 1988: 57-58). Além disso, é provável que ele

23 Archivo de la Real Academia de la Historia.

24 Col. Cortes, Maço 13, Tomo 1565, f. 289-300.

25 Na introdução escreve: “*religiosos da nossa Companhia*”.

26 Na resposta ao segundo capítulo do memorial o autor afirma que o acusador era capitão da nau que ia pela seda ao Japão e se queixava do envolvimento dos jesuítas no trato da seda pelo dano particular que tinha por ver diminuído seu lucro.

27 Tal informação o cita o padre Luis Fróis SJ, em sua *Historia de Japam*, volume I. FROIS, Luis. **Historia de Japam**. Edição: Jose Wicki, Volume I, Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976, p. 437.

tenha passado pelo Japão antes disso, como cita o documento que afirma que o autor do memorial estava por lá no ano de 1588. Na obra de Afonso de Lucena, jesuíta português (1551-1623), o autor afirma que Rocha era um dos passageiros que estavam presentes no navio quando esse enfrentou um tufão e quase afundou numa travessia que faziam em direção ao arquipélago. Lucena afirma que Rocha era “bem conhecido e nomeado em Macao e Japão” (LUCENA, 1972: 76). Dadas tais evidências, cremos que seja bastante provável que ele seja o autor do memorial ao qual o documento transcrito a seguir se refere. Não se pode, entretanto, excluir a possibilidade de um outro nome.

4. Aparato crítico

O manuscrito transcrito abaixo encontra-se redigido em português do século XVI-XVII. Joseph Schütte, ao descrevê-lo em seu catálogo, aponta as seguintes informações: sem assinatura, português, papel europeu (SCHÜTTE, 1961: 79). Na transcrição que fizemos, modernizamos a ortografia do português, ou seja, utilizamos a grafia atual dos termos como ‘Majestade’ para ‘Magestade’, ‘Japão’ para ‘Japam’ ou ‘cristandade’ para ‘christandade’, entre outros. Retiramos as consoantes duplas que não são mais utilizadas na grafia atual, como ‘n’ e ‘l’. No caso das abreviaturas, as escrevemos por extenso. Modificamos os números utilizando os caracteres romanos (como para ‘Clemente VIII’) e optamos pela pontuação segundo as normas atuais. Para o caso de cidades que permanecem com o mesmo nome na atualidade modernizamos a grafia, para as outras, como ‘Meaco’, ou nomes de personagens históricos japoneses, mantivemos a grafia utilizada pelos jesuítas.

Referências Bibliográficas

- ARNAIZ, Gregorio. Observaciones sobre la Embajada del Dominico P. Juan Cobo. **Monumenta Nipponica**, v. 2, n. 2 (Julho, 1939), pp. 634–637.
- _____. **The Great Ship from Amacon**. Macau: Instituto Cultural de Macau, 1988.
- BERNABÉ, Renata Cabral. **A Construção da Missão Japonesa no Século XV**. 2013. Dissertação (mestrado em história) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOXER, Ralph Charles. **The Christian Century in Japan 1549-1650**. Berkeley University of California Press, 1967.
- CORREIA, Pedro Lage Reis. **A Concepção de Missionação na Apologia de Valignano**. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.
- _____. O Triunfo do experimentalismo na missão do Japão: Alessandro Valignano (1539-1606) e a organização da embaixada japonesa à Europa em 1582. In: ANAIS DO SIMPÓSIO INTERNACIONAL NOVOS MUNDOS – NEUE WELTEN. PORTUGAL E A ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS, Berlim, nov. 2006.

- ELISON, George. **Deus Destroyed**. The Image of Christianity in Early Modern Japan. Massachusetts: Harvard University Press, 1973.
- FROIS, Luis. **Historia de Japam**. Edição: Jose Wicki, Volume I, Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1976.
- GAY, Jesús Lopes. **El Catecumenado Mision Japon**. Roma: Libreria dell Universita Gregoriana, 1966.
- LUCENA, Afonso de. **Erinnerungen aus der Christenheit Von Ômura**. De Algumas Cousas que Ainda se Alembra o Pe. Afonso Lucena que Pertenciam à Christandade de Ômura [1578-1614]. Edição: Josef Franz Schütte, Tóquio: Sophia University, 1972.
- MANZANO, Ainhoa Reyes. **La Cruz e La Catana**: relaciones entre España y Japón (Siglos XVI-XVII). 2014. Tese (doutorado) – Universidade de la Rioja, Departamento de Ciências Humanas.
- MARINO, Giuseppe. Breve Apologia de Gil de la Mata: Estudio de un Inédito para Felipe II. **Tzintzun · Revista De Estudios Históricos**. Morelia, v. 60, jul.-dez. 2014, pp. 306-337.
- PEREZ, Lorenzo. **Fray Juan Pobre de Zamora: su relación sobre la pérdida del galeón “San Felipe”, y martirio de San Pedro Bautista y compañeros**. Madri: R. Velasco, 1931.
- _____. **Cartas y Relaciones del Japon**, Madrid: G. López del Horno, 1916.
- SCHÜTTE, Josef Fraz. **Documentos sobre el Japon Conservados em la Coleccion Cortes de la Real Academia de la Historia**. Madri: Imprenta y Editorial Maestre, 1961.
- SOLA, Emilio. **Historia de un Desencuentro**, España y Japón 1580-1614. Archivo de la Frontera: e-libros, 2012.
- TALADRIZ, José Luis Alvarez (Ed.). **Relaciones e Informaciones – Documentos Franciscanos de la Cristandad de Japón (1593-1597)**. Osaka, 1973.
- TRONU, Carla. The Rivalry between the Society of Jesus and Mendicant Orders in Early Modern Nagasaki, **Agora: Journal of International Center for Regional Studies**, n. 12, 2015.
- VALIGNANO, Alessandro. **Sumario de las Cosas de Japón**. Editor: Jorge C. Alvarez-Taladriz, Monumenta Nipponica Monographs, Tóquio: Sophia University, v. 9, 1954.
- _____. **Apología de la Compañía de Jesus de Japón y China (1598)**. Editor: Jorge C. Alvarez-Taladriz, Osaka, 1998.

APÊNDICE

Respostas da Companhia aos capítulos que se deram a Sua Majestade contra os padres de Japão

[f. 289r.] Diz Antônio Colaço da Companhia de Jesus e seu procurador em Corte das províncias de Portugal que à sua notícia veio um memorial que a Vossa Majestade se deu contra os religiosos da nossa Companhia que andam em Japão, no qual lhe são impostas algumas cousas pelas quais (tomando-se no verdadeiro sentido, e conforme a intenção e zelo com que as fizeram) mais merecem os ditos religiosos louvor que vitupério, e por serem tais o papa Clemente VIII, sendo-lhe apresentado quase este memorial em janeiro de 1595, por frade Bartolomeu Lopez da ordem de São Domingo, não somente nem [deferiu] a seu intento (o qual é que se abra a porta de Japão a todos os religiosos por todas as partes que quiserem entrar) mas confirmou de novo o breve de Gregório XIII, no qual com graves censuras proíbe a todos esta entrada, tirando aos da Companhia, pelas razões que então teve, as quais hoje perseveram na mesma força, e pelas mesmas El-rei Felipe II que está em glória, vendo os capítulos que frade João de Garrovilhas provincial de São Francisco das Filipinas enviou a esta Corte em descrédito dos nossos religiosos de Japão no mesmo ano de 1595 (que são quase os deste memorial) e ouvindo Sua Majestade as respostas que a elas lhe deu o procurador da Companhia de Japão que naquele ano viera a Madri, mandou por sua real provisão no ano de 1596 que nenhuma pessoa secular, nem eclesiástica, passasse das Filipinas ao Japão ou China, e ao Vice-rei da Índia Oriental passou outra em que lhe mandava, que se alguma pessoa secular fosse das Filipinas a Japão ou China a castigasse como lhe parecesse, e sendo eclesiástica a embarcasse nas naus da Índia para Portugal. É certo que, se tiveram fundamento os capítulos e queixas sobreditas dadas em Roma à Sua Santidade, e em Madri à Sua Majestade, que assim um como o outro deram remédio conveniente mudando o modo que na cultivação daquelas cristandades guardavam os ditos religiosos da Companhia, o que não fizeram antes dos ditos capítulos e queixas resultaram o breve, e as provisões apontadas, com que as cousas da Companhia ficaram confirmadas, e seu modo de proceder aprovado, e para que Vossa Majestade vendo as respostas da Companhia a este memorial confirme o que está mandado.

Pede ele suplicante a Vossa Majestade seja servido de as mandar ver, e ordenar o que mais convém ao aumento da cristandade daquelas partes, e ao maior serviço de Deus e bem de seus Estados porque isto é o que a Companhia mais deseja, e para maior clareza se põem as próprias palavras deste memorial com suas respostas ao pé dele.

[289v.]

Capítulo primeiro do memorial

É grande serviço de Deus virem os frades de todas as ordens a todas as partes da Índia, China e Japão pregar o santo Evangelho

Resposta

Examinando o papa Gregório XIII se era serviço de Deus abrir a porta de Japão e China a todas as religiões enquanto os universais senhores daqueles reinos não favoreciam a cristandade ou se faziam cristãos, entendeu que convinha cercar-se, e assim o mandou com graves censuras em um *motu próprio* no ano de 1585, e fazendo vários religiosos grandes instâncias ao papa Clemente VIII para que revogasse o dito breve, ouvindo-os por alguns anos, o confirmou por outro no ano de 1595, posto que depois, à instância de Vossa Majestade, concedeu ano de 1600, que pudessem ir os mendicantes pela Índia Oriental somente e El-rei Felipe II, que está em glória, ouvindo no ano de 1595 as queixas de vários religiosos mandou fechar²⁸ a dita porta por suas reais provisões dadas no ano de 1596, as quais se assentaram nos livros da Câmara da cidade de Goa, e nas da cidade de Manila, e os bispos de Japão sempre escreveram à Vossa Majestade que isto era o que mais convinha ao bem daquela igreja, o que também escrevem o arcebispo de Goa, os vice-reis da Índia, e todos os que tratam desta matéria sem paixão afirmam não ser ainda tempo para esta porta se abrir, e que será grande serviço de Deus não entrarem outros religiosos em Japão e China enquanto as coisas daquelas partes não tiverem outro termo, e há muitas razões e mui eficazes para isto, e a experiência, que é bastante prova, o tem mostrado, porque as vezes que entraram outros religiosos em Japão puseram aquela igreja a grande risco de se perder como é notório a todos, assim porque não usaram do resguardo necessário naquelas partes aonde o senhor é tirano, não quer que preguem nossa lei a seus vassalos, como por se não unirem nas opiniões e doutrina com os da Companhia que há tantos anos tratam aquelas gentes, e nos princípios das conversões importa tanto que os pregadores sejam conformes em tudo que mandado o papa Inocência III vários religiosos a pregar o Evangelho a Livonia logo no princípio de sua congregação para evitar a diversidade nas opiniões e modo de proceder, ordenou que todos se vestissem do mesmo hábito: «*Ne si dispar in vobis obsertantia fuerit, et dissimilis habitus, apud eos, qui unum Evangelium praedicatis, scandalum suscitetur*» - diz o papa no capítulo – *Deus qui de vita, et honestate cleric,* e se esta razão foi bastante em Livonia muito mais em Japão aonde a diversidade de muitas seitas que seguem os japoneses, lhes é muita causa de sua perdição, e a união que conhecem em nossa santa lei é argumento notável do conhecimento dela. E sendo este negócio tratado por tais pessoas como as acima referidas, e ponderadas as razões que há na matéria, tomaram a sobredita resolução, e as entradas que vários religiosos naquelas partes fizeram, a confirmaram por boa, claro está que não somente é serviço de Deus irem frades a Japão (como diz o autor deste memorial) enquanto o senhor dele não favorecer a pregação do Evangelho, antes em matéria de muito escrúpulo conceder-se esta entrada pelo evidente perigo em que se põe aquela igreja como outras vezes temos experimentado

[290r.]

28 No manuscrito çerrar.

Memorial

Porque sou testemunha que foram a Japão frades menores de São Francisco e faziam lá muito na conversão vendo os japoneses sua pobreza que concordava com o que eles lhe pregavam e que eram pobres

Resposta

Mal podia ser testemunha do fruto que os frades faziam em Japão se esteve lá no ano de 88 como neste memorial diz abaixo no capítulo segundo, porque a primeira vez que frades menores entraram em Japão foi no ano de 1593, como eles e todos confessam, e consta das cartas que o bispo daquelas partes escreveu a Vossa Majestade, e do ano de 88 até o de 93 vão cinco anos, mal podia logo ver o fruto que na conversão faziam em Japão os que por ventura nem estavam nas Filipinas donde partiram, e se o direito diz: «*qui semel mentibus est semper praesumitur esse*». Bem se pode ver o crédito que merece o autor deste memorial. E dado que pudesse ser testemunha por estar com os frades menores em Japão não pode afirmar que converteram mais que os da Companhia, porque no primeiro artigo de um processo tirado em Japão no ano de 92 por autoridade de justiça, se prova com várias testemunhas que os da Companhia foram os primeiros pregadores do Evangelho em Japão e do ano de 49, em que entraram, até o de 87, em que Cambacudono os começou a perseguir, não tendo outros companheiros, fundaram ali 240 igrejas e batizaram mais de 250 mil almas e fizeram dois seminários nos quais se criavam em letras e bons costumes mais de 200 mancebos nobres e batizaram a alguns reis e senhores japoneses. E no mesmo ano de 87, que foi o de seu desterro, andando escondidos, converteram mais de cinquenta mil, não falando das crianças que batizaram, e da mesma maneira foram sempre continuando, como consta das cartas escritas a nosso Geral. E no quarto e nono artigo do segundo processo dos três que em Japão se fizeram sobre estas matérias, se prova por testemunhas que levando os frades menores a carta do governador das Filipinas a Cambacudono lhes falou soberbamente contra o dito governador que os mandava ameaçando com seu exército se logo lhe não dava a obediência, e a eles disse que logo se tornassem para suas terras porque não queria que pregassem sua lei contra a dos seus pagodes, mas pedindo-lhe eles licença para ficarem até o ano seguinte o governador responder a sua, e para irem ao Meaco a ver suas grandezas que pudessem contar aos seus, ainda que no princípio lhe a negou, depois a concedeu, e estando no Meaco se recolheram em casa de Faxegaba, gentio criado de Cambacudono, o qual lhes mandou que não pregassem nossa Santa lei, e eles o prometeram, e por estarem mal acomodados, lhe pediram sítio, em maio de 94, em que pudessem edificar igreja e casa própria, o que Cambacudono concedeu por meio do governador do Meaco com condição que não pregassem nem houvesse em sua casa concurso de cristãos, e não cumprindo o que prometeram foram ameaçados e depois crucificados no ano de 95, e se estes religiosos desta maneira foram recebidos em Japão de Cambacudono, e com tanta cautela lhe foi dada licença para edificar nele proibindo-se-lhe a pregação do Evangelho, e trato como a gente que haviam [f.290v.] de converter,

e tão pouco tempo estiveram naquelas partes sem poderem discorrer por elas, como é possível que fizessem lá muita conversão?

Memorial

Que eram pobres e não mercadejavam, nem tinham tratos alguns, e concordavam nesta pobreza com os seus bonzos, o que era parte de se converterem muitos, e seguirem a lei Evangélica, as quais partes eles não viam nos da Companhia

Resposta

Três coisas nota nestas palavras. A primeira que os da Companhia são ricos em Japão. A segunda que são mercadores. A terceira que na pobreza concordavam os frades com os bonzos. Quanto a primeira o certo é que a Companhia sustenta em Japão mais de 800 pessoas e ainda que nem todos são religiosos andam todavia todos ocupados na cultivacão daquela cristandade, e tem muitas igrejas que [paramentam] provendo-as de todo o necessário, e sustentam muitos moços nobres que em alguns seminários aprendem e se fazem clérigos, fazem também muitas missões a diferentes reinos de Japão em que gastam muito apresentando peças aos senhores gentios para os terem benévolos e amigos e assim poderem melhor proceder em seus ministérios, e para todos estes gastos não têm mais que a esmola que sua Santidade dá cada ano nesta Corte de quatro mil escudos e dois mil cruzados que Vossa Majestade lhe dá na Índia, e os de sua Santidade muitas vezes se perdem, perdendo-se as naus, e os de Vossa Majestade muitos anos se não pagam por culpa dos oficiais que têm por perdido o que se dá para semelhantes obras, e o mais se tira de esmolas assim de portugueses como de senhores japoneses já convertidos quando as contínuas guerras que há entre eles lhe dá lugar para o poderem fazer, e esta é toda a riqueza que os da Companhia têm em Japão, nem se achará outra tirando a esmola que os mercadores de Meaco²⁹ lhes dão a conta da seda de que abaixo se dará razão.

Quanto a segunda coisa, que nota de serem mercadores, se responderá satisfazendo-se ao que diz no capítulo segundo deste memorial.

Quanto a terceira nota, que os frades concordam na pobreza com os bonzos de Japão, é certo que estes bonzos são riquíssimos não somente nos mosteiros, que têm de muitos mil cruzados, mas também em suas pessoas particulares, ajuntando com sua cobiça muito dinheiro, e tal houve ao qual em sua morte acharam mais de cem mil cruzados em dinheiro, e se isto é ser pobres quem se poderá chamar rico? Nem se pode bem inferir que a pobreza nos ministros do Evangelho naquelas partes é causa de maior conversão porque é grande motivo aos gentios verem em suas terras homens que de tão longe os vão buscar não pretendendo nem aceitando deles ouro ou prata mas somente procurando o bem de suas almas ensinando-lhes o caminho da salvação, o que não

29 Na cópia manuscrita sucessiva, quase idêntica, a cidade apontada é Macau, o que é mais apropriado considerando a rota das naus mercantes portuguesas. Cf. Real Academia de la Historia, seção «Cortes», tomo 2665, f. 296v.

podem fazer tão livremente os que por sua muita pobreza houverem de esperar deles a sustentação, e os mais gastos ordinários, e os da Companhia buscam entre os portugueses o necessário para seus gastos por não o pedirem aos gentios e cristão ordinários aos quais muitas vezes acodem [f. 291r.] os mesmo religiosos com suas esmolos.

Capítulo segundo do Memorial

Na China e Macau empregam os padres da Companhia quantidade de dinheiro todos os anos em seda crua que levam na nau para Japão passante de cem quintaes de seda todos os anos, e a levam sem fretes nenhuns que é em prejuízo do povo, do bem comum, e do capitão da nau, e a vendem no Japão como fazem quaisquer outros mercadores as suas, de que se escandalizam os japoneses

Resposta

Contando-se o que nesta matéria passa na verdade se verá quão enganado vai o autor deste memorial, o qual já que foi por capitão desta nau, e se queixa pelo dano particular que recebeu de não levar direitos desta seda, poderá se informar melhor do caso o qual é o seguinte. Em Macau, houve um mercador português por nome Luís d'Almeida, o qual vendo o grande fruto que os da Companhia faziam em Japão com o pouco que tinham para acudir às suas obrigações. Sempre os ajudou com esmolos, e entrando por tempos na Companhia deixou-lhes em Macau quatro mil cruzados com condição que andassem sempre vivos no trato da seda da China para Japão dando-se o ganho deles aos que andavam em Japão para suas necessidades, por entender que o de Europa lhes faltaria muitas vezes. Correu sempre este negócio pelos mercadores de Macau não se metendo os da Companhia em mais que em receber deles o que se tirava do principal daquela seda, e todavia desejavam haver outro modo de menos inconvenientes, e por esta causa o nosso Geral encomendou muito ao Visitador Alexandro Valignano que mandava aquelas partes que o buscasse com cuidado, e chegando ele a Macau no ano de 78 se informou particularmente do caso e achando que se tirava esta esmola a Japão punha em grande perigo aos que andavam nele pregando, tratou com a cidade de Macau do remédio que se podia dar, e assentaram que a mesma cidade tomasse a sua conta estes quatro mil cruzados como seus, e nos mil e seiscentos picos de seda que o seu feitor cada ano leva a Japão, entrassem cinquenta, e o ganho deles conforme ao primeiro preço porque fossem vendidos se desse aos da Companhia que estavam em Japão ainda que se não vendesse toda a seda que levava, e de tudo fizeram um instrumento público firmado por todos, e tirasse deste cinquenta picos de seda como mil e seiscentos cruzados de ganho. Confirmou este assento em Goa o vice-rei Dom Francisco Mascarenhas Conde de Santa Cruz a 18 de abril de 1584 e a 29 de abril de 1589 se tornou a confirmar pela mesma cidade de Macau. E porque aqueles religiosos ainda tinham dúvidas neste negócio, escreveram ao nosso Geral para que o tornasse a ver, e ele o tratou com o papa Gregório XIII, o qual não somente confirmou por visto e lícito, mas disse que isto não se podia

chamar propriamente trato, pois se fazia por pura necessidade, e na verdade parece que milita neste caso aquele axioma: «*quod pro charitate introductum est non debet contra charitatem militare*», o qual fora se por falta do necessário se houvera de largar tal empresa como a de Japão. Esta é a verdade pontualmente, donde se vê que este trato na forma sobredita o tem aqueles religiosos com beneplácito, e pela mão daquela cidade confirmado pelo vice-rei da Índia em nome de Vossa Majestade, e aprovado pelo Sumo Pontífice a com parecer de nosso Geral e seus assistentes, e assim não se pode por esta causa afirmar que os da Companhia de Japão e China mercadejam, sendo esta a ocasião porque o dizem, nem havendo outra alguma, e correndo este modo de trato somente [f. 291v.] pelos mercadores de Macau, sem nele entrar pessoa alguma da Companhia mais que em cobrar deles a dita esmola.

Memorial

E assim o mesmo rei de Japão no ano de 88 por esta causa, e por terem artilharia os lançou fora de Japão, e lhes mandou derrubar as suas igrejas estando eu lá presente a isto no mesmo ano de 88.

Resposta

Como pode ser que Cambacudono, rei de Japão, desterrasse dele aos da Companhia pelo trato da seda que tinham feito com os mercadores de Macau que não eram de sua jurisdição e porque havia ele de querer castigar aos que andavam em seus reinos pelos danos que recebia o povo de Macau deste trato como neste capítulo aponta este autor? Pelo que não deve ser a causa do desterro dos da Companhia e da destruição das igrejas a que infere neste capítulo, e melhor lhe fora não confessar que em sua presença se fez tal afronta a nossa santa lei e a seus ministros ainda que não pode assistir a ela porque, como aqui confessa, esteve em Japão no ano de 1588, e as igrejas foram destruídas, e os da Companhia desterrados no ano atrás de 1587, como consta do quinto artigo do primeiro processo que se tirou por testemunhas no ano de 1592. E quanto à causa desta destruição e desterro, não foi outra que a pregação do Evangelho contrária aos pagodes, como afirma Genofoim³⁰, governador do Meaco, na que escreveu ao Vice-provincial da Companhia, no ano de 1593, dizendo-lhe que escrevera ao embaixador da Índia que nem os da Companhia nem a lei que pregavam tiveram culpa desta perseguição, mas somente o haverem pregado contra a lei dos seus pagodes e que assim se declarava no edito que Cambacudono fizeram contra eles, e o mesmo Cambacudono o tinha dito ao Irmão João [Rois] diante de muita gente, e a ocasião que este tirano teve para mandar naquele tempo executar este perseguição foi por lhe impedirem os da Companhia certas donzelas cristãs e nobres de que queria usar mal, e sendo esta a verdadeira causa desta destruição das igrejas e desterro destes religiosos, provada com tantas testemunhas, e pelos mesmo que a mandaram e executaram, não há para que inventar outra.

30 Na cópia do manuscrito lê-se 'Guenifoim'.

Capítulo terceiro do Memorial

Os padres da Companhia tinham no Japão no ano de 88 armazém de artilharia grossa de bronze, e arcabuzes, e servindo eu de capitão da nau de Japão no ano de 88 da perseguição de Cambaco, rei de Japão, eles meteram dentro da dita nau muitas peças de artilharia por lhe estar nela segura de Cambaco lhe a tomar quando lhe derrubou as igrejas que vi derrubar parte delas, e as cruces.

Resposta

Se este capitão informara bem que artilharia era esta, achara que não podia ser da Companhia nem ela tal teve nunca, e soubera facilmente por seu notório a todos que El-rei dom Bartolomeu, senhor do porto de Nagasaki, vendo como a nau dos portugueses que vai cada ano a Japão não tinha porto seguro em que desembarcasse, e que por essa causa não ousavam eles de vir com suas mercadorias, por não perder o proveito que lhe vinha destas vindas, deu aos da Companhia não a cidade, nem sua renda ou jurisdição, senão o porto, para que entendendo os portugueses que era dos da Companhia viessem a ela seguramente, mas deste porto não tinham renda alguma posto que os portugueses sempre lhes davam esmolas com as quais fizeram ali casa e igreja das melhores de Japão, e os portugueses, [f.292r.] para estarem mais seguros e guardarem melhor suas fazendas, puseram neste porto alguns tiros de artilharia que o vulgo cuidava ser dos padres da Companhia, e quando Cambacudono, no ano de 1587, os desterrou e lhes derrubou suas igrejas, tomou este porto para si, com tudo o que nele havia. E por ventura que esta ocasião procurassem os ditos religiosos recolher a nau a artilharia que pudessem por fazerem aquele bem aos portugueses dos quais recebia tantas esmolas se é verdade que a meteram na nau, e se a meteram mais é para louvar que para culpar. Nem houve em Japão outra alguma artilharia de que se pudesse tomar ocasião para se dizerem semelhantes coisas dos da Companhia, nem eles usam de semelhantes armas no ministério da conversão, de livros espirituais, de medalhas, relíquias, contas bentas e de rosários [sim] por serem armas mais a propósito para seu intento.

Memorial

E lhes disse o mesmo Cambacu que a sua lei deles não era boa, pois lhe consentia o trato da mercancia, e o que os seus bonzos que se mantinham de esmolas, não faziam, e que logo sob pena das mortes se saíssem fora de seu reino, o que eles logo fizeram indo-se fora de Facata onde o rei estava, e tomando hábito de leigos que chamam quimonos³¹ se esconderam pelas aldeias dos cristãos querendo antes ser confessores que mártires.

Resposta

Primeiramente nota aos da Companhia de mercadores, ao que se tem respondido. Alega com a pobreza dos bonzos, e já se tem mostrado quão pobres

31 No texto: 'quimões'.

são. Dá a causa do desterro dos da Companhia, e temos provado não ser esta. Finalmente vitupera mudarem os da Companhia o hábito neste desterro, e esconderem-se pelas aldeias dos cristãos e a esta última queixa se responde que mudar o hábito e esconder-se quando o tempo o pede é coisa mui usada na igreja de Deus, e que Cristo nosso Senhor ensinou por palavras e exemplo, e seus Apóstolos e muitos santos canonizados fizeram, e hoje o fazem os da Companhia em Inglaterra, conservando e aumentando os católicos em hábito de soldados com suas espadas na cinta, mas de tal maneira que sendo necessário dão as vidas por confissão da fé católica. E este modo de proceder não somente não é notado dos sumos pontífices, reis e senhores do mundo, mas mui louvado e aprovado de todos, e por esta causa Vossa Majestade sustenta, favorece e conserva os seminários de Espanha para esta obra ir adiante, e dela se recolher o fruto que vemos cada dia. Pelo que, se os da Companhia em Japão mudaram o hábito e se esconderam pelas aldeias dos cristãos, não foi por medo da morte nem de Cambacudono, mas para melhor poderem acudir aos mesmos cristãos, conservando-os na fé que receberam, consolando-os com sua doutrina, animando-os para os trabalhos que temiam e convertendo aos que de novo aqui o quisessem fazer. E demais destes proveitos, que de seu retiro se seguiram, houve outros de muita importância, a saber, não porem a perigo os senhores cristãos, os quais se em público favoreceram aos ministros do Evangelho sem dúvida se perderiam com Cambacudono que os tinha ameaçado, e se os frades fizeram o mesmo não sucedera a grande tormenta de Cambacudono contra eles e contra nossa santa fé que totalmente pretendeu desterrar de Japão. E como deste retiro que os da Companhia fizeram se seguiram tantos proveitos naquela igreja não se deve notar por culpa antes por muita prudência, e assim eles o tem por grande glória sua. E quanto ao hábito não era indecente, [f.293v.] porque eram umas largas como em Japão costumam trazer os letrados e os seus religiosos, nem era tal que por ele deixassem de ser conhecidos dos cristãos, e com isto mostraram a Cambacudono que em tudo lhe obedeciam, como não fosse contra nossa santa fé. Assim que foi melhor esconderem estes religiosos naquela ocasião, ser confessores que mártires, guardando a ocasião do martírio para outro tempo em que se visse maior glória de Deus e bem de suas almas e da cristandade daqueles reinos.

Capítulo quarto do memorial

Os padres da Companhia tinham em Japão uma grande fusta de feição de gale em que andam dumas ilhas para outras a seus negócios bem artilhada com gente, e um padre por capitão dela, ao qual a chamam o capitão da fusta.

Resposta

É verdade que naquele tempo um religioso que tinha a seu cargo visitar as casas e igrejas em que os da Companhia estavam, teve uma embarcação em que andavam por não depender de barqueiros gentios e poder com maior brevidade acudir

a todos, visitando-os e acudindo-lhes com o necessário para melhor continuarem na pregação do Evangelho. E estes, e não outros, eram os negócios que andavam nesta embarcação a que chama fusta, e porque o mar de Japão anda sempre cheio de corsários que não perdoam a vida nem a fazendo dos passageiros, bem é de crer que este religioso levaria gente consigo e algumas armas para se defenderem, e porque ele era a principal pessoa que ia nesta embarcação, lhe chamariam o capitão dela, e posto que a necessidade e o desejo de melhor acudir aos seus foi causa de a fazer, contudo, nosso geral sabendo dela, a mandou desfazer, e assim não há que reparar nesta matéria.

Capítulo quinto do memorial

Em Japão, por ordem dos padres da Companhia, casam gentios com cristãos e cristãos com gentias e os filhos que deles nascem a metade são cristãos e a metade são gentios, porque o pai cristão faz a sua parte e a mãe gentia faz os seus gentios.

Resposta

Quanto neste particular, os da Companhia fazem em Japão o tem consultado com o seu Geral e ele com as vontades de Europa e comunicado com os sumos pontífices, por cuja ordem e direção fazem tudo, e há privilégio para que possam coabitar os cristãos com gentios, porque moralmente é certo que o cristão há de ganhar o gentio para Cristo. Nem a repartição dos filhos se faz na forma que este capitão refere, ao qual não compete saber nesta matéria tanto com os ditos religiosos, por serem letrados e mais versados nestas coisas que quem se ocupa em armas como capitão e soldado.

Capítulo sexto do memorial

No Japão, passando os padres da Companhia pelas ruas, os japoneses se lhe baqueiam e deitam por terra, assim príncipes como todos os demais, fazendo-lhes grandes cortesias que eles consentem se lhes façam, foi também a causa de os lançar fora de seu reino.

Resposta

Primeiramente a cortesia que os japoneses fazem como também os chineses, e baqueando-se uns aos outros, [f.293r.] como em Europa tirando-se os sombreiros, e que o faça aqueles novos cristãos aos ministros do Evangelho que é? Antes muito para estimar e agradecer, e não somente é certo que lhe a fazem os cristãos, mas também muitos gentios, pela estima que deles fazem. E indo o beato padre Francisco Xavier visitar a El-rei de Bungo, sendo gentio, lhe fez o rei aquela mesma reverência, baqueando-se-lhe todo, e, todavia, não se pode notar em tão santo varão haver consentido nela. E se esta reverência aos sacerdotes e ministros da igreja houver sempre, não veremos os danos por nossa causa que por falta dela se tem

visto nas províncias do norte. É certo que não somente os japoneses fazem naquelas partes aos da Companhia a tanta reverência, mas também a fazem os portugueses que lá vão, os quais acompanham aos ditos religiosos muitas vezes quando vão visitar a alguns governadores ou senhores gentios, ensinando-os por exemplo a cortesia que os cristãos têm aos seus sacerdotes e pregadores, e sabemos que os descobridores das Índias, para mostrarem aos novamente convertidos o respeito que havia de ter aos ministros da igreja e pregadores do Evangelho e a reverência com que os havia de tratar, falavam de joelhos aos sacerdotes e religiosos, e assim não há para que dar em culpa aos da Companhia esta reverência que os japoneses lhe fazem, nem menos [dizer-se] que por esta causa foram lançados de Japão. Por ventura quererá dizer que Cambacudono, vendo a reverência que todos lhe tinham, temeu que lhe tomassem o reino. Mas como é de crer que um rei tão poderoso, que em tão breve tempo se fez universal senhor de todos aqueles reinos, e que por sua soberba cuidava que todos se lhe haviam de sujeitar, temesse a quatro religiosos estrangeiros que andavam em suas terras ocupados somente na pregação e promulgação da lei de Deus?

Capítulo sétimo do memorial

Soube em Japão de verdadeira certeza que os japoneses que foram a Roma e vieram a Espanha no ano de 82 foram filhos de mercadores homens honrados, e não serem filhos de reis como cá os intitulavam, e quando eles de cá foram, eu os encontrei na China vindo eu de Japão, e o padre Mesquita que veio com eles, e os tornou lá levar, me disse a mim que lhes fizesse grandes cortesias porque o santo padre e Sua Majestade lhe as fizera com grandes mercês.

Resposta

Não sei como pode dizer que soube de verdadeira certeza que os japoneses que vieram a Roma eram filhos de mercadores, porque em Japão, onde ele disse que o soube, era bem notório que Ito dom Mâncio era neto de E- rei de Fiunga, filho de uma sua filha e de um senhor primo do mesmo rei e da mesma família e casa de Ito, e por essa causa se chamava Ito dom Mâncio, e querendo El-rei Francisco de Bungo mandar dom Jerônimo, sobrinho seu, por estar ausente nas partes do Meaco e não poder vir a tempo mandou em seu nome a dom Mâncio, primo do dito dom Jerônimo, e este era primo dos quatro japoneses. O segundo se chamava Chinguio dom Migual, primo irmão de dom Protasio, rei de Arima, e sobrinho de dom Bartolomeu, senhor de Vomura, o que tudo consta do livro que fez o padre Duarte de Sande da vinda destes príncipes, impresso em Macau no ano de 1590, e somente estes dois trouxeram título de Embaixadores, e vieram por seus companheiros dom Martinho e dom Julião. E para se saber quem eles eram, bastava saber-se a nobreza dos dois embaixadores que os escolheram para companheiros de tal jornada, mas para que [f.294v.] se entenda se eram filhos de mercadores, dom Martinho tinha casada sua irmã com o irmão do mesmo senhor de Vomura, e seu irmão menor

era senhor de uma fortaleza das melhores das terras de Omura em que tinha muitos vassallos, e era dos principais parentes do mesmo senhor de Omura, e dom Julião era filho de um senhor que tinha sua fortaleza nos confins das terras de Firando e de Omura, donde se pode ver se era muita razão que fossem reverenciados e estimados por sua nobreza, e principalmente por serem as primícias que vinham de partes tão remotas dar obediência à Igreja romana em nome de tão católicos reis, como foram dom Francisco rei de Bungo e com Protasio, rei de Arima, e quando os sumos pontífices, cabeças da igreja, e el-Rei Felipe rei das Espanhas os estimaram tanto e honraram, não eram muito o capitão da nau de Japão lhe fizesse ou mesmo pelos mesmos respeitos.

Capítulo oitavo do memorial

Os padres da Companhia na Índia são ricos e têm rendas e aldeias que rendem para eles e bem podem escusar o trato da mercancia na China e Japão, antes não usando dela farão muito mais fruto na conversão das almas, e serão menos escandalosos e segundo minha sentença me parece serviço de Deus privá-los da mercancia, e deixarem ir os padres franciscanos ao Japão onde os desejam e aos demais das mais religiões.

Resposta

Quando as rendas da Companhia na Índia foram tantas, como neste capítulo aponta, e não tão tênues que escassamente bastam para os gastos ordinários que se fazem naquelas partes no sustento das casas, e religiosos que ali traz a Companhia ocupados na conversão da gentilidade, não inferia bem que para se tirar o trato da China bastava serem ricos os da Índia, porque a renda de uma província não se pode gastar com outra como nem a de um Colégio com outro, ainda que seria da mesma província, e o trato da China não é causa de haver menos conversão, como a experiência até agora tem mostrado, nem menos é causa de escândalo aos que andam naquelas partes, porque os mesmo portugueses de Macau, a quem mais tocava escandalizar-se deste trato, são os que o negociam e têm a sua conta. É bem verdade que a Companhia deseja muito que haja outro remédio para aqueles religiosos se poderem conservar, e se Vossa Majestade quisesse fazer mercê à Companhia de dar esta seda à cidade de Macau e oferecer-lhe alguns privilégios com que eles dessem aqueles religiosos em Japão com que pudessem sustentar, ou parte de doze mil cruzados que gastam cada ano e Vossa Majestade outra parte, a Companhia a aceitaria como mercê mui particular, porque por esta via se poderá conservar aquela cristandade tão grande e tão honrada e se livrará a Companhia de semelhantes queixas, e não haverá quem desta se escandalize, ainda que sem fundamento, porque em tudo pretendem acertar para maior glória e honra de Deus nosso Senhor, por cujo amor se desterram de suas terras para tão remotas aonde tanto se padece.

Nos últimos capítulos refere as pessoas que podem ser perguntadas destas coisas, e muitas delas estiveram na Índia muito depois que passaram as coisa de aqui se queixa,

e entre os que [f.300r.]³² nomeia dos antigos poderá referir o conde de Santa Cruz que era Vice rei no tempo que se assentou o que toca do trato da China e a Fernão Teles de Menezes que foi governador da Índia e mui versado nas coisas daquelas partes e a outros dos mais antigos e que poderão testificar daqueles tempos, e todos sem dúvida dirão o muito que a Companhia serve a Deus e a Vossa Majestade em todas as partes de suas conquistas e juntamente a importância, assim para o bem da conversão como para a conservação de seus estados, de que a porta de Japão e China se cerre principalmente pelas Índias ocidentais também pelas orientais enquanto não houver um senhor universal daquelas partes que favoreça muito a conversão e enquanto o não houver parecer que se deve deixar a Companhia que proceda como até agora, pois se tem visto que com este modo que guardam têm ganhado tantas almas para Deus.

32 A última página do manuscrito está localizada, na organização do arquivo, apenas após a cópia do mesmo. Daí a razão pela qual pula-se cinco fólios. A numeração apontada aqui segue, portanto, correta.

A INSERÇÃO DO JAPÃO NO TRATADO DE PARCERIA DO PACÍFICO (TPP)

Silvio Yoshiro Mizuguchi Miyazaki¹

Resumo: O Tratado de Parceria do Pacífico (TPP) é um dos mega acordos de integração econômica que está sendo negociado entre 12 nações, incluído o Japão. Este artigo analisa dados socioeconômicos e comerciais das nações componentes do tratado, e discute as reações domésticas e reações externas à participação do Japão no TPP.

Palavras-chave: TPP; integração econômica; acordos preferenciais de comércio; política comercial; geopolítica.

Abstract: The Trans-Pacific Partnership (TPP) is one of the mega agreements for economic integration has been negotiating among 12 nations, Japan included. This paper shows socio-economic, and a trade analysis from the agreement's nations members, and discuss domestic and foreign reactions with the Japan's participation in the TPP.

Keywords: TPP; economic integration; preferential trade agreements; trade policy; geopolitics.

1. Introdução

Acordos preferenciais de comércio abrangendo o comércio de produtos ou de serviços, ou que contempla ambos, aumentaram a partir de meados dos anos de 1990, sendo que atualmente existem cerca de 600 deles. Esses acordos têm sido firmados para formação de zonas de livre comércio ou de uniões aduaneiras, entre dois ou mais países. Cerca de 90 % dos acordos existentes são de zonas de livre comércio e 10 % de uniões aduaneiras (WTO: 2016).

Há também os acordos de investimento entre os países, segundo a UNCTAD (2016), há 2962 tratados bilaterais de investimento, sendo que 2322 estão em vigor, e 363 acordos internacionais de investimento e os que o inclui, sendo 293 em vigor.

1 Professor de Economia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Economia pela Fundação Getúlio Vargas (FGV); symiyazaki@usp.br.

Os tratados e acordos de parceria econômica são aqueles que incluem tanto comércio quanto investimento, assim como ajuda ao desenvolvimento, tais como os que a União Europeia tem com as antigas colônias. Existem os que podem abranger adicionalmente, além dos aspectos de comércio e investimento, a mobilidade da mão de obra e a propriedade intelectual, tais como os acordos do Japão com países do Sudeste Asiático. Portanto, são acordos entre países no aspecto econômico que abrangem não somente o fluxo de produtos e serviços, mas também de fatores de produção.

Os mega acordos de integração econômica tem sido denominados como parceria econômica, uma vez que provisões tradicionais de acesso a mercados, tais como tarifas, barreiras não tarifárias, técnicas, fitossanitárias, e não tradicionais, como serviços, compras governamentais, propriedade intelectual, meio ambiente, trabalho, empresas do governo, disputas investidor-Estado, investimento. Outra característica é dos países membros forem áreas economicamente grandes e tendo participação de países com economicamente importantes entre Estados Unidos, Japão e União Europeia.

São três os mega acordos de integração econômica que estão em fase de estudos, de negociações ou de ratificação parlamentar (AGGARWAL, 2016; COOPER, 2014): TTIP (*Transatlantic Trade and Investment Partnership*), entre os Estados Unidos e a União Europeia; o RCEP (*Regional Comprehensive Economic Partnership*): os 10 países que compõem o Asean, a China, a Coreia do Sul, o Japão, a Índia, a Austrália e a Nova Zelândia; o TPP (*Trans Pacific Partnership*), em português, Tratado da Parceria do Pacífico, que é o objeto do artigo.

A literatura brasileira concernente ao TPP é relativamente escassa, tendo sido analisado, entre outros, por AMARAL & MATTOS (2013), CARNEIRO (2014), COZENDEY & GURGEL (2016), LINS (2014), RIBEIRO (2015), SILVA (2016), THORSTENSEN & FERRAZ (2014). A influência dos Estados Unidos para a elaboração das normas do TPP e seus impactos geopolíticos, especialmente no que tange à China, é discutida por AMARAL & MATTOS (2013) e por SILVA (2016). Análises concernentes à abrangência das provisões do TPP, bem como os efeitos geopolíticos internacionais e ao Brasil são apresentadas em CARNEIRO (2014), COZENDEY & GURGEL (2016) e LINS (2014). As consequências dos mega acordos TTIP e TPP para a economia brasileira, através de simulações de redução de barreiras tarifárias e não tarifárias são analisadas por THORSTENSEN & FERRAZ (2014). Os efeitos do TPP no setor da saúde são estudados por RIBEIRO (2015).

O Japão, apesar de ser a terceira economia do mundo, de ter a maior renda per capita da Ásia, as implicações no âmbito da economia política da sua participação no TPP não tem sido objeto direto dos estudos no Brasil. Para contribuir com essa discussão, o presente artigo trata inicialmente em analisar a evolução do tratado, assim como uma caracterização dos aspectos socioeconômicos e comerciais das nações componentes do tratado, e em seguida discute as reações domésticas e reações externas à participação do Japão no TPP.

2. Evolução e caracterização do TPP

O TPP originou-se de um pequeno acordo de livre comércio. Chile, Cingapura e Nova Zelândia iniciaram negociações em 2002, com vistas a formar uma zona de livre comércio, sendo que Brunei incorpora-se às negociações em 2005. No ano seguinte, entra em vigor um acordo de livre comércio entre essas economias denominado como P4. Em 2008, os Estados Unidos anunciaram o interesse em se integrar e ampliar esse acordo, o que despertou a atenção das empresas e dos governos. Nesse mesmo ano, Austrália, Peru e Vietnã são incluídos nas conversações. No final de 2009, tem início as negociações formais para constituir o Tratado de Parceria do Pacífico, o TPP. Mais economias iniciaram suas participações nas negociações: Malásia, a partir de 2010, e o Canadá e o México a partir de 2011. O Japão foi a última economia a ingressar nas negociações, em 2013 (GAO, 2012; ELMS, 2015: 1-4). Em outubro de 2015, as negociações entre os governos são finalizadas, mas para a entrada em vigor do tratado, ainda há que se aguardar até o final de 2017 para a ratificação do tratado pelos parlamentos das nações componentes do TPP.

As nações que comporiam o TPP localizam-se em economias de diferentes sub-regiões do Pacífico: Brunei, Cingapura, Malásia e Vietnã estão no Sudeste Asiático; Austrália e Nova Zelândia na Oceania; Canadá, Estados Unidos e México na América do Norte; Chile e Peru na América do Sul e o Japão no Leste Asiático. São economias de tamanhos e graus de desenvolvimento diferentes, tal como podem ser observadas na tabela 1.

O TPP representaria 36,00 % do PIB mundial e 11,20 % da população mundial, portanto, um mercado significativo. No seu conjunto tem um PIB maior que a União Europeia e o Nafta (PALIT: 2014: 4).

Há economias dentro do bloco em que as participações do PIB no total do mundo são relativamente grandes, tal como os Estados Unidos (22,30 %) e o Japão (5,90 %) e outras que não atingem décimos percentuais como Brunei (0,02%). Há países populosos como, novamente, os Estados Unidos e o Japão, e não populosos como Brunei. Quanto ao PIB per capita, há oito economias que são consideradas nações de renda alta, três nações com renda média-alta, e uma nação com renda média-baixa² (vide tabela 1).

Essa heterogeneidade dos membros faz com que as economias serem complementares, propiciando trocas comerciais com vantagens comparativas e com ganhos econômicos aos países membros (PETRI & PLUMMER, 2016).

A abrangência de temas do TPP é bastante grande: há as provisões típicas de qualquer acordo comercial a respeito de acesso a mercados, tais como tratamento nacional e acesso a mercados, regras de origem, têxteis e vestuário, aduana e facilitação de comércio, salvaguardas, medidas fitossanitárias, barreiras técnicas, disputas comerciais;

2 Conforme classificação do World Bank (2016), nações de renda baixa são as que têm renda inferior a US\$ 1045, de renda média-baixa são as que têm renda entre US\$ 1046 e US\$ 4125, de renda média-alta são as que têm renda entre US\$ 4126 e US\$ 12735, e as de renda alta as que têm renda superiores a US\$ 12736.

há as que estão sendo discutidas no âmbito da OMC, tais como comércio de serviços, serviços financeiros, telecomunicações, comércio eletrônico, licitações públicas, propriedade intelectual. E outras que não se discutem na OMC, tais como mobilidade de executivos e questões trabalhistas, empresas do governo e monopólios, facilitação de negócios, pequenas e médias empresas, regulação, transparência, desenvolvimento e meio ambiente (PALIT, 2014). Apesar dessa amplitude, nesta seção, a análise será limitada ao comércio.

Os dados de comércio das economias do TPP são mostrados na tabela 2. Em bloco, o TPP representa 23,1 % das exportações mundiais e 27,4 % das importações mundiais. O grau de abertura comercial tem uma variância relativamente grande pelo fato da diversidade das economias que compõe o TPP. Austrália, Estados Unidos e Japão tem um grau de abertura relativamente pequeno uma vez que são economias de renda alta, portanto, uma concentração grande no setor de serviços e não mais de comércio de produtos, enquanto Brunei, Cingapura, Malásia e Vietnã são economias relativamente pequenas territorialmente e com dependência maior no comércio exterior, sendo Brunei um produtor e exportador de petróleo, Cingapura um entreposto comercial, o que resulta em grau de abertura comercial grande.

O número de acordos preferenciais de comércio de cada nação membro do TPP é mostrado na tabela 3. Pode-se observar que cada economia tem uma quantidade relativamente grande de acordos comerciais, destacando-se o Chile com 24 e Cingapura com 21 deles.

A tabela 4 mostra uma matriz apontando os acordos bilaterais de comércio entre economias do TPP. O Japão tem o maior número de acordos com 8, seguido da Austrália, Chile e Nova Zelândia, cada um com 5. Somente o Canadá não tem acordos bilaterais, entretanto integra a zona de livre comércio da NAFTA com os Estados Unidos e o México.

Além dos acordos bilaterais de comércio, as economias do TPP pertencem a instituições regionais, que propiciam a abertura comercial entre os membros, o que é mostrado na tabela 5. Todas as nações do TPP pertencem à APEC (*Asia Pacific Economic Cooperation*); Brunei, Cingapura, Malásia e Vietnã pertencem à ASEAN (*Association of Southeast Asian Nations*), Canadá, Estados Unidos e México formam a NAFTA (*North America Free Trade Area*) e os países da ASEAN, Austrália e Nova Zelândia compõem a AANFTA (*Asean-Australia-New Zealand Free Trade Area*).

A multiplicidade de acordos preferencias de comércio tem como efeito economicamente negativo o *spaguetti bowl* e aumento de custos de transação. O fenômeno do *spaguetti bowl* ocorre quando uma nação firma diferentes acordos comerciais que resultam na diversidade e emaranhado de regras de origem e regulações de comércio, o que provoca a elevação de altos custos de transação para as empresas e para os governos (BHAGWATI, GREENAWAY & PANAGARIYA, 1998).

Como pode ser analisado pelas tabelas 4 e 5, as economias componentes do TPP pertencem a diversos acordos de comércio bilaterais e regionais o que faz com que haja

altos custos de transação pelo *spaghetti bowl*. O TPP, harmonizando as cláusulas dos acordos entre os seus membros agregando num só tratado, poderia diminuir os custos de transação (MENON: 2014: 471-472; PETRI & PLUMER, 2016: 5).

O que desperta atenção no TPP é a sua abrangência uma vez que este acordo, sendo uma parceria econômica, inclui o comércio de bens, com regras de acesso a mercados, tais como tratamento nacional e acesso a mercados, regras de origem, têxteis e vestuário, aduana e facilitação de comércio, salvaguardas, medidas fitossanitárias, barreiras técnicas, disputas comerciais, mas também o comércio de serviços, tais como serviços financeiros, telecomunicações, comércio eletrônico, licitações públicas e propriedade intelectual. Além disso, no TPP estão contempladas as regras relativas à mobilidade de executivos e questões trabalhistas, monopólios governamentais, facilitação de negócios, pequenas e médias empresas, investimento (PALIT: 2014: 5).

3. O Japão no TPP

Em 2010 houve o anúncio pelo Japão em seu interesse em participar do TPP, sendo que em 2013 aderiu formalmente as negociações.

Segundo COOPER & MANYIN (2013: 1-2), “Como a segunda maior economia da Ásia, a terceira maior economia do mundo, e um elo fundamental nas cadeias de suprimentos e produtivas, a participação do Japão no TPP seria essencial para melhorar a credibilidade e a viabilidade do TPP como um arranjo regional de livre comércio”. Ademais, o ingresso do Japão no TPP na prática é a formação de uma área preferencial de comércio com os Estados Unidos.

A participação do Japão no TPP propiciaria o acesso sem precedentes ao mercado japonês para exportadores e investidores estrangeiros. Forçaria o governo japonês a enfrentar os problemas econômicos estruturais que tem impedido o seu crescimento econômico por longo tempo, de forma que seria uma oportunidade para possíveis reformas econômicas domésticas estruturais para reavivar a economia do país. Também simbolizaria a posição do Japão como uma potência econômica no Leste Asiático, ofuscada pelas décadas de estagnação econômica e pelo crescimento da China (COOPER & MANYIN, 2013: 2; NCAF: 57).

3.1 Reações domésticas ao TPP

Domesticamente ao Japão, houve grupos pró e contra as negociações ao TPP. Se de um lado o grande empresariado industrial e comercial estava apoiando, de outro lado o setor agrícola era contra a entrada do Japão ao TPP. Também havia internamente ao governo japonês, órgãos que avaliavam positivamente e outros negativamente os efeitos do TPP ao Japão.

A comunidade de negócios representada pelo *Keidanren* (Federação das Organizações Econômicas do Japão) e pela Câmara Japonesa de Comércio e Indústria,

além do Ministério da Economia, Comércio Internacional e Indústria e o Gabinete do Primeiro Ministro apoiaram o ingresso do Japão nas negociações do TPP. Esse apoio foi essencial para poder moldar o tratado de acordo com os interesses das empresas japonesas no que se refere, por exemplo, as regras de origem e de propriedade intelectual (TERADA, 2012: 2; JAMITZKY, 2015: 9).

Um exemplo de apoio foi a promoção de mais de sessenta seminários informativos sobre o TPP realizados pela Câmara Japonesa de Comércio e Indústria aos seus membros e ao público em geral (JAMITZKY, 2015: 9).

Os grupos oponentes à entrada do Japão ao TPP eram principalmente os relacionados ao setor agrícola, inclusive dentro do governo japonês pelo Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca. O setor agrícola tem sido largamente protegido por uma série de medidas tarifárias, com altas tarifas, principalmente ao arroz, e barreiras não tarifárias. A agricultura japonesa é centrada na rizicultura, cujo cultivo é realizado em pequenas propriedades (ARITA, DYCK, MARQUARDT, 2015; ARITA & DYCK, 2014: 5-6, 8; TERADA, 2012: 3).

Com o ingresso no TPP, o Japão teria que reduzir o protecionismo no setor pela eliminação de tarifas e tarifas-quotas na agricultura, causando competição externa frente aos produtos agrícolas domésticos, com o aumento das importações dos seus países membros, e, conseqüentemente, menos ganhos aos proprietários de terras (ARITA & DYCK, 2014: 5-6, 8). Com o TPP, o Japão deverá abolir tarifas em 81 % dos seus produtos agrícolas, florestais e marítimos (NISHIKAWA, 2016). O *Zenchû* (Sindicato Central das Cooperativas Agrícolas) e o Ministério da Agricultura, Floresta e Pesca do Japão se opuseram ao ingresso do país nas negociações do TPP (TERADA, 2012: 3).

A título de ilustração no que se refere a produtos agrícolas, o tratado prevê que as tarifas japonesas para carne bovina in natura ou congelada seja diminuída de 38,5 % para 9 % *ad valorem* no prazo de 16 anos, para carne suína a diminuição da tarifa de 4,3 % para 2,2 % *ad valorem* no prazo de 9 anos, a eliminação de tarifas para produtos derivados de açúcar e adoçante, como doces, chocolates, produtos de confeitaria, a eliminação de tarifas para cigarros e charutos no prazo de 11 anos (FERGUSON, McMINIMY; WILLIAMS, 2015: 4-5). Tarifas menores ou eliminadas significariam maior competição aos produtores agrícolas japoneses.

A adesão do Japão ao TPP é considerada como parte da reforma da estrutura econômica que o governo japonês está implantando através da política econômica denominada *Abenomics* (PEMPEL, 2015: 363-369; ROGOWSKY & HOLICK, 2014). Com o ingresso no TPP, o Japão faria uma liberalização numa escala maior do que em outros acordos comerciais anteriormente firmados, resultando numa maior competição aos setores econômicos japoneses o que proporcionaria maior eficiência e preços menores aos consumidores japoneses (SUGAWARA, 18: 2015).

3.2 Reações externas ao TPP

A decisão do Japão em ingressar nas negociações do TPP tornou-se um evento que modificou a corrida por acordos preferenciais de comércio no Pacífico Asiático (SOHN, 2015: 357).

Após o Japão ter anunciado o interesse em participar do TPP, a China e a Coreia do Sul começaram a acelerar as negociações de acordos de preferências comerciais com outros países (TERADA, 2012: 1).

O ingresso do Japão no TPP reequilibraria as forças geopolíticas na região do pacífico asiático, uma vez que a China persegue seus próprios arranjos econômicos bilaterais e multilaterais, que pode moldar a arquitetura econômica da Ásia. A inclusão do Japão, como a segunda maior economia e a mais rica economicamente em renda per capita na Ásia, no TPP transformaria visões alternativas de regras regionais de comércio. Adicionalmente, a participação do Japão e dos Estados Unidos numa mesma área de livre comércio poderia ser visto como um meio de reafirmar a sua aliança (COOPER & MANYIN, 2013: 12 e 13).

Desse modo, os Estados Unidos seriam um dos países que teriam resultados positivos nos seus interesses geoestratégicos pelo ingresso do Japão no TPP, pois além de reequilibrar as influências das nações no Pacífico Asiático, seria um reforço no engajamento norte-americano na região (PEMPEL, 2015:367; TERADA, 2012: 1).

4. Conclusão

O Japão foi a última nação a ingressar nas negociações do TPP, Tratado da Parceria do Pacífico, em 2103. Entre os países membros que estão negociando o tratado, o Japão é o a segunda maior economia e também a segunda nação mais populosa. Em termos de comércio, tanto exportações quanto importações, o Japão também figura como a segunda. A adesão do Japão ao TPP tornou o acordo maior economicamente.

Em relação aos acordos bilaterais de comércio, o Japão tem o maior número entre os membros do TPP de forma que quando da implantação do acordo, os custos de transação tanto para as empresas quanto para o governo devem diminuir.

O efeito do TPP para a economia japonesa deve ser positivo, uma vez que haverá pressão por reformas econômicas estruturais, que são necessárias para retomar o crescimento econômico do país. Pode propiciar maior eficiência a alguns setores econômicos, tal como a agrícola, com a maior concorrência internacional, por uma possível diminuição de preços de produtos aos consumidores pela redução ou abolição de tarifas às mercadorias importadas de países membros do tratado.

Considerações geopolíticas são de que o TPP pode contribuir para uma nova aliança entre o Japão e os Estados Unidos para diminuir a influência e o protagonismo da China na região do Pacífico.

Referências Bibliográficas

- AGGARWAL, Vinod K. Mega-FTAs and the Trade-Security Nexus: The Trans-Pacific Partnership (TPP) and the Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP). **Asia Pacific Issues**, Honolulu, n. 123, pp. 1-8, mar. 2016.
- AMARAL, Gabriela Granço do & MATTOS, Thais Caroline Lacerda. A Parceria Trans-Pacífico como uma estratégia de contenção da China. **Aurora**, Marília, v. 7, n. 1, pp. 111-134, jul.-dez. 2013.
- ARITA, Shawn S. & DYCK, John. **Vietnam's Agri-Food Sector and the Trans-Pacific Partnership**, EIB-130, Washington, U.S. Department of Agriculture, Economic Research Service, out. 2014.
- ARITA, Shawn; John DYCK & David MARQUARDT (2015). Japan, Vietnam, and the Asian Model of Agricultural Development and Trade. **Amber Waves**, Washington, n. 1. fev. 2015.
- BHAGWATI, Jagdish, David GREENAWAY and Arvind PANAGARIYA. Trading preferentially: theory and policy. **The Economic Journal**, Oxford, v. 108, n. 449, pp. 1128-1148, jul. 1998.
- CARNEIRO, Flavio Lyrio. A Parceria Transpacífica: principais características e impactos sobre a regulação do comércio mundial. **Boletim de Economia e Política Internacional**, Brasília, n. 18, pp. 59-72, set.-dez., 2014.
- COZENDEY, Carlos Márcio Bicalho & GURGEL, Ivana Marília. A Parceria Transpacífico e suas consequências para o Brasil: uma aproximação preliminar. **Cadernos de Política Exterior**, Brasília, ano II, v. 3, pp. 141-157, 1º semestre, 2016.
- COOPER, William H. Free Trade Agreements: Impact on U.S. Trade and Implications for U.S. Trade Policy. **Current Politics and Economics of the United States**, Canada and Mexico, New York, v. 16, n. 3, pp. 425-445, jul.-set. 2014.
- COOPER, William H. & MANYIN, Mark E. (2013). **Japan Joins the Trans-Pacific Partnership: What Are the Implications?** CRS Report for Congress R42676. Washington: Library of Congress, Congressional Research Service, 2013.
- ELMS, Deborah K..The Origins and Evolution of the Trans-Pacific Partnership (TPP) Trade Negotiations. **Asian Trade Centre Working Paper. Singapore**, jan. 2015.
- FERGUSON, Ian F.; McMINIMY, Mark A. ; WILLIAMS, Brock R. **The Trans-Pacific Partnership (TPP)**: In Brief. CRS Report for Congress R42678. Washington: Library of Congress, Congressional Research Service, 2015.
- GAO, Henry. From the P4 to the TPP transplantation or transformation? In: LIM, C.L., Deborah K. ELMS and Patrick LOW (orgs.).**The Trans-Pacific Partnership a quest for a twenty-first century trade agreement**. New York: Cambridge University Press, 2012. Chapter 4, pp. 64-81.
- JAMITZKY, Ulli. Diffusion of Japanese preferential trade agreements: Why is no evaluation underway? **The Japanese Political Economy**. Philadelphia, v. 41, n. 1-2, pp. 1-13, 2015.
- LINS, Hoyêdo Nunes. Novas geometrias no capitalismo global: a Parceria Trans-Pacífico. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 36, n.2, pp. 623-653, jul.-dez. 2014.
- MENON, Jayant. From Spaghetti Bowl to Jigsaw Puzzle? Fixing the Mess in Regional and Global

- Trade. **Asia & the Pacific Policy Studies**, Canberra, v. 1, n. 3, pp. 470-483, set. 2014.
- NCAF (National Committee on American Foreign Policy). Priorities in Trade Policy – The Trans-Pacific Partnership Agreement. **American Foreign Policy Interests**, New York, v. 37, n. 1, pp. 57-58, abr. 2015.
- NISHIKAWA, Kunio. Free Trade and the Future of Japan’s Agricultural Policy. **Asia Pacific Bulletin**, Washington, n. 342, 2016.
- PALIT, Amitendu. The Trans-Pacific Partnership: identifying the implications. **Asia Pacific World**, Beppu, v. 5, n. 2, pp. 4-11, Autumn, 2014.
- PETRI, Peter A. & PLUMMER, Michael G. **The Economic Effects of the Trans-Pacific Partnership: New Estimates**. Working Paper Series WP 16 – 2. Washington: Peterson Institute for International Economics, 2016.
- PEMPEL, T. J. Back to the Future ? Japan’s Search for a Meaningful New Role in the Emerging Regional Order. **Asian Perspective**, Boulder, v. 39, n. 3, pp. 361-380, jul.-set. 2015.
- RIBEIRO, Helena. Free-trade agreements: challenges for global health. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, n. 52, pp. 1-4, ago. 2015.
- ROGOWSKY, Robert A. & HOLICK, Gary. **TPP and the Political Economy of U.S.-Japan Trade Negotiations**. Washington: Wilson Center, 2014.
- SCHOTT, Jeffrey J. The United States, Japan, and The Trans-Pacific Partnership. In: Peterson Institute for International Economics. **Lessons from Decades Lost: Economic Challenges and Opportunities Facing Japan and the United States**. Washington: Peterson Institute for International Economics, 2014: pp. 56 – 65.
- SILVA, Daniel Martins. **A expansão para o Oeste: a Parceria Transpacificica sob a perspectiva dos Estados Unidos**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. PUC-SP, UNESP e Unicamp. 2016.
- SOHN, Yul. The “Abe Effect” in Northeast Asia: The Interplay of Security, Economy, and Identity. **Asian Perspective**, Boulder, v. 39, n. 3, pp. 357-360, jul.-set. 2015.
- SUGAWARA, Junichi. Trans-Pacific Partnership and Japan’s Trade Policy. **Social Science Japan**, Tokyo, v. 52, pp. 17 – 20. mar. 2015.
- TERADA, Takashi. **Japan and the Trans-Pacific Partnership**. Washington: SPFUSA, 2012.
- THORSTENSEN, Vera & FERRAZ, Lucas (coord.) (2014). **The impacts of TTIP and TPP on Brazil**. São Paulo: EESP-FGV Centro do Comércio Global e Investimento, 2014.
- UNCTAD. International Investment Agreements Navigator. Disponível em: <<http://investmentpolicyhub.unctad.org/IIA>>. Acesso em: 14 jan. 2016.
- WORLD BANK. New Country Classifications. Disponível em: <<http://blogs.worldbank.org/opendata/new-country-classifications>>. Acesso em: 14 de jan. 2016.
- WTO. Regional Trade Agreements: facts and figures. Disponível em: <https://www.wto.org/english/tratop_e/region_e/region_e.htm>. Acesso em: 14 jan. 2016.

ANEXOS

TABELA 1 - Dados socioeconômicos: PIB, PIB per capita e população em 2014

Economia	PIB em 2014 (preços correntes em US\$ bilhões)	PIB/ PIB mundo	PIB per capita em 2014 (preços correntes em US\$)	População (mil)	População/ População total
Austrália	1455	1,90%	61980	23470	0,30%
Brunei	17	0,02%	40980	417	0,01%
Canadá	1785	2,30%	50231	35544	0,50%
Chile	258	0,30%	14528	17763	0,20%
Cingapura	308	0,40%	56284	5470	0,10%
Estados Unidos	17419	22,30%	54629	318857	4,40%
Japão	4601	5,90%	36194	127132	1,80%
Malásia	338	0,40%	11307	29902	0,40%
México	1295	1,70%	10326	125386	1,70%
Nova Zelândia	200	0,30%	44342	4510	0,10%
Peru	203	0,30%	6541	30973	0,40%
Vietnã	186	0,20%	2052	90729	1,20%
TPP	28065	36,00%	32450	810152	11,20%
Mundo	77961		10739	7259692	

Fonte: *World Bank. World Development Indicators database.*

Observação: tabela elaborada pelo autor.

TABELA 2 - Comércio: abertura, exportações e importações em 2014

Economia	Abertura comercial (Corrente de Comércio/ PIB país)	Exportações (US\$ bilhões)	Exportações/ Exportações mundiais	Importações (US\$ bilhões)	Importações/ Importações mundiais
Austrália	42,3%	241	1,3%	237	1,2%
Brunei	106,64%	11	0,1%	4	0,1%
Canadá	64,14%	475	2,5%	480	2,5%
Chile	66,07%	76	0,4%	72	0,4%
Cingapura	350,85%	410	2,2%	366	1,9%
Estados Unidos	29,93%	1621	8,5%	2413	12,6%
Japão	38,55%	690	3,6%	812	4,3%
Malásia	138,46%	234	1,2%	209	1,1%
México	65,86%	397	2,1%	412	2,2%
Nova Zelândia	56,56%	42	0,2%	43	0,2%
Peru	46,32%	40	0,2%	42	0,2%
Vietnã	169,53%	150	0,8%	148	0,8%
TPP		4385	23,1%	5237	27,4%
Mundo					59,21%
					18995
					19104

Fonte: *WTO Statistics Database*.

Observação: tabela elaborada pelo autor.

TABELA 3 - Número de acordos preferenciais de comércio

Economia	Número de acordos preferenciais de comércio
Austrália	12
Brunei	8
Canadá	11
Chile	24
Cingapura	21
Estados Unidos	14
Japão	14
Malásia	12
México	11
Nova Zelândia	11
Peru	14
Vietnã	9

Fonte: *WTO Regional Trade Agreements Information System*

Observação: tabela elaborada pelo autor.

TABELA 4 - Acordos bilaterais de comércio entre economias do TPP

	Austrália	Brunei	Canadá	Chile	Cingapura	Estados Unidos	Japão	Malásia	México	Nova Zelândia	Peru	Vietnã
Austrália				X	X	X	X			X		
Brunei							X			X		
Canadá												
Chile	X					X	X			X	X	
Cingapura	X						X			X		
Estados Unidos	X			X								
Japão	X	X		X	X			X	X		X	X
Malásia							X			X		
México							X					
Nova Zelândia	X	X		X	X			X				
Peru				X			X					
Vietnã							X					

Fonte: *WTO Regional Trade Agreements Information System*

Observação: tabela elaborada pelo autor.

TABELA 5 - Economias do TPP pertencentes a instituições regionais

	APEC	ASEAN	NAFTA	AANZFTA
Austrália	X			X
Brunei	X	X		X
Canadá	X		X	
Chile	X			
Cingapura	X	X		X
Estados Unidos	X		X	
Japão	X			
Malásia	X	X		X
México	X		X	
Nova Zelândia	X			X
Peru	X			
Vietnã	X	X		X

Fonte: *WTO Regional Trade Agreements Information System*

Observação: tabela elaborada pelo autor.

NARRATIVAS DE GENJI NO PERÍODO MEIJI (1868-1912) **– DO PONTO DE VISTA DA RELAÇÃO LITERATURA E ESTADO¹**

Rei Kufukihara²

Resumo: Apresentamos três trabalhos de literatos da Era Meiji relativos à obra *Narrativas de Genji* do séc. XI. O primeiro, de um jovem diplomata que se estabeleceu na Inglaterra com o objetivo de com ela evidenciar a elevada cultura japonesa naquele país. O segundo, um romance de Ichiyo Higuchi que sofreu influências de *Genji* no que diz respeito a uma jovem que é vendida pelos seus pais para prostituição. O nome de sua obra diz respeito à impossibilidade de o Estado japonês lidar com as pessoas comuns e as crianças. E o último, um poema de Akiko Yosano que contesta a guerra Russo-Japonesa. Enquanto Akiko é receptiva aos diversos sentimentos humanos presentes em *Genji*, julgando-os mais importantes do que o país, e critica o Imperador Meiji, como seu comandante supremo, Ichiyo não se lamenta por tais contradições, mas foca na experiência e no pensamento da personagem principal perante a vida. Para ambas, *Narrativas de Genji* representa um trabalho encorajador para o reconhecimento da realidade, deixando de ser simplesmente uma obra literária clássica.

Palavras-chave: *Narrativas de Genji*; Era Meiji; propriedades da literatura clássica; a nação-estado japonesa; reconhecimento da realidade.

Abstract: We pick up three people's works from Meiji era concerned with The Tale of Genji, written in the 11th century. The first one, a translation of The Tale of Genji done by a young diplomat established in the UK in order to show to the great powers of that country how much the Japanese culture was a high-level one. The next one, a novel by Ichiyo Higuchi, influenced by The Tale of Genji, is about a young girl who is sold by her own parents to prostitution. The novel's name refers to the impossibility of the Japanese nation-state to deal with common people and children. The last one, a poem by Akiko Yosano cries out against the Russo-Japanese war. The reason why is that Akiko accepted various human feelings that appear in The Tale of Genji:

1 O presente trabalho foi publicado na Revista *Setsurin* 65. Associação de Literatura Nacional da Aichi Prefectural University, março de 2017 (ISSN 0586-8017) tendo por base a palestra de 19/10/17 no Simpósio Internacional “*Natsume Sôseki, época, sociedade e obras literárias*”, no CEJAP – USP, como Professora Visitante de 2016 enviada pela Fundação Japão para o Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa da USP quando ministrei a disciplina *Narrativas de Genji – estrutura e principais temas*. Agradeço profundamente aos organizadores e colaboradores do evento em que explanei também sobre o autor, mas que não se encontra inserido neste texto.

2 Professora Doutora do Departamento de Cultura Japonesa, Aichi Prefectural University; r.kufuki@gmail.com.

delight, sadness and heartbreaking. For Akiko, such human feelings are more important than the war by the nation-state. So she criticizes even the Emperor Meiji as the top of the command hierarchy. Ichiyo does not cry against the contradiction of Japanese state and makes it clearly by writing the heroin's behavior and mentality in a lively way. For these two women, Ichiyo and Akiko, *The Tale of Genji* is not only the classical literature, but works as the encouraging recognition of reality.

Keywords: The Tale of Genji; Meiji era; a faculty of classical literature; Japanese nation-state; a recognition of reality.

1. Introdução

Teceremos reflexões sobre determinadas circunstâncias em torno da obra *Narrativas de Genji* no período Meiji (1868-1912) e seus significados na Literatura e na sociedade japonesas, a partir do ponto de vista da “Literatura e Estado”. Há

Primeiramente, deter-nos-emos, em especial, em três fatos relacionados à “Literatura e Estado” conforme assinalados abaixo:

- ① 1882 (Meiji 15) primeira tradução de *Genji Monogatari* (*Narrativas de Genji*) no mundo, em inglês.
- ② 1895 (Meiji 28) publicação de *Takekurabe* (*Comparando estaturas*) da escritora Higuchi Ichiyô.
- ③ 1904 (Meiji 37) início da disciplina acerca de *Narrativas de Genji* ministrada pela escritora Yosano Akiko.

O item ① diz respeito à primeira tradução de *Narrativas de Genji* em inglês publicada em 1882. Essa tradução anunciava ao poderoso mundo europeu e estadunidense que o Japão era dotado de uma elevada cultura enquanto Estado moderno. O item ② diz respeito à publicação de *Comparando estaturas* em 1895, pela escritora Higuchi Ichiyô (1872-1896) que criou uma obra nova a partir de uma leitura atenta de *Narrativas de Genji*, fazendo uso da psicologia das personagens e dos desenvolvimentos dessa narrativa. Contrapondo-se a ①, a autora foca na vida do povo japonês, sobretudo na protagonista que ocupa o estrato mais baixo da sociedade da época e, descrevendo as figuras humanas que estão ao seu redor, revela como é a vida do povo e a situação dessa sociedade num Estado moderno japonês. Por fim, o item ③ trata do início da Disciplina sobre *Narrativas de Genji* ministrada pela escritora Yosano Akiko (1878-1942) em 1904, o que irá frutificar na versão em língua japonesa moderna de *Narrativas de Genji* e contribuir significativamente para a sua disseminação entre o público em geral. É digno de nota que nesse mesmo ano, Akiko publica o poema que se opunha à guerra Russo-Japonesa intitulada *Kimi shinitamô koto nakare* (*Tu não precisas morrer*). *Midaregami*

(*Cabelos revoltos*), sua coletânea de poemas, enaltece a “vida” e o “sexo com amor” e esse seu espírito ia de encontro ao “Estado” enquanto cerceador da natureza do ser humano e por fim, transforma-se numa voz crítica e direta ao Imperador.

Essas três obras ligadas às *Narrativas de Genji* possuem, cada qual, características e função distintas, mas são fatos interligados entre si e que como uma engrenagem, projetam de modo profundo e perspicaz o período denominado Meiji e suas transformações. Isto é, ① refere-se à ação de um jovem diplomata do Estado no início do referido período, ardente na missão de disseminar o elevado valor da cultura japonesa no exterior. Quanto ao ②, diz respeito à uma jovem protagonista destinada a se tornar cortesã na zona de prazeres de Yoshiwara, em Tokyo, revelando o sistema do Estado que é constituído por uma lógica masculina. Em relação ao ③ sobre o poema de Akiko contra a guerra, trata-se de um protesto em relação aos homens que também se mantêm presos ao sistema do Estado sem condições de se rebelarem por terem suas vidas ameaçadas. É possível, assim, traçar o mapeamento de um apelo ao mundo no período Meiji. No início do período, pela a posição de um jovem diplomata; nos meados, uma descrição do sistema estatal para as mulheres que, como classe mais frágil, não possuía a menor ideia sobre os direitos humanos e no final dele, uma figura feminina enfrentando, por meio da literatura, o Estado japonês que usa os homens para a guerra sem que eles tenham outra alternativa. Nesse esquema, é possível ver que o ponto de vista da Literatura avança do nível do Estado para o nível do povo e que eles são difundidos pela posição ocupada pela mulher.

2. *Narrativas de Genji* na Era Meiji – Visão por meio da cronologia.

Entre 1867 (Ano 3 da Era Keiô), quando o Imperador Meiji sobe ao trono, até a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, há três aspectos dignos de nota em relação à “Literatura e Estado”, os quais estão assinalados com um □ abaixo:

Cronologia

1867 (Keiô 3)	Subida ao trono do Imperador Meiji.
1868 (Meiji 1)	Novo Governo; anúncio a todos os países estrangeiros sobre a Restauração do Governo Imperial.
1876 (Meiji 9)	Kondô Yoshiki (1801-1880): <i>Cerne de Narrativas de Genji</i> – visão histórica imperial pela educação feminina.
① 1882 (Meiji 15)	Suematsu Kenchô (1855-1920) outorga a primeira tradução para o inglês. 17 volumes

1889 (Meiji 22) Promulgação da Constituição do Grande Império do Japão

1890 (Meiji 23) Promulgação das Diretrizes Imperiais para a Educação.

Mikami Sanji (1865-1939) e Takatsu Kuwasaburô (1864–1921): *História da Literatura Japonesa* (visão histórica de um império).

Revista Fujo (Senhoras). (*Narrativas de Genji* é uma obra centrada no Imperador)

1894 (Meiji 27) Guerra Sino-Japonesa

② 1895 (Meiji 28) Higuchi Ichiyô: *Comparando estaturas e Nigorie (Desenho turvo)*

1897 (Meiji 29) morte de Higuchi Ichiyô

1900 (Meiji 33) Fujioka Sakutarô (1870-1910) inicia a Disciplina *História Geral da Literatura Nacional – Volume Corte de Heian* (Universidade Imperial de Tokyo)

★1904 (Meiji 37) Guerra Russo-Japonesa (setembro: *Tu não precisas morrer*)

③ Yosano Akiko inicia a Disciplina *Narrativas de Genji* (Associação Shinshi)

1905 (Meiji 38) Natsume Sôseki publica *Eu sou um gato*

③1907 (Meiji 40) Yosano Akiko inicia a Disciplina *Narrativas de Genji* (em sua residência)

1908 (Meiji 41) Sôseki publica *Sanshirô*

1911 (Meiji 44) Julgamento do Atentado ao Imperador - condenação à morte de Kôtoku Shûsui (1871-1911) e outros

1912 (Meiji 45) Akiko publica *Nova tradução de Narrativas de Genji* (até 1913)

1916 (Taishô 5) Morte de Sôseki (dezembro, 50 anos de idade)

1925 (Taishô 14) Arthur Waley (1889-1966) traduz *Narrativas de Genji* para o inglês

Promulgação da Lei de Preservação da Paz e Segurança

1936 (Taishô 11) Tentativa frustrada de Golpe de Estado por jovens oficiais em 26 de fevereiro de 1936.

③1938 (Shôwa 13) Akiko publica *Novíssima tradução de Narrativas de Genji – outra tradução em língua japonesa moderna* (até 1939)

1941 (Shôwa 16) Deflagração da Guerra do Oceano Pacífico

1943 (Shôwa 18) Tanizaki Jun'ichirô (1886-1965) começa a publicar *As irmãs Makioka* na revista *Chûô Kôron* e fica proibido de continuar a publicação

1945 (Shôwa 20) Japão, derrota na Guerra.

3. A primeira tradução de *Narrativas de Genji* foi feita para o inglês em 1882 (Meiji 15) por um japonês em Londres.

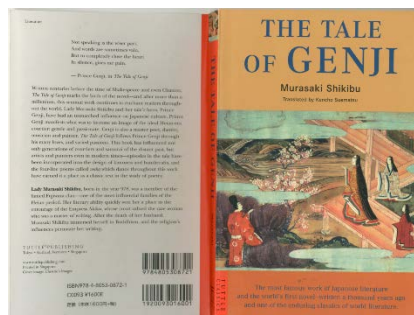


Figura A – Capa da tradução em inglês Suematsu Kenchô pela Tuttle Publishing, 1974.

(1) Quem foi Suematsu Kenchô

O tradutor Suematsu objetivava anunciar a cultura japonesa no exterior. Suematsu foi descoberto por Itô Hirofumi (1841-1909), o primeiro Premiê japonês, e tornou-se um dos sustentáculos do primeiro ao quarto Gabinete de Itô, principalmente como Ministro de Estado e contraiu matrimônio com sua segunda filha. A partir de seu histórico resumido, veremos quais foram as circunstâncias para a tradução de *Narrativas de Genji* por Suematsu.

O motivo principal que o levou à tradução de *Narrativas de Genji* foi o reconhecimento de sua competência com a língua inglesa como jornalista, e de ter sido enviado a Londres como diplomata em 1878. Suematsu ingressou na Universidade de Cambridge em 1880, formou-se Bacharel em Direito em 1884 e nesse ínterim outorga a tradução para o inglês de *Narrativas de Genji*. Três anos antes, ele apresentou *Registro do ressurgimento de Yoshitsune*³, tese que defendia que “Yoshitsune = Genghis Khan” e, entre outras coisas, traduziu poemas ingleses para o japonês, retornando ao Japão em 1886 durante o primeiro mandato do Gabinete de Itô.

Dessa forma, o primeiro objetivo de Suematsu era obter o título de bacharel em Direito pela Universidade de Cambridge, o que serviu de alicerce para atuar como diplomata ou funcionário do alto escalão do governo, mas ele também possuía grande interesse pela literatura e pela cultura tradicional do Japão e ao voltar para o Japão, também contribuiu para a melhoria das artes dramáticas juntamente com Fukuchi Gen'ichirô (1841-1906) e Toyama Masakazu (1848-1900). E pelo desejo de Itô Hirofumi também tornou realidade a participação do Imperador Meiji nas apresentações do teatro Cabúqui (*tenran kabuki*).

A partir desses fatos é possível observar que suas atuações no âmbito literário e cultural eram surpreendentes, mas depois de se tornar Mestre em Direito em 1888 e casar-se com Seiko, a segunda filha de Itô Hiromi em 1889, assume uma posição importante como oficial do governo. Tudo vai de vento em popa na sua vida pública e privada e como mostraremos a seguir, é o sustentáculo de Itô como funcionário e como ministro até o quarto mandato de Itô.

Em 1892, assume como Secretário do Departamento de Direito na formação do segundo mandato do Premiê Itô, em seguida, torna-se membro do Câmara dos Nobres, e no terceiro e quarto mandato de Itô atua como Ministro. (No terceiro, como Ministro das Comunicações e no quarto, como Ministro do Interior, respectivamente em 1898 e 1900)

Entretanto, além de seu trabalho como funcionário do governo ou como Ministro, algo digno de nota é que em 1904 quando eclode a guerra Russo-Japonesa, ele promove uma atividade de divulgação na Inglaterra a mando de Itô para formar uma opinião pública favorável ao Japão. E, depois da vitória japonesa na guerra contra a Rússia,

3 N.T.: Diz respeito a Minamoto Yoshitsune (1159-1189), general que levou o clã Taira à derrocada em 1185, na batalha decisiva na baía de Dan'noura, Província de Yamaguchi.

retorna ao Japão em 1906 (Meiji 39). Tendo reconhecido seu mérito no exterior torna-se Conselheiro dos Assuntos Privativos e no ano seguinte, torna-se membro da Associação dos Escolásticos do Império.

Desde que retornou ao Japão até a sua morte em 1920, publicou vários livros de história relacionados à Restauração Meiji e de suas pesquisas sobre Direito Romano.

(2) Objetivo e significado da primeira tradução para o inglês de *Narrativas de Genji* por Suematsu Kenchô

O primeiro e maior objetivo da tradução inglesa de *Narrativas de Genji* era dar a conhecer no exterior que o Japão possuía uma cultura elevada desde os tempos antigos, e a tradução coincide com o período do Salão Rokumei⁴.

O chamado período do Salão Rokumei diz respeito à segunda metade dos anos 10 de Meiji ou seja, por volta de 1882 a 1887, em que se procurou ampliar o europeísmo, por meio de festas e bailes realizados no Salão Rokumei com altos funcionários do Governo e os nobres, da parte do Japão, e as comitivas diplomáticas vindas da Europa e Estados Unidos. Esses eventos tinham o objetivo de avançar as negociações de modo favorável ao Japão para a mudança no acordo injusto firmado em 1882 (Meiji 15). É possível observar a ligação desse fato com a tradução inglesa de *Narrativas de Genji* em 1882. Enquanto no Japão eram realizadas as atividades no Salão Rokumei, no exterior, Suematsu Kenchô apresenta a obra como expressão da elevada cultura japonesa.

Como mencionado, Suematsu vai à Inglaterra para realizar atividades de propaganda sob ordem do então Primeiro Ministro Itô Hirofumi, quando eclode a guerra Russo-Japonesa, de modo que a tradução inglesa de *Genji* também se fundamentava numa base política.

(3) A primeira tradução inglesa de *Narrativas de Genji* foi outorgada à Família Tokugawa e não ao Imperador (KAWAKATSU, 2008).

① A restauração do poder Imperial do governo de Meiji tinha por ideal a obra *Man'yôshû* (*Miríade de folhas*) e não *Narrativas de Genji*.

Narrativas de Genji não foi outorgada ao Imperador porque apesar de ser uma obra que manifesta o teor elevado da cultura palaciana, o Período Heian (séc. X-XII) foi

4 N.T.: O Salão Rokumei foi uma proposta do político Inoue Kaoru (1836-1915) que atuou no mundo financeiro e diplomático do governo Meiji. Foi projetado por Josiah Conder (1852-1920) arquiteto inglês que foi ao Japão a convite do governo japonês em 1877 para formar arquitetos japoneses e contribuiu para o desenvolvimento da arquitetura moderna japonesa com projetos importantes do início de Meiji. Em estilo ocidental de dois pavimentos, o salão foi edificado no distrito de Chiyoda, região central de Tokyo e tornou-se símbolo do enaltecimento da cultura ocidental-europeia. Após críticas em relação à essa exacerbação, tornou-se um edifício da aristocracia japonesa a partir de 1889.

a época do governo de Tutores e Conselheiros da família Fujiwara e não foi governada pelos Imperadores ou Príncipes Regentes. O Imperador Meiji trocou o chapéu e as vestes formais aristocratas pela farda militar, “resgatando” um passado localizado no período mitológico dos imperadores anterior ao Período Nara (séc. VIII-X), de modo que a cultura palaciana refinada de *Narrativas de Genji* não condizia com a imagem de Estado do povo.

Por isso, o Governo Meiji elevou *Miriade de folhas* à expressão da imagem do Imperador que reunia e governava diretamente o povo japonês moderno. Nesse sentido, essa obra literária foi importante e ideal, atuando como elo inquestionável com o Imperador, enquanto dirigente do Estado japonês (SHINADA, 2001).

② O duplo sentido de *Narrativas de Genji* no Governo Meiji.

Sem sombra de dúvidas, *Narrativas de Genji* é uma obra digna de orgulho perante o mundo, mas ao mesmo tempo, descreve a sociedade aristocrática “devassa” das relações amorosas e adúlteras entre homens e mulheres. Consequentemente, seu apelo para o exterior como orgulho da cultura japonesa permanece, mas, internamente, distancia-se do ideal almejado pelo Estado Meiji. Assim, dentro do país, o que se almejava não era uma obra palaciana, e sim uma literatura enquanto “expressão de uma emoção comum, autêntica e direta” (SHINADA, 2001). Por meio de poemas assim, que poderiam ligar o povo e o Imperador, a obra *Miriade de folhas* foi alçada à categoria de literatura pela qual o povo poderia ter orgulho.

A esse respeito, a “Primeira Sessão Poética” do ano realizada atualmente no Palácio Imperial é uma forma de consolidar a harmonia do Imperador e seu povo por meio dos poemas e segue o caminho traçado pelo Estado Meiji.

Por esses motivos, a tradução para o inglês de *Narrativas de Genji* feita por Suematsu Kenchô enquanto diplomata não foi divulgada pelo governo Meiji. Pelo seu elevado teor literário, essa obra foi escolhida como objeto de propaganda no exterior sobre a existência de uma cultura elevada no Japão, mas não seria exagero afirmar que se tratava de uma obra que se gostaria de manter oculta dentro do Japão.

4. Higuchi Ichiyô – surgimento da obra *Comparando estaturas* e seu significado

– A sucessão verdadeira de *Narrativas de Genji* e a criação de uma nova literatura.



Figura B - Capas de *Comparando estaturas*, dois exemplos⁵

Começemos pelo enredo da obra.

O cenário é a cidade baixa de Tóquio do início de Meiji. A protagonista é Midori, uma jovem bela e dinâmica de 14 anos. Ela acalenta sentimentos ternos por Shinjo, de 15 anos, filho do monge de um templo. As crianças das redondezas se confrontam divididas em dois grupos, e Midori pertence a um deles e Shinjo ao outro.

Na noite do festival de verão de agosto, um dos meninos mais levados do grupo de Shinjo ofende Midori em público, além de arremessar uma sandália cheia de barro em sua testa. Shinjo, que não estava no festival, fica condoído ao saber do fato e, a partir do dia seguinte ao acontecido, Midori deixa de ser a menina alegre de sempre, fechando-se dentro de casa. Mesmo com a visita de Shôta de 13 anos e que lhe era mais próximo, ela continua sob o edredom assumindo uma atitude histérica.

No período de chuva intermitente de final do outono, Midori faz um penteado takashimada usado pelas moças que alcançam a maioridade (no Japão, alcançada aos 20 anos), e é elogiada por todos por sua beleza, mas ela se fecha dizendo: “não quero virar adulta. Ser adulto é algo desagradável”. Na realidade, Midori é a filha de um casal que trabalha e mora num estabelecimento chamado Casa Daikokue, na zona de prazeres em Yoshiwara, Tóquio. A primeira menstruação da menina sinalizava a hora de se tornar uma cortesã na mesma casa.

Shinjo, por sua vez, vai para a escola de monges fora da cidade. Na manhã de sua partida, uma flor artificial de narciso é colocada no portão da Casa Daikoku na qual vive Midori, e apesar de ela não ter condições de saber que a flor fora enviada por Shinjo, toma-a nas mãos com um sentimento inexplicável de saudade.

5 À esquerda, reimpressão da primeira edição de *Takekurabe* da *Coletânea de Obras Completas de Obras Modernas* de 1976, e, à direita, a tradução em língua moderna com o retrato de Ichiyô em edição de bolso pela Editora Kawai, 2004.



Figura C – Selo da personagem Midori em *Comparando estaturas*.

Desenho de Kaburagi Kiyokata, acervo do Museu Nacional de Arte Moderna de Kyoto.

- ① A peculiaridade e o significado desse romance residem na criação de uma obra nova mesmo que baseada numa leitura minuciosa de *Narrativas de Genji*.

Como característica gerais, pode-se apontar o mundo aristocrático do Período Heian retratado nos costumes do povo da época Meiji. Mais concretamente, a cena da disputa dos carros de boi da dama Rokujô no Miyasundokoro na Festa de Aoi, em *Narrativas de Genji*, é utilizada na obra de Ichiyô na briga da Festa de Verão da cidade baixa de Tóquio no Período Meiji. Além disso, em *Narrativas de Genji*, a dama Rokujô no Miyasundokoro encerra a questão amorosa com Hikaru Genji por ficar profundamente irritada com o incidente dos carros de boi e vai para Ise, de modo que esse conflito e o episódio da separação também são transplantados para o mundo das crianças que entram na puberdade.

- ② Como características de *Comparando estaturas*, podemos observar que as personagens pertencem à cidade baixa de Tóquio e que a protagonista está destinada a ser uma pessoa (cortesã ou prostituta) comprada com o dinheiro desse mesmo povo.

③ A protagonista é uma criança (menina) e as demais personagens principais ao seu redor também o são. A obra descreve o Período Meiji pelo ponto de vista das crianças que vivem no estrato mais baixo da sociedade e o quanto uma menina que pertence a essa classe e as demais crianças desse estrato são envolvidas no mundo dos adultos, no sistema e na profissão deles.

④ Protagonista com sotaque da região de Kishû⁶.

- Nesse ponto observamos a vida de pessoas que não conseguiram continuar a viver no interior e acabam indo para Tóquio, trabalham e residem em casas de prostituição, e vendem suas filhas para serem cortesãs. No período Meiji em que o sistema de clãs é desfeito e as pessoas ganham mobilidade, o número de pessoas que iam para a cidade em busca de trabalho aumentou, e um dos exemplos típicos é descrito na obra. Nela não temos o protagonismo dos produtores, mas dos sem raízes que vivem nas cidades e vendem o seu trabalho assim como pais que vendem suas filhas para viver. Encontramos cidadãos do Estado que o eram só no nome, ou seja, cortesãs que jamais poderiam se tornar “cidadãs”, ou então o futuro de moças sem nenhum direito como “cidadãs”.

⑤ Yoshiwara fazia parte do sistema reconhecido publicamente pelo Estado (continuou até próximo da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial)

- No sistema do Estado, ao se tornarem adultas, as crianças inserem-se mutuamente na relação de “comprar e ser comprado”, e Midori que conhece por experiência própria o que isso significa, não tem outra alternativa a não ser se fechar dizendo que “não quer se tornar adulta”. Sua resistência em “recusar a sociedade adulta” sequer é compreendida por sua mãe. Essa “sociedade adulta” não é outra coisa senão o próprio sistema do Estado. Aqui fica evidente a relação entre Estado X Indivíduo e Criança X Adulto. Isto é, na angústia de Midori aparece claramente o lado desumano do sistema do Estado para com a figura do indivíduo (principalmente da mulher), o qual alheio a sua vontade, ou a de seu pais como cúmplices, contrariando suas vontades, fazem uma oferenda de corpos para esse sistema mantido pelo Estado.

6 N. T.: A região de Kishû, também conhecida como Kiinokuni, abrange a totalidade da atual Província de Wakayama e a parte sul da Província de Mie.

- ⑥ Por outro lado, em *Narrativas de Genji* as cavernas da psicologia humana estão descritas de modo universal. Essa postura é utilizada na parte mais importante de *Comparando as estaturas*. Em termos concretos, temos a figura de Midori. Tendo seu orgulho ferido e sendo psicologicamente reprimida, sua descrição é feita de modo consciente a partir da cena em que Rokujô no Miyasundokoro, esposa do príncipe herdeiro e que foi ultrajada na Festa de Aoi, transforma-se em espírito vivo ameaçador. A ira de uma mulher da mais alta nobreza como Rokujô no Miyasundokoro é transferida para uma menina de um estrato no qual não lhe resta outra alternativa senão se tornar uma cortesã. Apesar das diferenças de época e de condição social retratadas, a obra capta a psicologia humana universal que é a dor de alguém que teve o seu orgulho ferido.

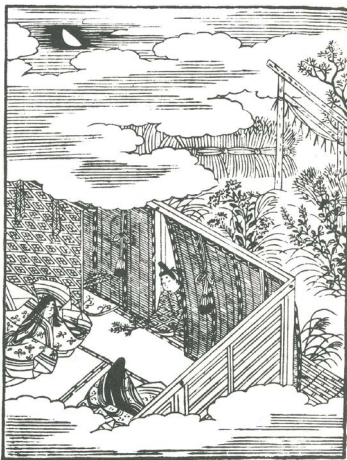


Figura D – Cena da despedida em Nowaki do capítulo Sakaki⁷

- ⑦ Há, ainda, mais uma, a cena que descreve o final do amor adolescente de Midori e Shinjo enquanto uma cena marcante que tem Rokujô no Miyasundokoro em mente.
- a disputa por Genji e o lirismo do amor adolescente.

7 “Livro ilustrado *Narrativas de Genji*” – Volume Sakaki – cena da despedida de Nomiya. 『繪本源氏物語』(賢木卷・野宮の別れの場面). Edição do Ano 3 da Era Shôh, acervo do Laboratório de Pesquisa de Literatura Nacional do Departamento de Letras da Universidade de Tokyo. 承応三年版・東京大学文学部国文学研究室蔵Associação de Publicação de Livros Raros, 1988.

- Shinjo, ao deixar a cidade, faz chegar a Midori “uma flor artificial de narciso”, mas por que essa flor? Porque toma por base o capítulo Sakaki de *Narrativas de Genji*. No capítulo em que Hikari Genji visita Rokujô no Miyasundokoro quando esta resolve ir para Ise seguindo a princesa Itsukinomiya, sua filha, ele lhe oferece um ramo de Sakaki. Sakaki é uma planta que mantém suas folhas verdes em qualquer época do ano, e com isso, pretendia transmitir-lhe uma mensagem, ou seja, que ela não “secasse” ou “não mudasse seu sentimento por ele”.

Comparando estaturas, inspirada por esse episódio, deposita o sentimento imutável de Shinjo por Midori numa “flor artificial” de “narciso”. O sentimento eterno, imutável, depositado numa flor artificial corresponde ao sentimento intenso de Hikaru Genji por Rokujô no Miyasundokoro (Kufukihara: 2008).

- ⑧ *Takekurabe* descreve o funcionamento do Estado e as mudanças fiéis dos sentimentos humanos pelo ponto de vista de crianças de um estrato inferior da sociedade, mas o faz em consonância com o ponto de vista presente em *Narrativas de Genji* ou consciente do problema que ele representa. Independentemente da condição social superior ou inferior, a obra utiliza os temas que *Narrativas de Genji* desenvolvem: as relações humanas num sistema ou órgão comunitário imutável; o olhar de uma posição infinitamente inferior ou ainda, a relação entre Poder e Estado,

5. Yosano Akiko – o apelo ao Estado por meio de um poema.

- ① 1904: *Tu não precisas morrer* – poema que contesta a guerra Russo-Japonesa.

Mesmo ano em que ela começa a ministrar a Disciplina *Narrativas de Genji*.

- ② *Midaregami (Cabelos revoltos)* – Coletânea de poemas de Akiko e o poema antiguerra.

1901: publicado pela Associação Shinshi.

- Canta a liberdade sexual e a paixão que leva ao desejo carnal → resgate da natureza humana

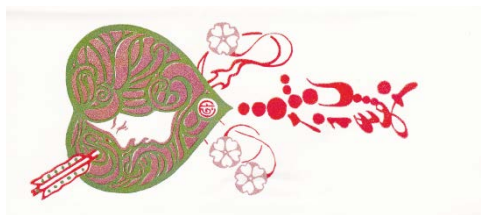


Figura E – Capa de *Cabelos revoltos*⁸

(elemento excluído pelo Governo Meiji que restaurou o poder ao Imperador).

- A partir de 1904, Akiko ministrou aulas sobre *Narrativas de Genji* por diversas vezes e inicia a primeira tradução da obra para a língua japonesa moderna. Os poemas antiguerra de Akiko afirmavam o sexo por amor, alinhando-se à tendência de *Narrativas de Genji* onde eram descritas várias formas de amar. No final do período Meiji, o Estado organizou-se sob o lema “país rico com forte poder militar” e quando o povo também se exultava pela guerra com os países estrangeiros, ela protesta contra a guerra promovida pelo Estado por meio de poemas que valorizam a “vida” dos indivíduos e de parentes, muito mais que a guerra promovida pelo Estado.

Nessa época, Suematsu Kenchô, por ordem do Premiê Itô Hirofumi, parte para a Europa com a função de divulgar a posição do Japão perante a guerra Russo-Japonesa, durante dois anos.

Akiko proclama a importância da “vida” do povo em relação ao Imperador = Estado, e Suematsu trabalha para encaminhar a guerra do Estado para um lado vantajoso, o que é muito contrastante.

Enquanto Suematsu se empenha para o Estado na consecução da guerra, Akiko critica o Imperador que estimula a guerra (vide as partes grifadas do poema abaixo).

Como irmã mais velha que se preocupa com a vida do irmão mais novo, ela vai de um discurso extremamente humano e universal para um discurso que denuncia o Imperador.

8 Capa de *Midaregami* de Yosano Akiko na *Coletânea Nova seleção de obras famosas reimpressas* da Editora Kindai Bungakukan, 1974.

Tu não precisas morrer

Ah, irmãozinho, choro por ti.

Tu não precisas morrer.

Sendo tu quem nasceste depois,

A tristeza de nossos pais é ainda maior, muito embora

Nosso pais o fizessem segurar o punhal

E ensinado a matar pessoas,

Dizendo para matar pessoas e morrer,

Depois de tê-lo criado até os vinte e quatro anos.

[...]

Tu não precisas morrer

O imperador, à guerra

Não vai pessoalmente.

Alheio, derrama o sangue de pessoas.

Dizer para que morram no caminho das bestas

Dizer que morrer é um orgulho.

Fosse vosso sentimento profundo,

Como poderíeis pensar isso desde o início?

[...] ⁹

9 Vide poema na íntegra no Complemento 3.

6. Conclusão

Observam-se características que saltam aos olhos diante de cada uma das publicações e empreendimentos ligados às *Narrativas de Genji* nas décadas de 1877, 1887 e 1897. Na primeira, um jovem diplomata divulga internacionalmente a cultura japonesa à sociedade londrina; na segunda, as obras de Ichiyô revelam claramente que mesmo com o nascimento de um Estado Moderno, na sociedade base, meninas são vendidas para prostituição pelos próprios pais, sendo essa a realidade das crianças e dos adultos em torno a elas. Dessa obra é possível ler o questionamento sobre o que é o “Estado”, o que é “povo”, e onde esse “povo” está. Entrando na terceira, temos a vitória do governo Meiji na guerra contra a China e o avanço acelerado para ser um país rico e forte, mergulhando na guerra contra a Rússia como um grande empreendimento nacional. Por outro lado, Akiko, que na época inicia as aulas sobre *Narrativas de Genji*, compõe um poema opondo-se à guerra e direciona palavras críticas ao Imperador. A tensão é criada quando ela coloca o próprio irmão mais novo em contraposição ao Imperador na parte em que canta: “O imperador, à guerra, não vai pessoalmente”. É impossível criar uma expressão assim sem a percepção de que tanto o imperador quanto um soldado são igualmente seres humanos. O espírito de Akiko em louvor ao ser humano surge como dura crítica em relação ao Estado e ao Imperador no momento em que a nação está em guerra.

Praticamente na mesma época, Suematsu Kenchô, o tradutor para o inglês de *Narrativas de Genji*, recebe a ordem do Primeiro Ministro Itô Hirofumi apelando aos países da Europa sobre com uma propaganda sobre a posição do Japão na Guerra Russo-Japonesa. Tendo seu mérito reconhecido, ele se torna o Responsável pelo Conselho Privado e logo depois, membro da Teikoku Gakushi In, a Academia Imperial¹⁰. A atitude de Suematsu e de Akiko para com a Guerra Russo-Japonesa são contrastantes, mas a diferença está no modo como cada qual leu *Narrativas de Genji*. Suematsu divulgou ao mundo o grau de elevação da cultura japonesa, mas para Akiko, não se tratava de a obra ser elevada culturalmente para promover o poder nacional, a questão era que *Narrativas de Genji* apresentava pessoas dos mais diversos tipos, e que vivam com todas as suas como seres humano, saboreando alegrias, tristezas e sofrimentos e por vezes, adotando atitudes amorais. Presume-se que isso foi o que ela apreciou nos seres humanos ali retratados. E isso liga-se ao universo de *Cabelos Revoltos* que enaltecem a paixão e o sexo com amor.

Ichiyô, por sua vez, foi esplêndida em cantar sua juventude enaltecendo a si mesma. Enquanto descrevia a vida de cada uma das crianças, ela expõe a organização e as incongruências da nação e da sociedade, e principalmente em relação às meninas e às mulheres. *Narrativas de Genji* foi a obra que serviu de sustentáculo para o mundo de seu romance. Ichiyô não grita clamando por atenção. Limita-se tão somente a descrever

10 Instituição máxima do mundo acadêmico que objetiva o progresso tecnológico e científico. Nome recebido em 1906, como sucessora da antiga Academia de Tóquio (Tokyo Gakushikai In) criada em 1879. Em 1947, muda o nome para Academia do Japão (Nihon Gakushi In).

realisticamente a situação, as ações e os sentimentos das personagens do romance. Contudo, nelas, a nação aparece espelhada tal como ela é. A tristeza do ser humano acorrentado ao sistema vigente transparece com nitidez a revelar belezas e possibilidade infinitas.

O mesmo ocorre com *Narrativas de Genji*. Descrevendo as alegrias e tristezas dos seres humanos, a obra reflete a situação da época e daquela sociedade. Ichiyô conseguiu herdar de maneira mais profunda a narratividade, o espírito e o lirismo de *Genji Monogatari* e construiu, no mundo do romance, o Estado e o sistema da época Meiji.

Ichiyô e Akiko trouxeram à tona a situação do Estado e suas contradições a partir da posição da mulher, do povo e do ser humano, ou, poder-se-ia dizer que as contestaram. Para elas, *Narrativas de Genji* não foi pura e simplesmente uma obra clássica refinada, mas serviu para enxergar a sociedade moderna como algo real, e também como esteio para nela sobreviverem. Aqui reside o poder oculto de um clássico, que existe para proporcionar deleite e aprendizado, e vai além: leva-nos a olhar para nós mesmos na vida que vivemos, e para enfrentar a sociedade, e creio que é isso que tanto Ichiyô quanto Akiko questionam e expõe.

Referências Bibliográficas

- KAWAKATSU, Mari. **Meiji kara shôwa ni okeru Genji Monogatari no hen'yô**: kindai nihon no bunka sôzô [*Transformações de Narrativas de Genji de Meiji a Shôwa: criação da cultura no Japão moderno*]. Tokyo: Izumi Shoin, 2008.
- KUFUKIHARA, Rei. Takekurabe – Suisen no tsukuribana no nazo o toku [*Comparando estaturas – desvendando o mistério da flor artificial de narciso*]. In: **Genji monogatari no henbô** – Towazugatari; Takekurabe; Genji shinsakunô no sekai. [*Transformações de Narrativas de Genji – O mundo das obras “As confissões de Lady Nijô”; “Comparando estaturas” e “Novas peças de No de Genji”*]. Tokyo: Ôfû, 2008, pp. 75-109.
- SHINADA, Yoshikazu. **Man'yôshû no hatsumei**: kokumin kokka to bunkasôchi toshite no koten [*Descoberta da Coletânea Miríade de Folhas: obra clássica como dispositivo cultural e estatal*]. Tokyo: Shin'yôsha, 2001.

ANEXOS

Complemento 1: Sobre *Takekurabe*

- a Descreve o povo sem afinidade com o Governo e a política e a vida do povo da cidade baixa no início do período Meiji.
- b As crianças na puberdade são o seu centro. As crianças são feitas protagonistas nos romances desde a formação da Literatura Infantil no período Taishô (1912-1925).
- c As cinco crianças, cada qual em sua posição pueril, vivem sob o véu da profissão e da sociedade dos adultos, são miniaturas dos adultos = miniatura da vida do povo de Meiji.
- d O eixo principal da narrativa é o amor adolescente de Midori e de Shinjo.

→ o amor da infância segue a rota dos clássicos

- *Narrativas de Ise*, 23º. Episódio: “A mina d’água”.

Narrativas de Genji aplicam a história das *Narrativas de Ise* no amor de infância do filho e da sobrinha de Hikaru Genji e de Yûgiri e Kumoigan dentro de uma narrativa longa.

Mil anos depois, *Comparando estaturas* faz renascer esses clássicos na forma de um romance.

- e Midori tem em mente a protagonista Wakamurasaki de *Narrativas de Genji*. (O romance registra como Wakamurasaki).
- f Midori, formosa, cheia de vida e sociável, torna-se outra pessoa, totalmente diferente, após o festival de verão; tranca-se em casa e toma atitudes históricas e esse é o foco deste romance. Aqui, o sofrimento de “Rokujô no Miyasundokoro”, esposa do ex Príncipe Herdeiro, é transferido para Midori, a cortesã do estrato mais inferior que pode ser vendida e comprada pelo dinheiro do povo.

g formado monge, Shinjo jamais haverá de reencontrar com Midori que vira cortesã. Hikaru Genji transmite seu amor eterno por meio do ramo de *sakaki* que nunca seca e Shinjo faz o mesmo com a flor artificial de narciso.

*flor de narciso = desde o Período Edo era sinônimo de um jovem varão. Na mitologia grega também, Narciso é um garoto).

Complemento 2: Shinshi é uma das associações de poemas. Foi criada pelo poeta e tankaísta Yosano Tekkan (1873-1935) em 1899 com o objetivo de renovar o poema *tanka*. Em abril do ano seguinte, é lançada como revista Myôjô. Marcou época na história do *tanka* e do poema moderno de tendência romântica. Entre os membros, estavam Kitahara Hakushû (1885-1942), Kinoshita Mokutarô (1885-1945), Ishikawa Takuboku (1886-1912), entre outros.

Complemento 3: Yosano Akiko – *Tu não precisas morrer*

(Lamentando a viagem de Sôshichi, seu irmão mais novo para integrar as tropas de ataque)

Ah, irmãozinho, choro por ti.

Tu não precisas morrer.

Sendo tu quem nasceste depois

A tristeza de nossos pais é ainda maior, muito embora

Nossos pais o fizessem segurar o punhal

E ensinado a matar as pessoas

Dizendo para matar as pessoas e morrer

Depois de tê-lo criado até os vinte e quatro anos.

As pessoas do outono da cidade de Sakai
Sendo um senhor que se orgulha da família antiga
Sendo tu que herdará o nome dos pais
Mesmo que o castelo desmorone
Mesmo que não desmorone, do que se trata,
Tu não sabes, das pessoas do outono
Família sem regras

Tu não precisas morrer
O imperador, à guerra
Não vai pessoalmente.
Alheio, derrama o sangue das pessoas,
Dizer para que morram no caminho das bestas
Dizer que morrer é um orgulho
Fosse vosso sentimento profundo,
Como poderíeis pensar nisso desde o início?

Ah, irmãozinho, na guerra
Tu não precisas morrer
No outono passado, ao nosso pai

Atrasada, nossa mãe
Em meio à tristeza, condoída
Ofereceu seu próprio filho em proteção à casa,
Nessa Vossa Era Imperial que haveria de ser de paz
Os cabelos de mamãe são mais grisalhos agora

Chora à sombra da cortina
Frágil, a jovem esposa
Tu esqueces, lembrais,
Separou-se sem ficar dez meses,
Pense no seu sentimento de menina
Tu não és sozinho neste mundo
Ah, a quem recorrer,
Tu não precisas morrer.

Obs: O presente texto foi extraído de **Obras completas de Yosano Akiko**. Volume IX.
(Poemas diversos capítulo 40), Tokyo: Kodansha, 1980.

(Tradução do japonês para o português de Neide Hissae Nagae)

CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Av. Prof. Lineu Prestes, 159 - Cid. Universitária - CEP 05508-900 - Tel./Fax: (011)
3091-2426/2423 - São Paulo - SP - Brasil

REVISTA ESTUDOS JAPONESES No. 37 - NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Trabalhos para publicação

Serão publicados artigos de perfil acadêmico que tratem de temas relativos à Língua, Literatura e Cultura Japonesa, abordados à luz de metodologias científicas.

2. Idiomas

A revista Estudos Japoneses publica artigos em português, inglês, francês, espanhol e japonês.

3. Extensão dos Textos

Todo artigo deve ter no máximo 30.000 caracteres (= aproximadamente 20 páginas digitadas em espaço 1,5).

4. Formatação do texto

a) layout da página e espaçamento: tamanho A4, fonte Times New Roman, margem 2,5 cm e espaçamento 1,5.

b) título e identificação: o título deve estar em negrito, em caixa alta e alinhado à esquerda da margem. Recomenda-se que ele não ultrapasse duas linhas. Os artigos devem ser submetidos sem qualquer identificação.

c) resumo e palavras-chave: um obrigatoriamente em português, acompanhado de cinco palavras-chave, e outro em inglês, acompanhado por cinco palavras-chave no mesmo idioma. O resumo não deve exceder dez linhas, em cada versão. Deve deixar espaço de duas linhas entre o nome e o resumo em português, e uma linha entre as palavras-chave em português e o resumo em inglês. Não deve saltar linha entre os resumos e palavras-chave.

d) subtítulos: os subtítulos devem estar destacados em negrito e ter numeração sequencial a partir de 1 (um), seguida por ponto.

e) citações: devem aparecer no corpo do texto, indicando o sobrenome do autor, a data da publicação e a(s) página(s) citada(s), entre parênteses. No caso de diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano, o dado diferencial será uma letra após a data (por ex.: SANTOS, 2011a; 2011b).

As obras citadas no corpo do texto devem constar obrigatoriamente da bibliografia no final do artigo, com dados bibliográficos completos, como segue:

e.1) no caso de livros: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Livro: subtítulo (sem negrito). Edição. Local de publicação (cidade): editora, ano de publicação. Série, número da série, se houver.

Ex.: SANTOS, Alberto. Língua Japonesa: traduções. 1ª. ed. São Paulo: Saraiva, 1920.

e.2) no caso de artigos de revistas: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Artigo. Título do Periódico, Local de Publicação (cidade), volume, número, páginas inicial-final, mês e ano.

Ex.: SAVIANI, Demerval. A Universidade e a Problemática da Educação e Cultura. Educação Brasileira, Brasília, v.1, n.3, p. 35-58, maio/agosto, 1979.

e.3) no caso de artigos de coletâneas: SOBRENOME, Prenome do Autor (por extenso). Título do Artigo. In: SOBRENOME, Nome do organizador. Título da Coletânea. Edição. Local de Publicação: Editora, Data. Capítulo, página do capítulo.

Ex.: CUNHA, Alves. Ações para deter o desmatamento. In: GOUVEIA, Cristine (org.). Ecologia Mundial. 2ª. ed. São Paulo: Ed. Crescer, 1999. Capítulo 13, p. 179-185.

Nos demais casos não especificados, a padronização deve seguir as Normas da ABNT. A descon sideração das normas implicará devolução dos artigos.

f) termos e nomes japoneses: a romanização dos termos japoneses deve seguir as regras do Sistema Hepburn. As vogais longas devem ser indicadas por meio do acento circunflexo (ex. â, ô, û). Para maior clareza, uma apóstrofe deve ser empregada para grafar a separação das sílabas nas palavras do tipo shin'yô ou Man'yôshû. Os kanji podem ser utilizados desde que acompanhados por sua correspondente em letras romanas e os nomes próprios devem seguir a seqüência sobrenome e nome, conforme o sistema japonês. Ex.: 万葉集 (Man'yôshû); Natsume Sôseki.

g) ilustrações: devem ser colocadas no corpo do texto e acrescidas de citação da fonte, caso não sejam originais do trabalho. As ilustrações devem ser utilizadas quando indispensáveis para o entendimento do texto, pedindo-se que fotos, mapas, gráficos ou tabelas tenham boa resolução visual, de forma a permitir uma reprodução de qualidade.

5. Envio de artigos para apreciação

Os artigos devem ser apresentados no formato de arquivo de Word, indicado pelo título do artigo, sem qualquer identificação.

Esses artigos devem ser submetidos no sistema, no link <https://www.revistas.usp.br/ej/about/submissions#onlineSubmissions>

7. Ressalvas

Ao Conselho Editorial reserva-se o direito de não permitir a publicação dos textos enviados, bem como o de solicitar aos autores possíveis alterações. Todo material encaminhado para publicação deve ser inédito ou sua tradução para o português, com a anuência do autor sobre a publicação e seguir rigorosamente as normas de publicação e seu conteúdo será de exclusiva responsabilidade do(s) autor (es).

8. Formato de publicação

A revista Estudos Japoneses será publicada somente no formato digital

Coordenação Editorial
Leiko Matsubara Morales

Diagramação
Simonia Fukue Nakagawa 0010837/PR

Formato	16 x 23 cm
Mancha	12,5 x 20 cm
Tipologia	Times New Roman 11 e 14
Número de páginas	143

天の原 ふりさけみれば 春日なる

三笠の山に いでし月かも

阿部仲麻呂 (698 – 770)

『古今和歌集』 羈旅 (406)

Amano hara furisakemireba Kasuga naru

Mikasano yamani ideshi tsuki kamo

Abeno Nakamaro (698 – 770)

Kokin Wakashû – Kiryo (406)

No infinito céu,

Lá no alto vejo a Lua.

Seria ela a mesma

Que vi no Monte Mikasa

Da tão longínqua Kasuga?

Abeno Nakamaro (698 – 770)

Kokin Wakashû – Viagem (406)